This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

869.8
C348
mem
V.2

A 474017 DUPL

PRESENTED BY
The University of Michigan Libraries
1817
ARTES SCIENTIA VERITAS

Santino Gomes da Costa

Pelo Fraco

Dezembro 15 de 1861

Pertence a

Manoel Casimiro Gs da C

Rua de S. João N 10

Adriano

Manoel

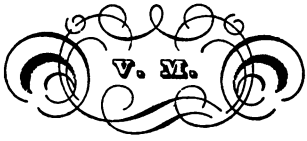
MEMORIAS DO CARCERE.

MEMORIAS DO CARCERE.

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

VOLUME II.



PORTO,
EM CASA DE VIUVA MORÉ — EDITORA,
PRAÇA DE D. PEDRO.

A mesma casa em Coimbra, Rua da Calçada.

Casa de Commissões em Paris, 2 bis, Rua d'Arcole.

1862.

869.8
C348 mem

v. 2

TYP. DE SEBASTIÃO JOSÉ PEREIRA,
Rua do Almada, 641.

MEMORIAS DO CARCERE.

I.

Noite alta sahi do meu quarto. Os corredores estavam em escuridão cerrada. A luz da lampada apagára-se sob a pressão aquosa do ar.

Ouvi o resonar cavernoso dos guardas, e o fremente assovio do norte nos zimborios magestosos d'aquella caverna miasmatica.

Passei ávante, apegado ás arcarias. Escorregavam-me os pés no soalho lamacento, e a frialdade gordurosa das paredes regelava-me as mãos, e filtrava-me ao peito uma dôr glacial, angustia indescriptivel.

Encostei-me ás portadas do cubiculo, que fôra oratorio de padecentes, e avoquei á phantasia quantos pavores podiam accender-m'a em chamma febril.

E o vento, raspando nos ferros exteriores, semelhava os gemidos dos padecentes, conglobados n'um só gemido.

E passei ávante, soffreando a respiração, para que o menor som d'aquella infernal e mysteriosa harmonia calasse em minha alma.

Não sei que tempo vivi n'aquellas trevas, nem quantas vezes o brado das sentinellas revoou nas profundas abobadas.

Súbito, um gemido, longo como o grito estertoroso de victima, lentamente sopezada em mãos de algoz, me espertou da sepulcral lethargia.

Era vôz de mulher, se anjo da agonia não vinha assim gemer na terra, com as notas dos canticos do ceu.

Acompanhavam-o accordes de musica, plangentes como de harpa, dulcissimos como as melodias dos arrobamentos dos santos, perdidos d'alma na bemaventurança d'além-mundo.

E fui ávante, porque os sons clamorosos, e a musica pungitiva vinha do lado em que bruxuleava uma lampada.

Dei de face ante uma porta cintada de ferro, e trancada d'um ferrôlho, que simulava grossa alavanca, suspensa entre anneis.

E esta porta abriu-se de par em par, e os eccos não lhe ouviram um rugido leve dos gonzos.

Estava eu em frente da enfermaria dos prêzos. Ajustei o rosto á fresta da porta, que os separava do meu recintho, e vinham de lá umas lufadas fetidas, que nauseavam, e me batiam de encontro ao craneo como pancadas surdas de vai-vem de ferro.

E permaneci immovel áquelle respiraculo da mor-

to, como se alli fosse pedir áquelles que se estorciam a minha agonia.

Contemplei, e vi.

Ao tôpo do extenso corredor estava arvorada cruz enorme com a imagem de Jesus-Christo. O escarlate lustroso das chagas relusia na penumbra da lampada. Ladeavam a cruz duas jarras de flôres murchas, e mortas ao ar mortal do halito dos enfermos.

E ouvi o gemer roufenho do arquejar d'um agonisante. Nem um padre, nem uma voz humana, nem a consolação d'um amigo ou inimigo compadecido.

E ouvi o blasphemar d'outro agonisante, que sacudia os braços, e afuzilava nos olhos ao raio frouxo da luz, cujos raios morriam ao pé do seu catre, como se a esperança do expirante houvesse de morrer com elles.

Esperei: e vi trespassar o primeiro. Fugi á visão medonha do segundo, porque o pulmão se me rasgava com a peçonha d'aquelle ambiente.

Puz os olhos fitos nas chagas de Jesus, e disse:

« Oh Christo! O teu codigo tem mil e oitocentos e sessenta annos! A justiça dos homens é haurida dos teus divinos preceitos! Contempla da tua cruz, ó Filho de Deus, esses homens, que te maldizem, porque ninguem lhes ensina que a justiça, que assim os mata, não é obra tua, Senhor Deus de Tyberiades, do Cedron, do publicano, da adultera, de Dimas, e de Magdalena! »

E a toada dos anjos e os harmonicos da harpa, coaram outra vez em meus ouvidos.

Voltei o rosto para as trevas fronteiras, e apalpei-as, até encontrar a frialdade d'um possante ferrôlho.

Abriu-se de par em par a porta, e o canto gemente veio em ondas d'um ar infecto como exhalações cadavericas.

Era a enfermaria das prêzas.

Alli não estava o Christo, nem lampadario, nem symbolo de piedade. Era tudo symbolico de morte sem esperança, porque as trevas do tumulo não são mais carregadas.

E caminhei entre duas alas de grabatos, que eu presentia no resonar altò d'umas, e no convulsivo gemer das outras prêzas.

Na extrema d'esse corredor estava uma outra porta, por cujas fisgas azulejavam umas betas luminosas, que pareciam coadas dos intersticios de antigos sepulcros.

Não sei que mutação se fez em minha alma; porque do interior d'aquelle ergastulo sahiram resplandores a jorro; e, entre ondas de luz vivida como a do relampago, vi dois anjos, em seus envoltorios de éther, tristissimos no aspecto.

Era um d'elles o ANJO DA DESGRAÇA, e tinha em suas mãos uma grinalda de espinhos: era o outro o ANJO DA PACIENCIA, e tinha em suâs mãos a urna das lagrimas.

E os cantares tristes, e a soada celestial da harpa vinham d'alli mui perto, sem que meus olhos podes-

sem vêr os labios que vibravam gemidos, nem os dedos que pulsavam o alaude.

« Vem! » disseram os anjos.

E tomaram de sobre uma pobre enxerga, que assentava no pavimento, uma formosa criancinha de tres annos e disseram:

« Temol-a pedido para os nossos irmãos do ceo; mas a mãe chora em nossas mãos, e pede-nos maiores tormentos, para melhor merecer a vida de seu filho. »

E eu ia beijar a criancinha, e o anjo da desgraça afastou-m'a dos labios, clamando:

« Não lhe filtres o virus da tua desgraça. Os teus labios estão viscosos da taça do crime. Deixa-o dormir, que está vivendo na sua patria, e entende as alegrias do ceo. »

E o anjo, que fallára assim, apertou-me ao seio com amargo transporte, e disse-me:

« Com que amor te hei querido! Que espectaculo vou dar-te como prova extrema de amar-te muito! »

E fendeu-se um véu de trevas, ao fim d'um lôbrego passadiço, por onde os anjos me guiavam, sem radiarem sua luz á escuridão circumposta.

E vi uma mulher sentada a um piano, sobre o qual goteavam as abobadas. Dedilhava nas teclas, e immergia os olhos nos recantos escuros da sua caverna.

E o anjo da desgraça pôz-lhe a mão no seio, e ella chorou.

E o anjo da paciencia, recebendo as lagrimas na urna, pôz-lhe a mão na fronte, e ella sorriu.

Um anjo dissera: SOFFRE.

E dissera o outro anjo: ESPERA.

E o cantico, um instante suspenso, continuou; e os labios diziam estas palavras, que se abriam em minha memoria a buril de fogo:

« Ó minha infancia! ó meu dôce amor das flôres, e do ceo estrellado!

« Ó minhas irmansinhas, fugidas pombas, que vos não amerceaes de mim no ceo!

« Ó minha mãe, que me déste a tua derradeira benção, e as tuas derradeiras lagrimas!

« Ó meu pae, que achavas este mundo indigno da tua filha querida!

« Descei, larvas queridas, e dai-me uma dobra de vossa mortalha para eu limpar as lagrimas!

« Vinde, minhas irmans, e tomai da minha corôa ensanguentada alguns espinhos, e ide com elles a Deos a pedir-lhe misericordia!

« Vinde ao meu tumulo, se vos não affronta a minha ignominia! Vinde, virginaes corações de minhas irmans, e ajudai-me a lembrar a minha mocidade! Levai-me ao berço de nossos irmãosinhos mortos, e dai-me flôres para eu os coroar para o ceo! »

Calou-se, e aconchegou do seio as mãos geladas, e murmurou:

— Que frio, meu Deus!

E o anjo da desgraça juntou as suas mãos ás d'ella, e disse-lhe:

— Aquece-as no incendio que te devora os pul-

mões. Cospe n'ellas uma golfada do teu sangue, que calcina como lava vulcanica.

E a martyr continuou o seu cantar.

Era já outra a voz, e terrivel de rispidez o acompanhamento da musica.

Confrangeu-se-me o coração, porque era este o dizer d'ella:

— Foram á minha innocencia, e á minha formosura, e lançaram em pregão uma e outra.

« E quando eu pedia que me deixassem uma primavera mais para chorar sobre as minhas flôres, mandavam-me sottopôr o coração a um cofre de ferro em braza, cheio de oiro e lagrimas.

« E, se eu cahia de vergonha diante de mim propria, covarde para a rebellião contra a prepotencia de meus paes, levantavam-me do meu abatimento com a ponta do pé, ou queimavam-me as faces com bofetadas para que as lagrimas seccassem depressa, e m'as não visse o homem que me comprára!

Aqui, o canto era um desabafar em crebros soluços, e as mãos corriam vertiginosas sobre o teclado, como se em cada tecla chammejasse uma lingua de lume.

E o anjo da paciencia pôz-lhe a mão na fronte, e sellou-lhe os labios. E as lagrimas rebentaram a quatro para a urna, que as evaporava em perfumes a Deus.

E, outra vez, aconchegou as mãos ao seio, murmurando:

« Que frio, meu Deus! »

E vi-a levantar-se já serena, mas hirta como os fantasmas de Macpherson.

Caminhou ao longo do corredor lôbrego, e ajoelhou-se no chão, e debruçou-se sobre o filhinho, que dormia, e sorria, e ciciava umas palavras, que ella parecia entender-lhe.

E, depois, abriu a janella, e encostou a um varão de ferro a fronte afogueada.

O horisonte do mar estava rubido, como os tectos d'uma cidade em lavaredas.

E o norte vinha de lá refrigerar-lhe a fronte, e apagar-lhe no seio os borbotões do sangue fervente.

Mas ella bafejava as mãos, e dizia:

« Que frio, meu Deus! »

E voltou, de golpe, para as sombras do seu antro, murmurando:

« Se eu pudesse dormir!...

E então lhe disse o anjo da desgraça, tomando-a pela mão:

« Aqui tens a tua enxerga nas taboas, e a manta da caridade para te cobrires.

E ella deitou-se, aconchegando da barba convulsa a orla da cobertura.

Eu vi sentar-se ao seu lado o anjo da paciencia, e dizer-lhe:

— Dorme!

E ella adormeceu envôlta em uma columna de luz,

que rompia as abobadas, e topetava com a profundeza dos ceus.

Vi-a sorrir adormecida; e eu disse ao anjo da paciencia:

« Sorriem estes labios!?... Que visão lhe deu á desgraçada o Senhor, que te enviou a ella?!

« Vê as almas de suas irmans, que descem na columna luminosa a consolal-a. » — respondeu o anjo.

E eu ajoelhei ao pé d'ella . . . . . .

. . . . . .

Restrugem os ferrolhos nos seus anneis. Acordo. Vejo o dia no meu quarto!

Era um sonho! Mas que magnifico e pavoroso sonho eu tive!

Antes assim, meu Deus! Que feia seria a vossa creação, se, debaixo do vosso throno fosse possivel a desgraça da mulher da minha visão!

Bem hajas tu, chaveiro, que me espertaste d'aquelle pezadêllo, em que eu vertia por compaixão da martyr as lagrimas que não tinha para as minhas dôres!

II.

Longe de nós os sonhos! Vamos a realidades bem chagadas, bem em carne viva, bem postas em galerias de paineis, que pintem a vida, o homem, a perfeição, a obra do ultimo dia, após o qual Jehovah, vendo que era optimo o feito, descançou.

Eu é que não descanço a trazer a lume aquellas amostras de perfeição, que demoram obscuras nos seus antros, como se alli mesmo não estivessem por conta de Deus, que paternalmente as fez.

Tem assignalado logar n'estas minhas biographias o senhor A. A. d'A. S., morgado do R***, natural de Entre-ambos-os-rios.

Não sei em que arvore de rei godo entronca a vergontea dos Sodrés, cujo representante alli está na Relação, e de lá irá sumir-se nas areias africanas, como delgado fio de lympha, reliquias de torrente, que veio soberba atravez dos seculos.

O morgado do R***, filho e neto de perdularios e façanhosos fidalgos, foi fiel ás tradições e ao exemplo;

dando muita pancadaria, e dissipando á tôa o morgadio, já retalhado e ferido de morte.

Parece ter quarenta e cinco annos. Apparenta structura debil, e não desdiz das raças apuradas na delicadeza do feitio. As feições são finas e sympathicas. O ar, os modos, este complexo de nadas, que denotam cultivo de boa sociedade, não os tem. Ressabe ao montesinho, e logo se denota como homem de aldeãos costumes e convivencia de ralé.

A mocidade do morgado foi borrascosa em desordens de feiras, onde elle campava, não de valente com um varapau nas unhas, mas de destro em desengatilhar as pistolas, companheiras fieis dos seus coldres.

Casou muito môço com uma senhora, parenta de uma das principaes familias do Porto. Foi casamento de contracto, e de martyrio para a sacrificada menina. As familias d'aquelles sitios pasmaram de tal consorcio, e lastimaram a victima, ainda antes de ella implorar a piedade publica, para allivio de secretos desgostos.

O morgado não mudou de vida para melhor; peorou-a em ligações adulterinas com differentes creaturas venaes, ou talvez timoratas da sanha despeitosa d'elle.

Em uma de suas quintas alojára o senhor S*** uma das mais dilectas concubinas, servida de estado e regalias, que negou á esposa. Os filhos d'ella eram mais estimados que os legitimos. Lá passava temporadas, saboreando-se no amor de familia, que o anojava

nas caricias da familia propria. O melhor dos productos de sua lavoira era recadado na casa da mulher vil de nascimento e vil de instincto, que authorisava a flagellação da santa esposa, sem lhe amar o marido.

Nos primeiros tempos de marido foi o senhor S *** culpado n'um homicidio; mas venceu com dinheiro a vindicta da parte. Este successo vingou-lhe creditos de invulneravel á justiça, e a impune arrogancia de vencer pelo terror.

No decurso de vinte annos o morgado grangeou fama de todas as ignominias. Nos arredores do seu solar temiam-no como salteador, arguição não provada em depoimento de testemunhas. Assentava, talvez, a hypothese no facto de elle ter esbanjado todo o seu patrimonio, e continuar a possuir bons cavallos, e a dispender em custosos caprichos.

Quando, porém, o viram descarnadamente pobre, solicitando emprestimos insolventes de amigos e parentes, o terror que tinham d'elle disparou em menospreço, e contentamento de vingança.

Mas não era o morgado do R *** homem que desmaiasse de instinctos bravíos pelo accidente da pobreza, que só debilita os orgulhos postiços, e as almas de todo o ponto baixas.

Contam os seus conterraneos, que, sendo elle um dia instado em termos desabridos d'um credor para pagar-lhe, o morgado pagou-lhe em prata, e disse: « Agora has de receber o juro em chumbo. » E dizendo, abriu-lhe com uma bala na cabeça larga fenda á

vida. Isto contou-m'o o reitor da parochia do senhor morgado, com santo horror do feito, e eu conto a coisa assim para aviso de usureiros, a quem possa descontentar o pagamento de suas onzenas em semelhante especie.

Contam que outro credor fôra assassinado por egual theor; mas eu vacillo em crer todas as atoardas que giram á conta d'um homem seguro entre ferros.

O morgado cahira em extrema pobreza ha dois annos. As colheitas dos pouquissimos e desamanhados bens escasseavam para o segundo mez do inverno. Em casa não havia um lençol, nem uma cama decente para a infeliz senhora. As familias principaes esmolavam-lhe a ella alimentos e roupas; e a virtuosa repartia do pão e da cobertura com a mãe dos filhos de seu marido, tirando aos seus o que podia esconder de suas lagrimas supplicantes.

Tem a senhora um parente no Brazil. Chegou lá a noticia da pobreza d'ella. Desde logo o primo, que fôra pobre, e a trabalhar enriquecêra, lhe estabeleceu mesada de doze mil reis, que ella entregava inteira a seu marido, e hoje do mesmo modo lhe remette para a cadeia.

Quasi atidas a estas migalhas viviam as duas familias do morgado do R***, quando se não azava o ensejo ao desacreditado fidalgo de enganar algum incauto sobre a presumpção de possuir bens hypothecaveis.

Agarrochado por desgostos e insultos, o morgado

Acolheu-se ao seio da familia, como quem nenhum outro refugio tinha. Porém, a mulher e os filhos, que lhe davam remanso e socego, não era a martyr, nem os esfarrapados meninos. O espectaculo d'uma senhora, illustremente nascida e educada, assanhava-lhe as impaciencias. Tres filhos sem educação, sem amor, sem as alegrias que desassombram a tristeza d'um pae, eram-lhe incentivos a enojo, e accusação pungente. D'ella e d'elles fugia o morgado, e no estupido contentamento da mulher prosperada em confronto com o que fôra, e dos filhos carinhosos, porque tinham sido acarinhados, é que o amante e o pae desafogava as amarguras, e, para assim dizer, se sentia com bondade e coração. É pois certo que em lagôas infectas vecejam flôres de agradavel vista; luz, a instantes, a virtude nas escuridades do vicio.

D'estes filhos o mais velho era uma menina de vinte annos, morêna de negros olhos, de estatura robusta, e de se amar devéras por quem sabe achar o bello fóra dos moldes pedagogicos que a arte nos incampa. Não era raphaelesca, nem pedia meças ás imagens de Murillo ou Tintoreto. Era uma cara portugueza de lei, minhota de primor, que se não amorenára ao sol da Arabia; mas que, em verdade, devia ter lá dentro tempestades calcinantes como as do simoun.

Dilectamente a estimava o pae, e a tinha em conta de pura, e pura de *impérvia virgindade*, como diz o oratoriano Bernardes a proposito de grandes santas.

Era illusoria a crença.

Maria queimára-se desde os dezeseis annos, como borboleta doida, na primeira flamma que vira em olhos de homem. Atraiçoada fôra; mas, ainda trahida, quão galharda se sahiu na lição que deu ao seductor!

Iria ella queixar-se ao pae?

Sair-lhe-ia aos banhos?

Publicaria sua deshonra, para que o mundo forçasse em clamorosa censura o perfido a esposal-a? Isso era vulgar para aquella môça, que tinha a distincção da suprema desventura.

Uma vez, após longas noites anciadas sem vêl-o, convicta do abandono sahiu aforrada de casa, e transpôz sósinha os dois outeiros, que os distanciavam.

Sentou-se ao portal do amado, que o era ainda, e meditou. Era a vez primeira, que se sentia mulher. Tinha um punhal no seio, e o ferro cortava-lhe primeiro as fibras a ella. O coração arquejava contra o instrumento da morte; mas a vibora da vingança, com maior pungimento, lhe alheava o espirito em impetos de raiva.

Quando cogitava afflicta, chegou o môço, o bemquisto d'outras, que por ventura vinha contando com philauciosa infamia o numero das suas triumphadas praças.

Maria levantou-se ante elle e perguntou-lhe porque a não procurava, sabendo que era esperado.

Perguntas d'estas a infastiado amante são rebates de remorso, que trovejam contra a victima.

Respondeu-lhe ironias, porque a surpreza lhe não

déra tempo a inventar a mentira. Forçado no extremo reducto, fingiu a seriedade de conselheiro, e encarecia-lhe os beneficios da resignação e do juizo.

Maria não chorou, nem com rogos fez mais feia e menospresada sua deshonra.

Tirou do punhal, quando não tinha já que tirar do peito, exhauridas as criminações.

Sorriu-se do feito o amante, e ella, affrontada da mofa, apontou-lhe o ferro ao seio, e descarregou o golpe.

Não lhe valeu a elle o rebatel-o com o braço. Entrára funda a lamina, e as pernas do ferido oscillaram como se o golpe o fulminasse.

Maria seguiu imperterrita o caminho de sua casa. Entrou ao seu quarto despresentida, e confessa que lavára com suas lagrimas as nódoas de sangue do punhal.

Ao outro dia contava-se o successo. O ferido estava-o gravemente; mas dava a esperar salvar-se. Quem o ferira, ninguem sabia, nem elle. Corria que um vulto, ao perpassar por elle, lhe corrêra uma facada.

Foi lento o convalescimento; e, no entanto, Maria emmagrecia, insulava-se de todos, fallava em morrer, e orava a intervallos com pouca fé, e consolação nenhuma.

Restaurou-se o ferido, e desappareceu da terra. Esporeara-o a vergonha ou o mêdo? Sabe-o elle; e elle, se quizer, que o diga, quando voltar da America.

A mais se condensaram as trevas no animo do morgado do R***, vendo ameaçada de morte a filha, a mais amada, a primeira que lhe sorrira, e por quem mataria um homem, possuidor do pão negado á fome d'ella.

Suspeitou um enredo de infelizes amores, e instou com ella a contar-lh'os, jurando vingal-a.

Maria, sorrindo, dizia:

— Eu me vingaria, meu pae...

Andava o suspeitoso pae inquirindo da visinhança se alguma vez suspeitaram de sua filha em namoros ou conversações a deshoras. Ninguem o esclarecia; nem um rasto de luz, que elle pudesse cobrir de sangue!

Perguntou a facultativos se sua filha podia assim morrer, sem paixão d'alma. Diziam-lhe uns que a alma não tem que vêr com a morte do corpo; outros concordavam com elle na conjectura de algum grande desgosto.

O morgado do R*** abafava de cólera sem fito onde apontar a clavina, respiradouro unico de suas ancias.

III.

N'este comenos chegou, vindo do Brazil, um sujeito a Entre-ambos-os-rios.

Voltára môço de mais para ser rico. Sobejavam-lhe, ainda assim, os recursos que andára mealhando com muito lavor, e esperança de os desfructar na patria.

De pequeno fôra o brazileiro muito da casa do morgado, como usam ser os meninos pobres da sombra hospitaleira dos proprietarios ricos. Quem elle procurou primeiro, depois de sua familia, foi o morgado, que affectuosamente o recebeu, e apiedou com sua pobreza.

O môço valeu-lhe n'aquella hora, e em muitas. A sociedade queria endurecer-lhe o coração contra o dissipador; elle, porém, que o estava sempre vendo na prosperidade, em que o deixára, vinte annos antes, esquecia-se das penosas fadigas do Brazil para se despender em beneficio das duas familias.

Uma e outra já elle conhecia, porque o morgado lhe déra a distincção de fallar com a sua estremecida filha, e divertil-a dos pensamentos tristes.

O brazileiro amou Maria. Nunca outra mulher lográra roubar-lhe instantes á canceira de seu viver. Outra alguma não vira, cuja imagem lhe agitasse as insomnias, ou dourasse os sonhos.

Devêra dizer-lh'o no primeiro dia, que seria todo coração nas vozes; mas não podia, nem sabia, nem pensára no destino que o forçava á sua confissão.

De o verem frequentar a miudo a casa, diziam os visinhos que o morgado mercadejava os unicos dominios que tinha; e iam ao mesmo tempo dizer ao morgado que vigiasse a honra de sua filha.

— Tomára eu que ella vivesse— dizia o pae — que ella se vigiará, quando eu a não vigiar.

Resaltou espontaneo dos labios o amor, que trazia as azas entralhadas nos embaraços do pejo. Fallou o brazileiro, e Maria ouviu-o com pudor, o segundo pudor, que enrubesce mais a pelle que o da innocencia, o pudor da paixão que se vê requerida e chamada, sem desar, do coração recondito.

A morte já não tinha que fazer alli. Maria recobrou o viçor fenecido. Esqueceu-se. Transfigurou-se-lhe o mundo. Aqueceu-a o antigo sol. Relembraram-lhe as cantilenas da infancia. Reconheceu as amigas dos brinquedos e das folias. Já os prados lhe davam *mal-mequeres* para consultar; e a noite de S. João agouros, nas sortes abertas n'agua: e nas formas das

congelações, no vidro enchido á meia noite na encantada fonte.

O morgado alegrou-se do effeito; mas converteu em rancor a causa. O brazileiro achava-o outro e mal-assombrado quando o surprendia a sós com Maria. Humildou-se o amante, e perguntou-lhe porque o via com maus olhos. O morgado respondeu brutalmente que não pagava suas dividas com a filha. Envilecida alma que pôde responder assim! Mais baixeza ha n'isto, que ferocidade nos homicidios de sua passada vida!

Foi Maria reprehendida e ameaçada; mas a submissão filial, na môça, não podia ser exemplar, quando havia n'ella instinctos varonis, e arrojos que não tropeçavam no sangue.

Respondeu que amava o brazileiro, e tinha gloria n'isso.

Redarguiu o pae, que se ella tinha gloria, tambem elle tinha uma clavina.

Maria pediu ao amante que a deixasse, e calou os receios. Obrigada a justificar-se, confessou que temia expol-o ao odio do pae.

O pobre môço entendeu a mal-querença do morgado, como de razão era que a entendesse. Pediu-lh'a para esposa, cuidando ser acolhido com estremoso abraço. O pae quedou-se carrancudo, e disse:

— A filha do morgado do R *** não casa com um homem, que vinha á minha porta pedir o pão.

Desde este dia o brazileiro não voltou a casa de

Maria; mas contou á mãe d'ella a resposta do morgado.

Soube a môça o desfecho da sua illusão d'um anno, e avergou ligeiramente ao quebranto. Estava emancipada para todos os direitos de ser infeliz, e nenhuma força de conselho ou razão lh[illegible]mpecia os planos. Foi ella procurar o homem, que mais a merecêra pela injustiça da injuria, e disse-lhe:

— Leva-me para onde quizeres.

Para esposa é que elle a queria, e Maria respondeu-lhe:

— Não posso ser tua esposa: serei tua amante.

E contou-lhe a breve historia da sua deshonra.

A revelação espontanea, feita sem lagrimas, valeu no coração do amante como rehabilitação de pureza, e nova corôa de virgem para a fronte d'ella.

— Não importa — disse elle — serás minha mulher.

— Nunca! — redarguiu a mulher, que seria absurda, se isto fosse um romance, se eu não tivesse nos ouvidos as palavras d'ella. — Se me queres em tua companhia, aqui estou; se me não queres como sou, e devo ser para ti, adeus, e esquece-me; mas, se me acceitas, fujamos d'esta terra, que meu pae mata-te, ou tu matas meu pae.

Maria não voltou a casa de sua mãe. O brazileiro cuidava em vender as propriedades, que recentemente comprára, para se afastar com a mulher, que elle, mais tarde, esperava reduzir á honestidade de esposa.

No entanto o morgado do R * * * espiava os passos do supposto raptador da filha. Aconselhavam-o a dar querela contra elle, e o morgado respondia que a acção da justiça era muito demorada.

O brazileiro sahia uma tarde de casa d'um lavrador, onde legalisára a [illegible]nda dos bens, e encarou fito a fito no morgado. Proferiu algumas palavras pacificas, tartamudeando-as ante a clavina que o temeroso inimigo atravessára nas mãos. Animou-se a achegar-se d'elle para lhe explicar o procedimento desculpavel. O morgado fez pé atraz, metteu-lhe ao peito a arma, e traspassou-o com os zagalotes. O brazileiro cahiu subitamente cadaver.

O homicida fugiu, galgando sebes das cortinhas proximas; mas os homens, que presenciaram a morte, correram de poz elle, cortaram-lhe as evasivas, e prenderam-o. Foi encarcerado na cadeia da comarca; porém as authoridades, receosas da fuga em prisão mal segura, removeram-o para a Relação do Porto, em agosto de 1861, alguns dias depois do assassinio.

Annunciou-se a entrada d'um fidalgo, cuja fama viera adiante contando e desfigurando os crimes. Assisti á entrega do prêzo, e descri da nomeada, que o seu bom rosto contradizia. Trajava jaqueta de panno, e chapeo baixo. Accendia uns cigarros na ponta dos outros, e pedia licenças repetidas para mandar buscar genebra, que bebia copo sobre copo.

— Quer aturdir-se para o suicidio! — disse eu comigo.

Recolheu-se ao quarto que lhe deram: era uma furna de cantaria sem janella, nem mais luz, que a sombra das abobadas eminentes. Azado sepulcro!

Ao amanhecer do dia seguinte perguntei por elle ao varredor dos quartos de Malta. Disse-me que estava na cama, e pedira um cirurgião, se havia um cirurgião que lhe fizesse uma visita por caridade.

Fui ao antro do morgado do R***, ouvi-lhe a consulta dos seus padecimentos, e mediquei-o tão acertadamente que o enfermo, ao outro dia, estava no uso da sua genebra e aguardente.

Algum tempo depois o senhor S*** remunerou-me a visita e o remedio com uma bocêta de morcellas d'Arouca.

E Maria?

Maria é o mais indescriptivel e infernal episodio d'esta longa chronica de desgraças, de nojos, de infamias, e de ferocidade e degradação humana!

Maria seguiu as pisadas do pae para o Porto. Chegou ao Porto, e alugou uma casa terrea, fronteira ao quartel militar de S. Bento, onde o pae podia vêl-a. Depois, mandou dizer ao pae que estava alli. O pae foi ás grades eminentes á casa terrea, e viu a filha sentada no degrau da porta. Maria fincou os cotovêllos nos joelhos, e a barba nas palmas das duas mãos, e contemplou seu pae. Em seguida passava um grupo de soldados, e pararam defronte d'ella. E o pae via tudo, com a cabeça entre os varões de ferro. E Maria ergueu-se do limiar da sua porta, e entrou com o sol-

dado n'uma taverna visinha. E depois sahiu da taverna, e entrou com o soldado em sua casa.

E o pae via tudo com a cabeça entre os varões de ferro.

E depois....

Na lista da prostituição foi inscripto o nome de M*** E*** S***, que disse ser filha do morgado do R***.

Digam lá a um romancista que desfibre com o seu escalpello o coração d'esta mulher!

Foi um destino?

Foi uma vingança?

Foi um suicidio?

Foi uma demencia?

Não sei. Está alli uma mulher, com as faculdades d'alma assignadas nos livros de metaphysica.

Se ella fôr dissecada n'um hospital, hão de encontrar-lhe coração, baço, figado, cerebro, systema sanguineo, e um qualquer logar onde a alma esteve por hypothese.

Se submetterem as entranhas de M*** S*** á analyse d'um physiologista, ha de elle dizer-lhe que viu n'ellas todos os symptomas de terem funccionado regularmente.

É uma mulher, sem questão, aquella machina que alli está.

Remontemos. Aqui está a Biblia, o Genesis, o livro da creação.

E leio:

« Formou pois o Senhor Deus ao homem do limo « da terra, e assoprou sobre o seu rosto um assopro « de vida; e recebeu o homem alma e vida. »

Não sei mais nada.

IV.

Os officiaes de juizo—nome sem soante que destôa de beleguim, alguazil e quadrilheiro — levaram, um dia, á Relação uma mulher doida, e apresentaram ao carcereiro o mandado de captura, que a culpava de desordeira.

Desceram a mulher á enxovia, e ferrolharam sobre ella o alçapão. A doida olhou para o firmamento escuro do calabouço, e perguntou que porta era aquella que se fechava no tecto. Riram as prêzas; e a juiza perguntou á recem-chegada se ella sabia que tinha de pagar doze vintens. A doida riu-se, a seu turno, dos direitos consuetudinarios da juiza, e pediu de jantar. Ora, como as locatarias da enxovia se demorassem em estender a toalha hospitaleira á hospeda, a prêza manifestou o seu desgosto, distribuindo algumas bofetadas sem distincção de pessoa, e sacudindo pelas grenhas a cabeça inviolavel da juiza.

Gritaram as prêzas, e o carcereiro-interino fez baldear a doida pelo alçapão, e reteve-a na «sala livre»

em quanto não chegavam ordens da authoridade fiscal da cadeia. Se a authoridade recebesse exactas informações da demencia da prêza, officiaria ao juiz que a fez capturar, allegando que a cadeia não é hospital de doidos. O juiz, o administrador, o governador civil, ou quem quer que deva ser, officiaria á mesa da santa casa da Misericordia, e esta mandaria dar baixa nas suas enfermarias á doida.

O senhor procurador regio, mal informado, mandou fechar a prêza n'um quarto.

Fôra ella capturada de manhan, a hora em que provavelmente não tinha ainda comido; passára o dia sem alimento, porque á distribuição do caldo e do pão não estava ainda inscripta, nem tinha tigela. Á noite arrastaram-na ao quarto, e fecharam-a.

Para enganar a fome, dormindo, a cama que a prêza encontrou foi uma rima de ferragens, como ferrolhos, barras, varões, refugo das obras novas que se haviam feito nas enxovias.

Desde que entrou até ao romper do dia seguinte, a prêza distrahiu a sua fome, jogando a barra contra a porta e a janella. Durou a noite toda este estrepito, acompanhado de clamores, ora raivosos, ora supplicantes.

De manhan viu a doida a luz quando lhe abriram a porta, e pediu que a deixassem ir vêr seus filhos. O carcereiro reprehendeu-a do estrondo, e ameaçou-a com as algemas. Rebramiu a doida, atirando-se furiosa aos guardas. O carcereiro mandou-a segurar pe-

los braços, e lançou-lhe algemas. Algemas, meu sensivel e christão leitor do seculo da humanidade, são uns anneis de ferro, que roxeam as carnes e as mordem e deslassam até aos ossos.

A doida sacudiu as algemas, e irrompeu em gritos de dôr e desespêro. Meia hora de impotente esforço, em mulher quebrantada de fome e insomnia, bastou a tirar-lhe o accôrdo. Ergueram-na desmaiada, e mudaram-na para a enfermaria das mulheres. Os prêzos, denominados *varredores*, que a transportavam, como canastra de lixo, deixavam-na cahir e deleitavam-se segundo o som da pancada, que o corpo fazia na pedra da escadaria.

Atiraram-na ao catre da enfermaria.

A doida, recuperando os sentidos, saltou da cama, e investiu contra a enfermeira. Foi o carcereiro chamado, e mandou amarral-a de pernas e braços com cordas que lhe sangravam a carne ao repucharem-nas. A enfermeira e as outras prêzas doentes, quando assim a viram segura, entraram a espancal-a á competencia, e a rirem das imprecações, que a desgraçada vociferava, contorcendo-se nas roscas inflexiveis da corda.

N'esse dia foi á cadeia o senhor D. Pedro V. Quando o rei apeou, o carcereiro mandou abafar a doida de modo que ella não pudesse gritar, quando Sua Magestade visitasse a enfermaria.

O rei não visitou a enfermaria das mulheres, e por isso foi pouco duradoura a agonia da prêza. Não lhe tinham atado mordaça; mas apertaram-lhe a voz na

garganta com um resto de sparto. Foram uns meros ensaios de estrangulação que seria executiva, se o senhor D. Pedro V visitasse a enfermaria.

N'este dia escrevi ao senhor Lemos, juiz do crime substituto, pedindo-lhe que fizesse remover a doida que sua senhoria inadvertidamente mandára para a Relação. O digno magistrado respondeu-me, confessando a sua ignorancia da demencia da prêza, e promettendo-me removel-a d'alli para o hospital.

Foi o carcereiro avisado para lhe dar soltura; mas reagiu ao alvará, dizendo que sem ordem da Santa Casa a não soltava. Averiguei a intenção d'esta malvadez estupida, e pude saber que o abjecto gaiato, authorisado ou não authorisado, queria reter a mulher na enfermaria, para flagellar uma senhora, que vivia n'um quarto, paredes meias com as prêzas enfermas. Procurei o carcereiro, e mostrei-lhe com quanta facilidade eu partia uma cabeça dura nas grades do portão. Este argumento, verdadeira logica de ferro, incutiu juizo no mariola, e a doida sahiu. Estes grandes miseraveis são d'uma covardia ascosa, que os salva de trazerem o corpo negro como a alma.

O senhor procurador regio, quando na imprensa denominou *empregado honrado*, aquelle homem, enganou-se sem duvida, e mais tarde emendou o juizo precipitado demittindo-o virtualmente por ladrão. Chamava-se elle *José Francisco Guimarães*. Este nome anda nas secretarias solicitando empregos: honrem-no os poderes publicos; deem-lhe o pão do estado, e dei-

xem perecer de mingoa os requerentes que o serviram. A demencia d'aquella mulher tem uma historia breve e triste.

Era filha de lavradores abastados de Avintes. Vinha semanalmentè ao Porto, e captivou-se dos affectos de um official de officio, com quem casou contra vontade de seus paes. Abandonada d'estes, azedou a pobreza do marido, e cahiu depressa no seu desagrado e odio. Era amiudadas vezes espancada, e muitas vezes sahiu com dois filhos a pedir esmola ás suas amigas de infancia, que vinham ao Porto.

Quando estava em convalescença de seu terceiro parto, o marido, raivoso de se vêr pae d'um terceiro filho, quando dois cahiam de fome, injuriou ferozmente a mulher, e fez mais sensivel a injuria com as bordoadas. A enferma teve um accesso febril, e enlouqueceu.

Poucos dias além, o pae dos tres meninos foi para o Brazil e deixou-os a pedir pão á doida, que umas vezes os affagava chorando, outras os sacudia de si a repellões vertiginosos.

O lavrador de Avintes levou para si a filha e os netos. Estes lá se criaram, e por lá vivem fartos, se não estimados. A mãe, essa nunca mais volveu á razão, nem se demorou um dia na casa paterna.

É comica a razão porque a prenderam. As saias-balões das senhoras eram objecto odioso á doida, mormente se as portadoras de taes adornos se lhe affiguravam senhoras postiças, armadas d'aquelles pannos lar-

gos, que enganam de longe. Uma d'estas se ia toda peneirando e seceando na Praça Nova, quando a doida, encostada á grade, aquecia o peito nú ao sol. Ao perpassar por ella a inflada dama, sentiu-se agarrada pelos pandos encontros, e logo despojada do merinaque, que a doida, a empuxões, lhe fez cahir aos pés.

A senhorita era d'uma estôfa, que fez rir as turbas; mas os cabos de policia, que a viram apanhando em ancias as entortadas aduelas do balão, prenderam a iconoclasta doida, que derrubára o idolo de sua peanha, e a conduziram ao Carmo, e d'ahi á administração, e d'ahi ao tribunal do crime.

É o que sei da pobresinha que sahiu da cadeia com os pulsos em carne viva, e duas vezes doida, para assim o dizermos, pela mortificação das dôres.

Que destino de esposa, de mãe e de mulher!

Estas scenas passam-se debaixo do ceu, onde está o Senhor!

Gloria a Deus nas alturas!

E as benções da paz e do ouro ao esposo e ao pae, que foi para o Brazil!

V.

Eu tive ha onze annos, no Porto, um alfaiate, que chamava para minha casa, quando precisava d'alguma obra de engenho e imaginação: por exemplo, a miscellanea de tres capotes n'um, um casaco de dez algibeiras, umas botas de briche, ou coisas assim, que só podiam ser gizadas na presença do genio, que as concebia.

D'uma feita, chamei o senhor Joaquim — penso que era Joaquim — para me fazer umas polainas, e deilhe a fazenda e o salario, para elle as costurar em casa. O senhor Joaquim por lá consumiu as polainas, que eu nunca mais o vi, nem ellas me viram.

Acaso soube que o artista estava na cadeia expiando gentilezas mais credoras de tal destino, que o esquecimento de me restituir a obra.

O mestre alfaiate era casado, quando foi prêzo.

Ao mesmo tempo entrou na cadeia a senhora Quiteria de Avintes, a mais bella mulher que ainda viram as enxovias da Relação.

Era tambem casada a senhora Quiteria.

Viu-a o alfaiate, e a padeira viu tambem que era contemplada.

Contemplavam-na todos os prêzos; mas nenhuns olhos lhe disseram o que ella leu nos olhos do meu alfaiate dos capotes-mixtos!

Amaram-se como aves de longes climas, que se encontram na mesma gaiola, saudosas das suas florestas e ribeiras.

Mas barreira de vida e morte os separava! Elle tinha mulher, que lhe trazia o caldo; ella tinha marido, que lhe trazia a regueifa.

Viam-se ao menos, e conversavam momentos em dias santificados, quando lhes era permittida a fusão nos corredores, fusão de corações em infusão de vinho, que bebiam todos até resvalarem ás enxovias respectivas.

Bons tempos aquelles! Dizem os prêzos d'agora, coevos das folias domingueiras, que podia estar-se prêzo por prazer n'aquelle tempo! Eu alcancei ainda os bellos paroxismos da idade d'ouro. Aos domingos franquiava-se a sahida das enxovias e das prizões superiores. Sahia tudo a um recinto, ladeado de fructeiras, de doceiras, de belfurinheiros. Os amigos, conhecidos das encruzilhadas, abraçavam-se e jubilavam como em véspera d'uma assaltada auspiciosa. Os assassinos contavam ufanamente as proezas que a justiça sublimára ás alturas da forca. As mulheres dos condemnados riam com elles, como esquecidas das galés.

A onda do vinho banhava, como a onda do Lethes, todas aquellas memorias. Alguma vez estrugia na cara d'um o sôco promettido, ou provocado no momento; mas o alarido era tamanho, e o socado odiava tanto os processos criminaes, que se calava com o mimo, e fazia as pazes mediante a meia-canada conciliadora. Ahi era então o armarem-se paixões entre o prêzo e a prêza, que a um recanto murmuravam seus colloquios, como se, á sombra do salgueiro, remirando-se nas aguas, se estivessem á compíta de finezas.

Ahi foi, pois, que Joaquim e Quiteria se identificaram n'uma só aspiração ao impossivel de se ajuntarem decorosamente sobre a terra.

A consorte do mestre mordia-se de raiva, quando os surprendia a trocar olhares enternecidos; o marido de Quiteria, mais racional que cioso, ia saber do carcereiro se sua mulher estaria segura na enxovia. Basta philosophia tinha elle para resignar ao coração da gentil esposa: o que elle queria era a incorruptibilidade d'aquillo que o Evangelho lhe dizia que era seu: — « a carne da sua carne, e o osso do seu osso. » — Mestre Joaquim estava condemnado a dois annos de prizão, e a senhora Quiteria a quatro. A liberdade lá lhes sorria ao longe; mas a liberdade de se amarem, quem lh'a daria?

Deu-lh'a um estupendo acaso. A mulher do mestre morreu de fome, e o marido de Quiteria morreu de indigestão. Em menos de seis mezes, anciosos de infecunda ternura, os dois amantes estavam livres.

Decorridos alguns dias de irrequieto desejo, honesto desejo de se matrimoniarem, legalisaram canonicamente os seus papeis, e receberam-se no altar da enfermaria, onde as testemunhas disseram que nunca ajoelhára noiva de mais chibança!

D'esta dôce união nasceram dois meninos em dois annos, ao fim dos quaes o alfaiate cumpriu sentença, e sahiu livre. Quiteria ficou a cumprir a sua, cheia de saudades, que o marido refrigerava com amiudadas visitas, em quanto as authoridades não prohibiram a communicação de maridos, que tivessem sido prêzos, com as mulheres ainda encarceradas.

Penetrou de morte o coração de Quiteria esta punhalada do mal comprehendido arbitrio da authoridade. Requereu ella com a eloquencia da paixão, pedindo as consolações do esposo; mas a regra estabelecida não podia ser quebrantada.

Foi um pasmar a rapidez com que desmedrou o sadio semblante de Quiteria! Envelheceu em seis mezes. O fel da saudade empeçonhou-lhe a indole, que era dada e bem-fazeja. Como juiza que era da enxovia, tornou-se selvagem, feroz e intoleravel. Para maior supplicio, devoravam-na ciumes do marido, a ponto de lhe arremessar pucaros e garrafas da grade, quando elle parava na rua a fital-a com lagrimosos olhos. Logo que um acaso lhe deu ansa a confirmar suspeitas, rebentou a bomba em estilhaços que mal-feriram a reputação da filha d'um guarda. Requereu querella contra o marido, e contra a supposta rival. A queixa era

tão absurda, ou tão sem esperanças de ganancia, que nenhum procurador a tomou a seu cargo. O leal esposo dava-lhe sobejas explicações de sua innocencia; mas Quiteria exasperava-se e batia com a testa nas grades, quando estendia por ellas os braços enganados pelo desejo de colher ás mãos o pescoço do marido.

Aquella mocetona, cujas carnes roeram os vermes do ciume, deixou de erguer-se um dia, e foi transferida para a enfermaria.

Foi permittido ao marido visital-a, e com brandura e caricias cuidou remoçar a creatura, que amava ainda na nubelosa imagem do passado, tão perto d'elles. Dava-lhe para os braços as crianças, que ella afastava com rude gesto. Cuidava em distrahil-a da tenebrosa tristeza com as descripções da vida livre, que já vinha perto. Não se abria um riso nos labios da môça, porque nenhum lampejo de esperança a chamava aos seus anhelados prazeres da liberdade.

Ha poucos dias que eu entrei na Relação a esclarecer pontos duvidosos nas minhas recordações, e passou por mim, na escada, o esquife da Misericordia, que levava Quiteria a descançar n'uma cova d'Agra-monte.

Perguntei pelo marido, e responderam-me que estava a espirar, espumando, como ella, o pulmão a pedaços.

VI.

— Ó Margarida! minha irmanzinha! onde eu te vim topar!

Clamava uma mulher da rua para a janella da enfermaria.

A sentinella approximou-se da mulher, e disse-lhe:

— É prohibido fallar para as grades.

— Mas vejo alli minha irman, que não via ha tres annos! — disse ella, com as mãos fechadas em postura implorante.

— Não quero saber de contos: retire-se.

Minutos depois subiu a mulher ao escriptorio da Relação, e pediu licença para fallar com sua irman.

Foi-lhe concedida. E eu esperei.

Desceu da enfermaria Margarida, e recebeu impassivel os abraços e clamorosas exclamações da irman.

As perguntas que esta lhe fazia eram-me ininteligiveis por serem em segredo. O que Margarida respondia serenamente fazia benzer a irman.

Separaram-se, uma debulhada em lagrimas, a outra serena como descêra.

No dia immediato sahia eu da cadeia, e vi no páteo a mulher.

Acerquei-me d'ella, e perguntei-lhe porque chorava. Levantou-se, e perguntou-me se eu era desembargador. Folguei de me vêr assim conceituado pela gravidade do meu aspecto; mas tive de me despir do prestigio aos olhos da creatura.

— Vi-a hontem — disse-lhe eu — a conversar com sua irman Margarida. Porque está ella prêza?

— Oh senhor! — exclamou ella — aquillo é fado!

— Mas, se lhe não custa, diga-me como é que vocemecê ignorava que sua irman estava aqui.

— Pois eu podia lá cuidar que a nossa Margarida estava nos ferros d'el-rei!...

— Naturalmente fugiu de casa? — adiantei eu para encarreirar a historia.

— Foi o peccado, senhor! Minha mãe, Deus lhe perdôe, morreu estarrecida, e meu pae não vai longe, e morre de pasmo em sabendo que ella aqui está.

— Ora diga-me: como foi que ella fugiu? Talvez seduzida por algum malvado que a deixou!...

— Não foi isso; antes fosse isso, que em fim, como o outro que diz, umas vezes se cáe, outras se ergue a gente.

— Então foi talvez com mêdo de algum castigo... Conte sem mêdo o que foi, porque o crime por que sua irman está condemnada sei-o eu.

— Sabe?!

— Sei: é um anno de cadeia que ella ha de cumprir, por ter furtado um annel de ouro ao patrão.

A mulher sentou-se de golpe, escondeu no regaço o rosto, e deteve-se em arquejos e soluços.

Quando a vi mais desafogada instei:

— Descance, e diga-me o que souber, que ha de ficar mais alliviada em desabafando.

A lavradeira encarou-me com muita attenção, e disse-me:

— Olhe, senhor, esta minha irman, desde muito menina, pilhava quanto podia em casa, e dava tudo por coisas de nada, que não valiam um chavo gallego. Depois, deu lá com uma visinha, que a aconselhou a roubar os lençoes, as toalhas, a carne dos cevados e os franguinhos. Meu pae dava-lhe a bom dar; mas era o mesmo que nada. Assim que visse dinheiro, ou tesoura, ou lenço, era uma limpeza em tudo. Meu pae arranjou a ser prêza a visinha, e lá a teve na cadeia de Ponte do Lima até que a levou a bréca. N'este entrementes, a nossa Margarida já não roubava, porque não tinha a quem dar as coisas. A gente estava sempre a dar graças ao Senhor por lhe tirar aquella ruim inclinação... Nós, graças a Deus, temos muito, e eramos só tres; eu, ella e um meu irmãosinho, que quiz embarcar para o Brazil, e eu vim despedir, e mais o meu tio do Eirô. Vai senão quando, como eu disse, a rapariga estava outra, que era mesmo um louvar ao Senhor e a sua mãe santissima, que nos fez o milagre, e

até á conta d'isso eu fui á Senhora dos Remedios levar-lhe uma vela de cêra grossa como um fueiro, e minha mãe, Deus lhe falle n'alma, tambem foi de romaria ao Bom-Jesus do Monte. Alli pelo tempo das castanhas, a minha Margarida foi passar uma temporada até á matança dos cevados, com licença de vocemecê, á Portella do meio, onde está casada uma minha tia com meu tio João do Ribeirinho, que tambem já lá está. Logo adiante uns dias, veio onde a nós o tio João, e disse a minha mãe que andava em afflicções, porque lhe tinham roubado uma caixa de prata, que um homem de Ponte lá tinha empenhada, e mais um dobrão de cinco moedas d'ouro, que lá estava tambem de penhor. Assim que isto ouvimos, deu-me um toque cá dentro, que mesmo parece que me cahiu a espinhela, salvo tal logar. Minha mãe fez-se vermelha como uma laranja, e meu pae entrou a tremer, a tremer, a tremer como canas verdes. E vai ao depois, minha mãe pega a chorar, e tirar do interior uns ais que era mesmo um clamor. « Tu que tens, Maria? — disse o tio João — Parece que estás atrigada! Ó mulher, não chores, que eu, graças a Deus, ainda lá tenho uns bezerros, que venda para pagar a caixa a mais o dobrão. Tantos diabos levem quem os levou, como de reaes valiam os penhores. — « Credo! credo! — disse minha mãe a caminhar d'aqui prá li, e a dar uns arrancos, e meu pae com as mãos agarradas á cabeça que era mesmo a fim do mundo. E vai ao depois, minha mãe poz-se em giôlhos, e disse á milagrosa imagem do Bom-Jesus —

« Meu senhor Jesus do Monte, levai para vós aquella desgraçadinha, tirai-a d'este mundo pelas vossas cinco chagas. » Meu tio João estava assim a modo de aparvalhado sem saber o que vinha a ser aquillo, eis senão quando, meu pae chegou-se a elle, e disse-lhe: João, quem te roubou foi a nossa Margarida; quem te ha de pagar sou eu; mas manda-m'a ámanhan para casa. » Então é que meu tio ficou amarello como cidra, e benzeu-se com ambas as mãos. Foi-se embora, e voltou ao outro dia com a nossa Margarida. Meu pae fechou-se com ella na casa da eira, e deu, deu, deu até não poder mais. A minha desgraçada irman confessou que tinha roubado a caixa e o dobrão; mas que tinha tudo enterrado no vão d'um pinheiro manso que está mesmo na picota do montado do Manoel da egreja. Foi lá meu pae, a mais ella, e deu com tudo mettido na terra, e coberto de calháos. Ficou assim muito tempo a rapariga sem roubar nada. A gente andava sempre a esconder tudo d'ella, que era mesmo uma vergonha para os visinhos, que sabiam tudo. Ai, senhor, o que é fado ha de cumprir-se; como o outro que diz, mais por aqui, mais por alli, quem tem de correr o seu fadario, lá vai bater. Lá na nossa terra ha um senhor padre, chamado Amaro, que vai ás vezes para Braga, e deixa ficar a chave da casa a meu pae, e leva comsigo a môça, que, pelos modos,... sim...

— Entendo: faz favor de continuar — O padre Amaro deixava a chave a seu pae...

— É como diz; e vai, uma vez elle foi, e a chave ficou no prégo da casa da tulha. Ninguem deu fé d'ella faltar; mas o senhor padre, quando veio, mal tinha entrado, pega a barregar que estava roubado. A gente correu lá, e vimos o senhor padre Amaro com as mãos agarradas á cabeça, a clamar que lhe tinham roubado dez peças de oito mil reis em ouro, que elle tinha na gaveta da escrivaninha que estava arrombada. Meu pae salta a correr a casa em cata de Margarida, e não a topa. Vai pelos campos fóra e pelo caminho a perguntar por ella; mas ninguem a vira. Andou por lá toda a santa noite, e de Margarida nem rasto. Voltou para casa, e vendeu a egua e uma vitela para pagar as dez peças. Botou editaes na porta da egreja a dizer quem soubesse da sua filha lhe désse parte. Foi o mesmo que nada. Ficamos todos em acreditar que ella se botára a afogar; e minha mãe, tal paixão se lhe metteu no interior, que nunca mais endireitou, até morrer passadinha.

Suspendeu a narrativa, embargada pelos soluços, e continuou depois a mulher:

— Nunca mais soubemos d'ella; eu até botei lucto, e meu pae, quando fez testamento, já lá poz que tinha só uma filha e um filho. E vai agora, quando eu andava a vêr a cadeia por fóra, em quanto meu tio do Eirô ia comprar uma melancia, dou com a minha Margarida na janella!

Rompeu novamente o pranto a torrentes, e os meus olhos não estavam enchutos.

— Sua irman — disse-lhe eu — tem a sua sentença quasi cumprida. Póde ser que os trabalhos a tenham emendado, e que ella ainda volte a ser uma sua boa irman, e filha arrependida, digna do perdão de seu pae.

— Oxalá! mas isso bom é de dizer!... Aquillo é fado, senhor. Se vocemecê ouvisse o que ella hontem me dizia, quando eu estava a chorar...

— Que lhe dizia sua irman?

— Que não tornava mais para casa, e que havia de roubar em quanto achasse quê.

— E ella disse-lhe por onde passára estes tres annos? Um sei eu que o passou na cadeia; mas os outros dois?

— Olhe, senhor, disse-me que andára por ahi em quanto lhe duraram as dez peças do senhor padre Amaro; depois... contou-me umas vergonhas tamanhas, que eu não tenho cara de as dizer...

— Perdeu-se? Fez-se má mulher?

— Ora ahi está! Olhe vocemecê para que uma mãe cria uma filha ao seu peito!...

Nova e mais anciada explosão de lagrimas!

— Depois — prossegui eu — foi obrigada a servir para ter que comer?

— Acho que sim.

— E furtou ao patrão o annel, e o patrão entregou-a á justiça.

— Ah! vocemecê sabe isso?

— Supponho que foi isso.

— Pois é tal e qual.

— Boa creatura, peça muito a Deus que dê a sua irman uma nova alma, porque a justiça do mundo o que faz é matar a possibilidade da emenda.

A mulher não me entendeu.

N'este comenos chegou o tio do Eirô, e subiu com ella as escadas da cadeia para irem fallar a Margarida.

Á noite cogitei de vagar e com tristeza n'aquella incorrigivel criminosa, no seu temperamento, na palavra *crime*, na palavra *castigo*, no livre arbitrio, no direito de castigar aleijões de organisação, e lembrou-me de ter visto na *Reforma das Cadeias* do senhor doutor Ayres de Gouvêa, uma pagina, que então reli, e reza d'este theor:

« Se fordes a Windsor Castle e vos metterdes de « gorra com os guardas que mostram o castello, ouvi- « reis que um dos filhos da rainha tem uma irresisti- « vel tendencia para a rapina: é uma pêga humana. »

Mais abaixo:

« O mesmo que se dava com o filho da soberana « ingleza, dá-se tambem, segundo é voz publica, com o « de um illustre personagem francez. »

E segue:

« Aqui apparece uma criança com inclinação para « o furto, alli uma com ella para briga sanguinosa com « seus irmãos ou domesticos, acolá outro com propen- « são para mentiras prejudiciaes, além ainda outro « com ella para maltratar os animaes. Do *nosso rei*

« D. Miguel » (o *nosso* é coisa particular do senhor doutor: é pronome possessivo no plural como usam os escriptores de certo tomo. O entreparenthesis é que é meu) « se conta que, já mancebo sahido da puericia, « se entretinha a maltratar animaes, chegando um dia « a ser encontrado arrancando as tripas a uma gallinha « viva com um saca-rolhas. »

D'estes e d'outros factos infere o senhor doutor Ayres que a maneira rasoavel de castigar os erros da organisação, estranhos á vontade do delinquente, não é matarem-no, é penitenciarem-no. Quer dizer que lhe não cortem a cabeça; mas que lhe mutilem na vida os orgãos todos, todas as liberdades, que lh'a possam fazer agradavel e supportavel: a liberdade de mover-se, de fallar, de crêr, de amar, de repousar, de trabalhar, segundo sua vocação, a liberdade mesmo de esperar sua rehabilitação.

— De vagar! — exclama o professor — O criminoso rehabilita-se!

Não lhe vejo geito, depois que o senhor doutor nos disse:

« O crime não nasce nunca de vontade direitamente « esclarecida; não póde nascer. Dimana exclusiva- « mente e inclusivamente da particular natureza com- « plexa do criminoso, da desharmonia congenita ou « adquirida d'ella. *O delicto é uma necessidade; o de- « linquente é um enfermo.*

« Completemos o nosso pensamento: o crime para « o criminoso é como a virtude para o virtuoso, a fe-

« ridade para o tigre, o veneno para a vibora, a poesia « para o poeta, resultado da sua natureza, &c. »

Se isto tem siso commum — o que não é de todo o ponto averiguado — não se domestica o tigre, nem se desempeçonha a vibora, nem se moralisa o criminoso. O poeta é que é possivel espalmar-lhe o genio em prosa chilra, e restituil-o á republica com disposições de fazer coisa util, embora viva intanguido,

á triste sombra de alugueis mesquinhos,

como diz o soneteiro épico de Lisboa.

N'outro ponto d'este livro me soccorrerei ainda dos dictames do senhor doutor Ayres em relanços que careçam de avocar a sybilla á tripode.

Voltando a Margarida, eu creio que hão de matal-a a pedaços nas enxovias, sem lhe incutirem a ferro em braza uma nova alma. Não me affoito á absurdez de reprovar o castigo, que o mesmo seria pregoar a impunidade do latrocinio. Ignoro mesmo se Deus deixou remedio para os defeitos das suas obras: confesso só que é um blasphemo atrevimento querer-lh'as corrigir.

Buscar o remedio no systema das cadeias consistiria em reclusão penitenciaria, segundo aventa a moderna escola.

Penitenciaria!

Se os crimes são involuntarios, como se ha de penitenciar o delinquente? Com que direito racional se lhe escalpella, fibra a fibra, a vida? Como hei de eu considerar social, humana e justa a lei que demarcar

um tumulo entre as quatro paredes d'um cubiculo, a Margarida, que é ladra pela mesma razão que o tigre é feroz, e peçonhenta a vibora, e poeta o poeta?

Abundo nas ideias d'um philosopho que disse:

« O Creador conserva o homem e a mulher e o mundo, como elles são, por honra da firma. »

VII.

Este nosso Portugal é um paiz em que nem póde ser-se salteador de fama, de estrondo, de feroz sublimidade! Tudo aqui é pequeno: nem os ladrões chegam á craveira dos ladrões dos outros paizes! Todas as vocações morrem de garrote, quando se manifestam e apontam a extraordinarios destinos. A Calabria é um desprezado retalho do mundo; mas tem dado salteadores de renome. Toda aquella Italia, tão rica, tão fertil de pintores, sculptores, maestros, cantores, bailarinas, até em produzir quadrilhas de ladrões a bafejou o seu bom genio! Ahi corre um grosso livro intitulado: *Salteadores celebres de Italia.* É vêr como debaixo d'aquelle ceo está abalisada em alto ponto a graduação das vocações. Tudo grande, tudo magnifico, tudo fadado a viver com os vindouros, e a prelibar os deleites de sua immortalidade. Schiller, Victor Hugo, Charles Nodier, se fada má lhes malfadasse o berço em Portugal, teriam de inventar bandoleiros illustres, a não quererem ir descrevel-os ao natural nos pinaculos

da republica. Apenas um salteador noviço vinga destramente os primeiros ensaios n'uma escalada, sahe a campo o administrador com os cabos, o alferes com o destacamento, o jornalismo com as suas lamurias em defeza da propriedade, e a vocação do salteador gora-se nas mãos da justiça. Faltava o fio electrico para tolher que vinguem os genios espicaçados pelo amor ao dinheiro amuado nas arcas dos proprietarios, inimigos de emprezas industriaes, e da circulação monetaria, arteria de primeira ordem na prosperidade d'um paiz. Faltava o telegrapho para matar á nascença as iniciativas auspiciosas. Apenas lá das povoações serranas desce á villa ou cidade a nova d'um roubo, o arame palpita de horror, e a cara do ladrão é para logo lithographada na phantasia de todos os esbirros sertanejos. A civilisação é a raza da egualdade: desadora as distincções; é forçoso que os bandoleiros tenham todos os mesmos tamanhos, e roubem civilisadamente, urbanamente. Ladrão de encruzilhada, que traz o peito á bala, e o bacamarte apontado ao inimigo, esse ha de ser o bode expiatorio dos seus confrades, mais alumiados e aquecidos do sol benefico da civilisação. Roubar industriosamente é engenho; saquear a ferro e fogo é roubo. Os d'aquella eschola tropeçam nas honras, nos titulos, nos joelhos dos servis, que lhes rójam em venal humilhação; os outros, quando escorregam, acham-se encravados nos artigos 343, 349, 87, 433, 351, e mais cento e setenta artigos do Codigo Penal.

Diz algum tanto como exemplo d'esta lastimavel

anomalia a historia de José Teixeira da Silva do Telhado, o mais afamado salteador d'este seculo.

Vulto de romance não o tem, porque n'este paiz nem se completam ladrões para o romance. Disse-me uma dama franceza de eminente espirito, que em Portugal era a natureza, o ceo e o ar que faziam os romances. Nem isso, minha senhora. Aqui anda sempre o gume do prozaismo a podar os rebentões da natureza, mal elles infloram. Fructos de servir para a novella, levantada da comesinha chaneza d'um conto á lareira, nem mesmo os deixam amadurar na fama e nas façanhas de um salteador.

Se não, vejam:

José do Telhado nasceu em 1816, na aldeia de Castellões, comarca de Penafiel. Seu pae era o famigerado Joaquim do Telhado, capitão de ladrões, valente como as armas, e raio devastador em francezes que elle matava, porque eram francezes, e porque eram ladrões, posto que, na qualidade de membro da nação espoliada, o senhor Joaquim chamasse sómente a si o que era fazenda nacional. Um tio-avô de José Teixeira, chamado elle o *Sodiano*, já tinha sido salteador de porte, e infestára o Marão durante muitos annos. Se arripiassemos carreira na linhagem do senhor José do Telhado iriamos encontrar-lhe um avoengo em Roma, com uma sabina roubada no colo.

A infancia de José Teixeira correu desassignalada d'algum facto que presagiasse as porvindouras maldades. O pae escondia dos filhos o roubo e a arma homi-

cida. Voltando das excursões demoradas explicava licitamente a ausencia, e regalava a familia de farta mesa e exquisitas prendas do estrangeiro, cujos direitos elle não pagava de certo, nem as tomadias lhe eram encarregadas pelo fisco.

Tinha José Teixeira uma tia, irman de sua mãe, casada em Lousada com um francez, habil no lucrativo mester de castrador.

Este francez tinha uma filha, de toda a bizarria e gentileza, muito estimada, e educada com certos ares de senhora. O primo já de criança a preferia a todas, e dos quatorze annos em diante sentiu que o magoava a ausencia. Saudoso d'ella, pediu ao tio que lhe ensinasse o officio, e o tivesse comsigo algum tempo de aprendizagem. O francez annuiu á proposta, e a môça, que adivinhára o segredo, não cabia na pelle de contente.

Esteve José Teixeira cinco annos na companhia de sua prima, e d'esses annos fallava elle com lagrimas, quando me contava pueris incidentes, entalhados em sua memoria com o buril da paixão. Era a caça o seu emprego nas horas desoccupadas; mas, as mais das vezes, o caçador assomava n'um outeiro, d'onde avistava a varanda, em que sua prima costurava, e ahi estava contemplativo n'ella até que as sombras da noite, baixando da serra, lhe escondiam o lenço branco da prima, que o chamava a repetidos acenos.

Que era isto senão doce poesia, como ella abrolha nas mais bem formadas almas?

Onde estava o instincto do salteador n'aquelle tempo?

Quando elle, ao descer a ultima quebrada da serra, colhia flôres silvestres para toucar os cabellos da prima, que bom coração de Gessner, que effluvios do meigo Florian lhe recendiam no ambiente da vida!

Forçado já pelo amor e pela honra, José Teixeira, aos dezenove annos, pediu sua prima ao pae. Negou-lh'a o francez, dizendo que estivera muitos annos a ganhar dote a sua filha para casal-a com lavrador abastado. O môço, amante e honrado, revelou ao tio a culpa, cujo remedio estava no casamento. O francez recebeu a confissão como insulto, e repelliu de si a violentos empurrões o sobrinho. José Teixeira escassamente pôde dizer a sua prima que lhe fosse leal, e o esperasse até ao dia em que elle pudesse desprezar o patrimonio.

Foi o môço para Lisboa, e jurou bandeiras no segundo regimento de lanceiros, denominado o da Rainha.

A esbelta figura de José Teixeira era o encanto dos officiaes. Nenhum camarada cahia tão airoso na sella, nem meneava mais garboso a lança. O cavallo entendia-lhe o mais ligeiro tremor de pernas, e enfeitava-se orgulhoso do possante e galhardo môço, que lhe imbridava os impetos, para realçar-lhe as soberbas graças.

Na conhecida revolta dos marechaes, em 1837, sahiu José Teixeira na comitiva do duque de Saldanha, e mostrou quem era nos combates do Chão da Feira e Ruivães.

« Lá ouvi — me dizia elle — a cantiga das primeiras balas, e algumas me queimaram o cabello, e vinham dizer-me ao ouvido que estivesse socegado. O barão de Setubal disse-me uma vez que choviam balas; e eu mostrei-lhe a lança, e disse: cá está o guarda chuva, meu general: deixe chover! »

Não esqueceu o valente Schwalback o affoito gracejo, quando a derrota lhe desordenava as filas. Como, em remate da lucta, tivesse de emigrar para Hespanha, o barão de Setubal levou comsigo, como sua ordenança, José do Telhado.

Fez-se a convenção de Chaves a tempo que o lanceiro recebia carta de sua prima, chamando-o a toda a pressa para se casarem com o consentimento do pae. Requereu o soldado a baixa, e obteve-a do barão de Villar de Turpim, commandante da terceira divisão militar. Recebeu-o o francez em braços paternaes, e dotou a filha com abundantes bens para mediania aldean.

Ditosos derivaram os primeiros annos d'este suspirado enlace. José do Telhado era querido dos seus visinhos, porque aos ricos nada pedia, e aos pobres dava os sobejos da sua renda e do seu trabalho de castrador. O seu primeiro filho era o complemento d'aquella conjugal felicidade; e os outros que depois vieram a mais a augmentavam, porque sobrava o pão e o agasalho para todos.

Quem não invejaria José do Telhado ha dezoito an-

nos? Quantos, bem-quistos hoje do mundo e afortunados, olhariam então cobiçosos para o tecto do ditoso casal de Cahide?

José do Telhado, em 1845, levado de sua generosa intrepidez, defendeu, na feira de Penafiel, um visinho perseguido por muitos. Foi lucta grandemente desegual, d'onde elle sahiu moribundo, arrancado d'entre os muitos que cahiram em roda d'elle. Venceu a morte, ladeado dos carinhos da esposa, que, com suas proprias mãos, lhe curava os ferimentos, e robustecia o espirito quebrantado pelo desaire.

Seguiu-se a revolução popular de 1846.

A populaça carecia de um chefe, e rejeitava os illustres caudilhos que sahiram de suas casas nobres a especularem com o braço do povo. Conclamaram á uma José Teixeira, e quasi o forçaram a commandal-os.

O chefe, conhecendo-se obscuro de mais para acceitar a responsabilidade e prestigio de cabecilha guerrilheiro, convenceu os seus amigos da precisão de se ajuntarem, sob outro chefe, ás legiões populares que confluiam para a cidade heroica.

Entrou José do Telhado ao serviço da Junta na arma de cavallaria. Comprou cavallo, e fardou-se á sua custa a todo o primor. Repartia do seu dinheiro com os camaradas carecidos, e recebia as migalhas do cofre da Junta para valer aos que de sua casa nada tinham.

José Teixeira empenhou-se grandemente para sa-

tisfazer o que em parte era capricho, e em parte largueza d'alma.

Acompanhou a expedição a Val-Passos, e foi dado como ordenança ao senhor Visconde de Sá da Bandeira. As proezas commettidas n'essa temerosa e mal sortida batalha, estão escriptas na condecoração da Torre-e-Espada, que o general por sua propria mão lhe aprezilhou na farda. Fôra o caso que do cômoro d'uma ribanceira alguns soldados do regimento traidor apontavam as armas ao general, conturbado pela fumaça das descargas. José Teixeira arranca do cavallo a toda a brida, toma as redeas do cavallo do general, e obriga-o a saltar um valado. Mal deram o salto, passaram as balas poucas pollegadas acima da cabeça de ambos. A este tempo tres soldados de cavallaria avançavam, desapoderados sobre o Visconde de Sá. José Teixeira embarga-lhes a arremettida, e desarma o primeiro d'um golpe, fere mortalmente o segundo e persegue o terceiro, que fugia, até lhe arrancar a vida pelas costas. Quando voltou da facção já o general tinha suspensa a medalha, que o valente recebeu com mais delicadeza que enthusiasmo de honras.

Feito o convenio de Gramido, José Teixeira arrancou as divisas de sargento e foi para casa, onde o esperava a saudosa e atribulada mulher com os seus cinco filhos.

Como se disse, a casa estava onerada de dividas, os credores perseguiam-no, e as authoridades, avêssas á sua politica, esquadrinhavam disfarces para o affligirem.

Joaquim do Telhado, irmão de José, mantinha n'essa epoca as tradições de familia, sahindo á estrada, com um séquito de populares foragidos á perseguição politica.

Mal pude estudar o espirito de José Teixeira na penosa passagem de vida honrada para a malta de seu irmão. Averiguei artificiosamente aquella phase de sua alma; mas elle teimava n'esta resposta:

—Eu via-me quasi pobre, e perseguido pelos credores e pelas authoridades. Pedi ás pessoas importantes, que me sacrificaram, o patrocinio necessario para arranjar uma qualquer occupação fóra da minha terra; mas ninguem me attendeu. Contentar-me-ia com um logar de guarda do contracto; e, se m'o dessem, teria feito muitos serviços, e seria ainda hoje um homem util e honrado, e teria educado os meus pobres meninos.

José Teixeira nunca proferiu as palavras *os meus pobres meninos*, que se lhe não vidrassem os olhos.

A hoste de Joaquim do Telhado, quando viu a adhesão do valente José, nomeou-o chefe, e o irmão submetteu-se.

Estreou-se José Teixeira na noite de 12 de dezembro de 1849, salteando de surpreza uma casa na freguezia de Macieira, que tinha nomeada de rica em dinheiro velho. O proprietario, Maciel da Costa, foi ferido, e arrastado para confessar onde tinha a sacca das peças, ao mesmo tempo que o criado, seu unico domestico, gemia amarrado de mãos para as costas, pedindo a

Deus que terminasse depressa o inventario dos haveres de seu amo.

Era valioso o thesouro do lavrador, e a repartição foi equitativa.

Poucos dias depois, tirada a devassa, José Teixeira foi pronunciado com seu irmão, se bem que Joaquim já o estava nos celebres roubos de Canellas do Douro, Margaride e Bayão.

A mulher de José Teixeira, quando soube que seu marido estava culpado n'um crime, que a infeliz nem sequer sonhára, tentou suicidar-se, e matar com ella os filhos. Contiveram-na elles, de todo desamparados pelo pae, que resolveu ir para o Brazil depois da pronuncia.

De feito, embarcou o fugitivo com passaporte na barca « Oliveira » em fins de 1849. Apresentou-se no Rio de Janeiro ao consul geral, dando-se a profissão de carpinteiro. Passou á provincia do Rio Grande do Sul. Tirou em Porto Alegre passaporte para Santa Catharina. Visou-o em S. José, com destino a Sorocaba em março de 1851, e já em novembro d'esse mesmo anno assaltava em Portugal a casa do Dr. Antonio Fabricio Lopes Monteiro, de Santa Marinha do Zezere.

O « *Commercio do Porto* » bosquejando uma biographia de José do Telhado, até á data da sua prizão em 1859, escreve que elle « voltou do Brazil, segundo se diz, por ter feito um grande roubo n'aquelle imperio. »

Perguntei ao prêzo que razão teve para sahir do Brazil.

— Saudades de minha mulher e dos meus meninos — respondeu.

— Mas é fama que o senhor fizera lá um grande roubo.

— É mentira. Eu andei por lá dezenove mezes tão afflicto do coração, que não parava em parte nenhuma. Cuidei de morrer de saudades, e por isso vim, sem já se me dar de ser prêzo e enforcado. O que eu queria era estar perto dos meus meninos, e morrer onde minha mulher me apparecesse á hora da morte.

VIII.

Agora vão em fileira os crimes de José do Telhado, indicados no libello geral de accusação, depois de sua volta a Portugal.

O assalto de Zezere, já mencionado, foi infructuoso por a desesperada tenacidade com que os sitiados se defenderam.

Seguiu-se o vulgarisado assalto de Carrapatelo, á casa de D. Anna Victoria de Abreu e Vasconcellos. Esta senhora estava com visitas, que tinham ido desanojal-a da morte de seu pae, fallecido poucos dias antes. Era de noite. Os cães, reclusos em casa, latiam impacientes. Um criado abriu-lhes a porta, e pela abertura recebeu na cabeça um golpe de machado. Penetrou a horda na cozinha, e um dos invasores, para aquietar os gritos do criado, cortou-lhe a voz na garganta com uma bala de pistola. Entraram á salêta onde estavam as espavoridas senhoras, e trouxeram-as processionalmente á beira do cadaver, observando-lhes que teriam egual destino se fizessem motim, e não en-

tregassem o dinheiro que estava em casa. Entregou a senhora sem hesitação o dinheiro e valores que tinha, excepto um annel, que José do Telhado urbanamente lhe devolveu, tirando-o da mão d'um subordinado. O facto seria galante, se o chefe não dissesse, no mesmo ponto, que José Joaquim d'Abreu, o recemmorto pae da senhora, tinha trinta mil cruzados em moeda. A dama ignorava que tal dinheiro houvesse em sua casa, e respondeu que só sabia do que entregára. Foram, em seguimento a tal resposta, novamente conduzidas as senhoras ao espectaculo do cadaver, e ajoelharam para receberem a morte.

N'este lance, lembrou-se uma criada que o dinheiro poderia estar no quarto não aberto ainda, desde que o defuncto sahira para a cova, e proferiu, em voz alta, a sua conjectura. Ficaram tres sentinellas ás damas, e José do Telhado entrou ao quarto, arrombou as gavetas, e senhoreou-se das saccas do dinheiro. Voltando á cozinha, mandou erguer as moribundas senhoras, conduziu-as á salêta, onde as tinha encontrado, recommendou-lhes que estivessem caladinhas, que eram bonitas, fechou-as por fóra, e retirou-se a passo mesurado.

Eram sete os quinhões a repartir do espolio, reputado em quarenta mil cruzados; mas, passados tres mezes, encontramos a mesma malta no logar de Paradella, em Celorico de Basto, saqueando a casa de Domingos Gonçalves Camêllo. Vê-se que tinham ambições arremessadas! Abundava ahi dinheiro de remota

herança, que a senhora Maria Francisca, amante da vida, denunciou á quarta ou quinta cronhada, que lhe deram, em egualdade com o marido.

Na noite de 22 de maio deu José do Telhado batalha campal á tropa, no local denominado « Eira dos Mouros. » O destacamento de infanteria 2 conseguira capturar dois salteadores, e descêra com elles a uma estalagem, para descançar. Ahi o surprendeu a horda com o chefe montado em fogosa egoa. Chegou elle ao terreiro da estalagem, e exclamou: « Carregai com quartos, rapazes, que está aqui José do Telhado. »

Sahiu fóra a tropa, e empenhou-se um tiroteio, que rematou pela retirada do destacamento. O chefe sustentou sempre a vanguarda da avançada, fazendo fogo de pistola e clavina.

Estavam os dois salteadores prisioneiros na cavalhariça da estalagem: um fugira, logo que rompeu o fogo, o outro ficára na impossibilidade de erguer-se sobre as pernas cortadas de balas.

— Vem! — disse o capitão ao salteador ferido.

— Não posso: matem-me, que estou sem pernas.

— Faz o acto de contrição — retrucou o chefe.

O ferido resmuneou o acto de contrição, e a estalajadeira verteu lagrimas piedosas.

José do Telhado estirou-a com uma bofetada, e desfechou contra o peito do camarada, dizendo:

— Acabaram-se-te os teus trabalhos, e os meus estão em começo. Adeus! — O cadaver não podia responder a este saudoso *vale* do seu chefe.

O libello accusatorio diz que José do Telhado furtára uma junta de bois em 1853. Dizia-me o salteador que era esta accusação a maior affronta que podiam fazer-lhe. « Eu! furtar uns bois! — exclamava enraivecido — Eu, que tantas juntas de bois por alli dei de esmola a caseiros pobres! »

Estavam cortadas todas as avenidas da povoação de José Teixeira pela policia; sem embargo, rarissima era a noite que elle faltava em casa. Quando mais não fosse, beijava os filhos mais novos, tranquillisava a mulher, e ia pernoitar nas lapas conhecidas na serra, ou a casa de dedicados amigos, uns de maxima valia, que o temiam, outros de baixa condição, que lhe exploravam as liberalidades.

N'uma d'essas noitadas cercou a policia de Mancellos a casa onde elle dormia. José do Telhado aquietou os terrores do seu hospedeiro amigo, vestiu-se vagarosamente, abriu uma porta, e assomou no patamar da escada. O regedor gritou ao vêl-o, e chamou áquelle ponto as dezenas dos cabos. O salteador voltou-lhes as costas, e sahiu por outra porta, que elles tinham desguarnecido; mas, mal contente com a pirraça, voltou á chusma dos sitiantes, e mimoseou-os com dois tiros, um dos quaes entrou nas costas do regedor. Depois subiu á serra, e esperou por lá o arraiar da aurora.

N'outra noite, cercou-lhe a tropa a casa, estando elle no primeiro somno. Despertou-o a mulher, e ajudou-o a vestir muito de seu vagar. Caminhou para uma porta transversal, e retrocedeu a ir buscar o relo-

gio esquecido, e a dar ordens ao criado para lhe conduzir de madrugada o cavallo a designado sitio. Abriu uma janella, e disse para os soldados:

— Que tal está a noite, rapazes?

Retirou da janella, e abriu a pequena porta, que defrontava com uma cortinha, para a qual relevava saltar por cima d'um quinchôso. Ahi estavam postados tres soldados. José Teixeira aperrou a clavina de dois canos, e disse:

— Agachem-se, que quero saltar. Os dois primeiros que se moverem, passo por cima d'elles mortos.

Os soldados agacharam-se, e elle saltou. Já de dentro da cortinha, atirou dois pintos aos soldados, e disse-lhes:

— Tomai lá para matar o bicho á saude de José do Telhado.

E foi seu caminho pacifica e detidamente como se andasse espreitando a toupeira no seu meloal. Teria elle tempo de palmilhar um oitavo de legua, quando lhe deram uma descarga.

Ousára o salteador a audacia de entrar em Villa-Mean n'um dia de feira, e deter-se a provar d'um vinho que lhe offereceram. De repente vem para elle um redemoinho de povo armado. José Teixeira sae do terreiro a passo rapido, encontra fóra da feira um lavrador bem montado em travada egoa, apeia o lavrador, que obedece pasmado e algum tanto apertado pela mão de ferro, cavalga a egoa, e diz um adeus de chapeo aos centenares de homens, que o corriam e apu-

pavam. A meia legua encontrou um passageiro; apeou-se, entregou-lhe a egoa, e disse-lhe: « Pergunte na feira pelo dono d'esta burra, entregue-lh'a, e diga-lhe, que se José do Telhado lhe fôr prestavel, não tem mais que mandar. »

Estas investidas assustavam mediocremente o contumaz bandido.

Em 24 de fevereiro de 1859 foi elle visitar com os seus sequazes a senhora D. Anna Ricardina Ferreira Pinto de Carvalho, á sua casa de Senra, no concelho de Felgueiras. Como lá encontrasse uns homens, contra a sua espectativa, enfeixou-os n'uma corda, e mandou-os estar quietos, como uma gabella de achas. A senhora D. Anna soffreu alguns empurrões, até declarar onde tinha o dinheiro e coisas valiosas, com as quaes se despediram, encarregando a dama de desapertar por caridade os jornaleiros que estavam emmólhados.

José Teixeira folgava de entremetter incidentes comicos nas suas assaltadas. A uma dama de Carrapatelo déra elle um beijo na despedida, e á mulher do senhor Camêllo perguntára de que lhe servia o dinheiro, se não podia comprar uma cara mais nova e menos feia.

O senhor Bernardo José Machado, muito conhecido commerciante no Porto, ia um dia para Cerva, sua terra natal, e alcançára, a distancia curta do Torrão, um cavalleiro bem posto no seu corpulento cavallo, e acamaradou-se com elle na jornada. Fallavam varios assumptos, e cahiu a proposito os perigos de jornadear

por taes sitios, infestados pelo terrivel José do Telhado. O cavalleiro mostrou-se tambem horrorisado pela hypothese de o encontrarem, e ouviu da bôca do senhor Machado a historia dos flagicios do celebre bandoleiro. Apearam n'uma estalagem, e jantaram o mais lautamente que podia ser. O cavalleiro mudára de estrada, e despediu-se do senhor Machado, que lhe offereceu o seu prestimo. Pediu o commerciante a conta á estalajadeira, e soube que o outro sujeito pagára a despeza. Perguntou o viandante quem era aquelle cavalheiro, e a mulher respondeu que era o José do Telhado.

É bem de vêr que o senhor Machado, em vista do panegyrico com que o brindára, não foi muito a seguro de o topar adiante com outra cara, occasionando-lhe um facto novo para realçar a historia.

Em março do mesmo anno, estava o senhor padre Albino José Teixeira esmoendo a copiosa cêa, brandamente refestellado no frouxel da sua poltrona, quando ouviu um grito agudo, vociferado por sua sobrinha Narciza. Correu á cozinha, e viu um grupo de homens, com a menina filada pela gorja. Gritou o padre, e um salteador desfechou com elle; porém, como a escorva resistisse, o ladrão arrancou d'um punhal, e correu sobre elle. José Teixeira sosteve o impeto do covarde, e sacudiu-o a um lado com aspecto ameaçador. Continuou a gritar o padre, e accudiram visinhos, que retiraram aleijados de ferimentos. No entanto as caixas e gavetas do padre ficaram disputando o vacuo com a

cabeça theologica de seu dono. Consta que fôra medrado o saque.

O libello cerra a mêda dos crimes de José do Telhado com a tentativa de evasão para reino estrangeiro sem passaporte.

A morte de José denominado o *pequeno*, por antiphrase, não vem incluida na accusação.

José Pequeno era agigantado de estatura, e o mais cruel da malta, commandada por José do Telhado.

Custava muito ao chefe refrear-lhe o instincto sanguinario; mas, com melindre o fazia, porque o parceiro era o unico de quem se elle receava em lucta de braço a braço.

Andava José Pequeno cogitando no expediente mais azado a livrar-se de perseguições, e tentou-o o demonio a atraiçoar os companheiros. Foi a malta surprendida, estando ausente o denunciante. Commandava a força o destemido Adriano José de Carvalho e Mello, administrador do Marco de Canavezes. Carregou tão brava a policia sobre a chusma dos ladrões, que lhes foi remedio a fuga. Ahi recebeu José Teixeira uma bala nas costas, a qual, segundo elle diz, o fizera saltar dez passos ávante contra sua vontade. A bala produziu-lhe na columna vertebral um choque electrico meramente.

Ao outro dia José Teixeira teve de evidencia que o seu companheiro o denunciára. Ao anoitecer foi á Lixa, onde pernoitava o traidor, entrou-lhe em casa, e disse-lhe:

— Não te quero matar á traição; previne-te como quizeres, que um de nós ha de morrer aqui.

— Ou ambos! — disse José Pequeno, lançando mão da faca.

— Ou isso! —redarguiu José do Telhado, sacando d'uma tesoura — E accrescentou: — Hei-de cortar-te com ella a lingua.

A primeira arremettida que se fizeram, apagaram a luz da vela, e arcaram peito a peito. Revolveram-se na escuridade um quarto de hora, rugindo alternadamente injurias e pragas ferozes. José Teixeira já tinha um braço rasgado; mas José Pequeno expedira o ultimo rugido pela fenda, que as tesouras lhe abriram na garganta. O chefe ergueu o joelho de sobre o peito do cadaver, quando os dous gumes da tesoura se encontraram ao travez da lingua, que o denunciára.

O homicida appareceu na Lixa ao outro dia, e disse á multidão parada,á porta do morto:

— Se não sabem quem matou este traidor aqui o tem.

E passou adiante, obrigando o cavallo a garbosas upas.

Coisa é digna de reparo que o ministerio publico não désse querella contra o assassino. Bem pensada a irregularidade, dá de si que a moral publica, representada pela policia criminal e administrativa, propôz um voto de gratidão ao matador do formidavel scelerado da Lixa.

IX.

José Teixeira deixou com vida muitos traidores, deliberando a final fugir para o Rio de Janeiro. Dois de seus socios o denunciaram quando elle veio aforrado ao Porto, e se acantoou na dispensa da mesma barca em que tinha ido para o Brazil, onze annos antes.

Não valeu ao mais cumplice dos delatores salvo conducto da denuncia. Foi elle o morgado de ***, que eu vi prêzo na cadeia de Penafiel, môço de vinte e cinco annos donosamente apessoado, com bellas barbas negras e vestido com jaleca de alamares. Já então estava condemnado a degrêdo por dez annos com trabalhos publicos; e José Teixeira, alguns mezes depois, passando para o Marco de Canavezes, onde foi julgado, pernoitou na mesma prizão! Nenhum d'elles se deitou. Velaram a noite inteira, espiando-se, e esperando cada qual o ataque do outro.

José Teixeira, já n'esse tempo amolgado pela des-

graça, affeito ás injurias e aos despresos, teria escassamente coragem para a defeza.

Disseram-me que o morgado de *** morrêra na cadeia em agosto do anno passado.

O pavoroso caudilho de salteadores, encontrado de cócaras sobre tres quintaes de bolacha, no escondrijo da barca «Oliveira», foi entregue a dois soldados da Municipal, que o conduziram pacificamente ao Carmo.

Ahi amarraram-lhe as mãos, e mandaram-no entre trinta bayonetas para a cadeia, ladeadas de cavallaria.

Ridiculissimo apparato de força para o homem inerme, que se deixára guiar por dois soldados! Não seria maravilha, se José Teixeira os tomasse debaixo dos braços, e fugisse com elles.

Nos primeiros mezes concorriam os curiosos a conhecerem o bandido. O escriptorio da cadeia era o tablado do espectaculo, em que o carcereiro exhibia o prêzo, sem lhe avaliar a dôr d'aquelle mais ignominioso lance da sua vida.

José Teixeira entrou para a Relação com seiscentos mil reis. Deu largas ao seu antigo prazer de esmolar necessitados, e em volta d'elle todos o eram. Alimentou e vestiu o parricida Mendes, seu secretario, advogado e particular amigo. Ás levas de degredados destribuia grandes esmolas; e prêzos indigentes d'outras repartições da Relação acharam sempre n'elle a ardente caridade que seria a gloria e o ceo d'um justo. Algumas vezes o visitou a mulher no carcere, e rogava-lhe de mãos erguidas que dispendesse menos para

ella poder com os rendimentos da mesquinha casa alimentar os filhos. O pae chorava com ella; mas parecia ter adoptado filhos todos os prêzos famintos e nús.

A final empobreceu. Algum tempo ainda lhe mandou a mulher uma pequena mesada; mas a justiça sequestrára-lhe da casa o bastante para pagamento de custas. Adoeceu a golpeada mãe, quando seus quatro filhos lhe pediram inutilmente pão. O mais velho estava já no Brazil, enviado pelo pae, e prosperamente occupado no commercio. Este, porém, nascido n'aquelle feliz tempo, n'aquelle ambiente da familia honrada, nem respondia ás cartas do pae, nem queria ouvir proferir-lhe o nome. José Teixeira dizia que o filho ingrato estava sendo o seu primeiro carrasco.

Cessaram as mesadas, e o prêzo sentiu a fome. Os favorecidos viram n'elle um prêzo de sua condição, logo que o sentiram pobre. Pediu ao parricida seis moedas, que lhe emprestára, e o devedor, que lh'as não podia pagar, vingou-se denunciando-o como cumplice n'uma tentativa de fuga.

As authoridades removeram-no para um quarto de Malta, incommunicavel e sem luz.

Bramia urros medonhos o infeliz n'aquella injusta e barbara flagellação. Deram-lhe ao segundo dia a liberdade de vêr a luz. Fallei-lhe d'uma grade proxima, animei-o, e desde aquelle dia fiz quanto pude para quebrar os espinhos da sua expiação, que não era a da lei nem a da caridade.

Chegou a vespera de ser levado ao tribunal do

Marco de Canavezes, e não tinha dinheiro para suas despezas de jornada, nem vinte e cinco moedas para pagar a defeza ao doutor Marcellino de Mattos, com quem no principio se ajustára por cincoenta. Escreveu-lhe esta carta, cujo autographo conservo, porque ha n'elle vestigios de lagrimas:

« Dou parte a vossa senhoria que até agora nada « pude arranjar. Mandei empenhar a minha roupa. Se « alguma coisa arranjar, participarei; se não, mande- « me vossa senhoria os papeis para eu os entregar ao « defensor, que o fôr por caridade. *Etc.* »

Marcellino de Mattos defendeu gratuitamente o seu cliente. Querer dar-lhe a liberdade era um paradoxo; querer salval-o da pena capital era um arrôjo. E salvou-o! Não foi o sophisma que embaiu os jurados; foi a sincera e commovida eloquencia, que os pungiu a lagrimas. Muitas deviam ser necessarias para lavar tanta nódoa de sangue accusador! Acaso iria o patrono, ladeando os abysmos d'aquelle facinora, até o encontrar sentado á beira do berço de seu primeiro filho, reflectindo aos labios da esposa amada o sorriso da criancinha dormente? Vêl-o-ia no viso do outeiro, onde elle ia aos dezoito annos, com immaculada alma, colhêr as flôres para os cabellos negros d'aquella menina, que alli estava enferma e decrepita nas escadas do tribunal, com a face encostada ao rosto descarnado de seus filhos famintos? Relancearam-lhe no espirito os feitos illustres d'aquelle réo nos momentos em que, ao relam-

pago dos pelouros, elle cuidava vêr o caminho da gloria e da honra dos valentes?

Marcellino de Mattos venceu muito: fez que José do Telhado fosse julgado como réo de uma unica morte sem premeditação, e como calumniado na maioria dos roubos arguidos. Fez muito alli, onde estavam as testemunhas, os roubados, os feridos, a multidão que o vira, ou só o vira pelos olhos do seu terror!

José Teixeira foi condemnado a degredo perpetuo com trabalhos publicos.

A meio caminho, quando voltava ao antecipado inferno da reclusão incommunicavel, encontrou sua mulher, que lhe sahiu a despedir-se... para sempre!

Lembrariam elles os annos de sua infancia? As alegrias dos primeiros dias em que se amaram? O jubilo doido com que ella lhe escreveu a chamal-o de Chaves para se casarem? A paz, a probidade, e a fartura de oito annos com os seus cinco meninos aceados, nutridos, e quinhoeiros dos contentamentos de seus paes?

Se as lagrimas d'aquella mulher coaram ao coração do marido, será absurdo dizer que lá geraram remorsos, e os remorsos iriam a Deus n'uma oração de agonias, oração que, piedosamente cremos, Deus não engeita?

O condemnado soffreu ainda alguns dias a soledade no carcere. Depois a crueza fatigou-se de esmagar a desgraça, o onagro compadeceu-se do leão moribundo, e recolheu as ferraduras contundentes. Foi concedido a José do Telhado passear nos corredores, com priva-

ção de entrar nos quartos dos prêzos. Entrava no meu, tremendo do castigo comminativo. Eu aquietava-lhe o susto com acceitar a responsabilidade da transgressão, e o pobre homem já não tinha senão lagrimas para conversar, e um desejo sincero de morrer.

Um dia, quando eu já era livre, foi-lhe intimada imprevista ordem de embarcar para Lisboa. José Teixeira entroixou a sua pequenina bagagem, desceu a entrar na escolta, estendeu os pulsos ás cordas, e pediu a um prêzo circumstante um vintem de esmola para cigarros. E recebeu a esmola mais alegre do que tinha recebido, em Val-Passos, uma condecoração por ter salvado a vida ao *Bayard* portuguez.

X.

Eu tive, ha nove annos, um barbeiro na Foz, que era mesmo um D. João de Marana, na alma sómente, que no corpo dava a lembrar o fabulista da Phrygia, que as mulheres amaram muito.

O senhor Thomé, sobre ser expansivo, era jactancioso de suas conquistas, que fatuamente me contava. Uma vez me revelou, meio orgulhoso, meio compadecido, tal qual o faria um elegante de primeira plana, que uma criada de servir fôra despedida por causa d'elle, e outra espancada pela ama por ter deixado esturrar a calda do arroz — tudo no mesmo dia!

Não pensem, porém, que o senhor Thomé fosse sempre ditoso n'aquelle seu viver de rosas. As muitas rosas afogam, ás vezes, os seus sybaritas, como aconteceu no festim de Heliogabalo.

Quando elle tinha vinte annos, trinta e quatro antes da época em que o conheci, casou com uma treda, que lhe fugiu com um cabo de esquadra. Soffreu muito por espaço de uma semana o senhor Thomé, e de-

pois fez-se cynico. Nunca vi nada mais parecido com os grandes heroes dos grandes romances, desculpados em sua devassidão pelas injurias que receberam quando crêram e amaram. A historia do senhor Thomé é a de Byron, é a de Werner, é a de Fausto, é a de Alfred de Musset, é a de Espronceda, e a de muita gente obscura, que não conta as suas maldades.

Contava já os seus cincoenta e quatro o senhor Thomé, e tinha ainda na alma basto fel, que cuspir á face da sociedade. O demonio sabe que satanico jubilo foi o do energumeno, sabendo que a cozinheira apanhára por deixar esturrar a calda do arroz, á conta d'elle! Para maiores reprezalias estava sedento aquelle coração de victimas, o coração do senhor Thomé, que era um receptaculo de viboras, uma forja de frechas, onde um sujo cupido, gerado no orco, se aninhára para opprobrio e desgraça das criadas de servir.

— Senhor Thomé! — dizia-lhe eu ha nove annos — Vocemecê não ha de ter bom fim! Perdôe ao mundo a affronta que lhe fez uma mulher, e deixe as outras em paz com a sua innocencia, e as cozinheiras com as suas obrigações. N'esse andar, vocemecê, qualquer hora, perde o aprumo do seu lombo, se não fôr de todo deslombado. Agradeça á fortuna selvagem e estupida dos felizes chegar a essa idade com a sua cabeça normal; agora perdôe e descance. A geração nova o irá vingando, se tem sêde de vingança.

O senhor Thomé, ao dia seguinte d'estas e d'outras que taes admonendas, vinha contar-me que endoide-

cêra uma fructeira, e trazia debaixo d'olho uma vendedeira de pasteis de Santa Clara e manjar branca. Quinze dias passados a fructeira arrepellava a dos pasteis, e esta era despedida do serviço das freiras por ter deixado esborrachar alguns manjares no calor da lucta.

Era fatal o senhor Thomé! N'outro paiz, e com algum dinheiro, andaria já em romances, como o Saphy e o Vautrin. Em Portugal, e entalado na esphera de sua arte, morrerá barbeiro obscuro, e terá simplesmente a gloria de entrar no inferno com grande cortejo d'almas precipitadas lá por elle.

Poucas horas depois que entrei na cadeia recebi um bilhete, que dizia: « Thomé, o barbeiro que o serviu na Foz, pede humildemente a graça de o escanhoar na cadeia. »

— Que venha — disse eu ao portador, cuidando que elle morava d'alli perto.

Veio, e disse-me:

— Ainda me conhece?

— Está muito acabado, mestre!

— Se lhe parece!... Tres annos de ferros!

— De ferros! pois vocemecê está prêzo?

— Aqui me trouxeram os meus trabalhos... A final acabou-se a sorte!

— Pois que foi, mestre? Algum desafio por causa da rapariga dos pasteis?

— Não, senhor. Eu estou aqui innocente, em minha consciencia.

— Coisas d'amor, não é verdade?

— Ora! isso é de vêr.

— Conte, senhor Thomé, conte que vocemecê tem direito a ser ouvido perante a posteridade.

— Estava eu na rua da Rainha como official d'um barbeiro que tinha uma filha de treze para quatorze annos, bonita como um cravo, e bem feita como uma imagem. Fiz-lhe dois dedos de namoro, e a pequena não andava muito fóra da razão. Fui indo, indo, e quando mal me precatei estava apaixonado. Se eu fosse solteiro, palavra de honra que a pedia ao pae; mas um homem casado, quando adrega de apaixonar-se, ou mar, ou terra, como diz o ditado. A paixão é cega. Quando o coração póde mais que a cabeça, meu amiguinho, faz-se muita somma de asneira. Tanto faz dar-lhe, como não: um homem ha de ir com a cara p'ra diante, e mostrar que é homem. Um dia tentou-me o demonio, e eu dei um beijo no rostinho da pequena, e ella pegou a gritar pelo pae, e a dizer que eu lhe déra um abraço. O pae rompe contra mim, dizendo que eu lhe tinha inviolado a sua filha. Prenderam-me, e tiveram-me aqui oito mezes sem me julgarem; e julgaram-me depois para me condemnarem a tres annos de prizão. Aqui tem a minha triste historia!... Esta só a mim acontece! Ainda hontem no *Braz Tisana* li uns versos em que o author pede um beijo a uma menina, e não me consta que o pae da menina querelasse do poeta. Por um beijo tres annos e sete mezes de cadeia. Veja o senhor com que consciencia os jurados me provaram o crime do beijo.

— Mestre! — exclamei — A providencia não é mentira. Vocemecê foi castigado por crimes que ainda clamam justiça, e o beijo foi o pretexto de que lançou mão o occulto juiz das consciencias. Lembre-se da môça que deixou esturrar a calda do arroz; lembre-se d'aquelles manjares brancos esborrachados; lembre-se da fructeira que esmagou o melhor melão do gigo. Curve a cabeça penitente, e offereça as suas dôres em desconto d'outras maiores, que o esperavam nas trevas inferiores, onde ha o ranger dos dentes, mas de certo não ha navalhas tão asperas como as suas.

Thomé afiou a navalha na palma da mão, e disse:

— Deixe-me sahir da cadeia, que eu me desforrarei. Então é que ella ha de ser fallada!

Das conversações que tive, no decurso d'um anno, com o senhor Thomé, conclui que nenhuma cozinheira está livre de ser immolada á sua vingança. A injustiça que lhe fizeram, foi uma nova enchente de peçonha que ha de forçosamente sahir em seducções, raptos, adulterios, violações e impudicicias de todo o tamanho.

O senhor Thomé sahiu da cadeia em novembro do anno passado. Não sei que estragos tem feito, nem quantas victimas giram penadas em volta d'aquelle astro fatal!

XI.

Paula, rapariga de dezeseis annos, pallida, triste como a imagem da desgraça, e indifferente ás torturas, como as santas, que não sentiam o martyrio, entrou um dia no escriptorio da cadeia entre dois soldados, deu o seu nome e occupação, e desceu serenamente á enxovia. Vinha arguida de infanticidio. Dezeseis annos! formosa! mãe! e infanticida!

— Saiba-me a historia d'essa rapariga — disse eu a um guarda.

Voltou o guarda, passados dias, e disse-me:

— A rapariga não conta nada. Está sentada a um canto da enxovia, com a cara entre os joelhos, e não chora nem falla.

Á segunda semana de prêza foi levada á enfermaria, onde morreu quinze dias depois.

Á cabeceira d'ella chegára algumas vezes uma voz compassiva, que lhe pedira o segredo da sua morte. Paula não tinha mais que dar em paga dos bens que recebêra senão a sua historia, que se cifra n'isto:

Viera da Villa da Feira servir para uma casa do Porto quando tinha treze annos. Seus amos eram marido e mulher casados recentemente. Tratavam-na menos como serva e muito como amiga. A senhora enfeitava-a de suas roupas usadas. O patrão, a occultas da esposa, anediava-lhe os cabellos, e gostava de a fazer purpurear com os beijos. Paula era innocente como os anjos, antes que os anjos pleiteararn egualdade com Deus.

Da innocencia dos beijos passou insensivelmente á innocencia da deshonra, e da deshonra á immerecida punição da maternidade.

Não sabia a pobresinha ainda chorar a sua quéda; se soubesse, bastariam as lagrimas a denuncial-a.

Foi o tempo que a descobriu diante da esposa. Caridade para taes ultrajes, perdão para taes innocencias, ha de ainda nascer dos anjos a mulher sublimada a taes virtudes.

A esposa interrogou-a. Paula contou uma historia tão simples, que azedou em dobro a ama. Era assim: Estava uma noite costurando, e esperando os senhores, que tinham ido ao theatro. Ás dez horas entrou o dono da casa sósinho. Sentou-se á beira d'ella, beijou-a, fallou-lhe uma linguagem nova, e ella ficou em silencio. Acabe agora o periodo o padre Manoel Bernardes, apostolico varão, que me ha de forrar da pecha de indiscreto: *E ainda que este mesmo silencio era sufficiente resposta, para se entender, que o empenho n'este caso não era seguro, todavia cegou-se a razão*: e

a mesma razão dicta que tomemos aqui a emprestimo o silencio, de quem occasionou a ruina (1).

Interrogou a dama seu marido. Este respondeu confessando a culpa, fazendo um acto de contrição, com grande penitencia de carinhos.

A criada foi expulsa na mesma hora, e a bonança voltou com o esquecimento.

Paula foi procurar a casa de sua mãe; achou-a fechada. Sentou-se no degrau, e esperou.

— Que fazes ahi, Paula? — perguntou uma mulher que passava.

— Espero minha mãe.

— A boas horas, menina! Ha oito dias que se deu á terra. Vem para minha casa; não chores.

Paula seguiu a amiga de sua mãe, e no dia seguinte foi procurar o abrigo de uma irman casada n'um logar distante.

A irman encarou n'ella d'alto a baixo, e disse-lhe:

— Vieste aqui envergonhar-me!? Ainda bem que nossa mãe morreu antes de te vêr assim. Filhos bastam-me os meus. Arranja-te lá onde puderes.

Paula voltou sobre seus passos, e pediu n'uma casa rica de sua terra que a tomassem para criada.

A illustre dama olhou-a com reparo, perguntou-lhe quantos annos tinha, fez um tregeito de enojo, e disse:

— Não me serves: vai-te embora, e tem juizo, se quizeres ter pão.

(1) *Floresta*, lenda da mulher marinha, liv. 1.º pag. 403.

Tornou Paula ao Porto, e passou n'uma rua onde estavam mulheres alegres e bem trajadas sentadas em cadeiras, ou debruçadas nas janellas. Uma chamou-a, e disse-lhe palavras de horrivel significação. Paula seguiu seu caminho, e gastou os ultimos vintens, porque tinha fome.

Perguntou, na taverna onde comêra, se alguem a tomaria por criada.

Mandaram-na a casa d'uma inculcadeira, que lhe respondeu:

— Passado algum tempo volte, que eu tenho incumbencia d'uma ama de leite; e se quer cá estar eu a irei sustentando por pouco.

Paula ficou, e começou a vender a sua roupa.

Acaso vira um bom velho da sua terra; chamou-o, e contou-lhe a sua vida. O velho foi para a aldeia, e convenceu a má irman a dar casa e um caldo a Paula. Foi a môça para casa de sua irman, onde a esperavam os deprêzos e insultos do cunhado. Sahiu humilde e grata á irman, e foi á casa onde sua mãe morrêra, e pediu ao velho que lhe emprestasse o aluguer do cardenho.

Fechou-se dias e noites sem pão nem luz; mas ás vezes o caridoso ancião mandava-lhe o jantar, que ella repartia em tres.

Uma noite sentiu-se atribulada; estava só; corria d'um a outro canto da casinha, impellida pelas guinadas das dôres.

Ouviu-a a visinhança de madrugada, arrombaram

a porta, e viram uma criança morta no pavimento terreo, e a um lado, sobre uma enxerga, Paula sem sentidos.

Ergueram o menino, e mostraram umas ás outras as moleirinhas do craneo esmagadas.

— Matou o filho a desalmada! — disseram todas.

Chegou a nova ao regedor, e entraram facultativos a examinar a criança, e decidiram que tinha signaes de morte violenta.

Paula ignorava tudo, ou o idiotismo e a febre a deslembrára de tudo.

Saltou da enxerga para a rua n'um accesso. Era de noite, e andou leguas até ao dia. De madrugada encontraram-na sem alentos uns lavradores, e deram-lhe casa, cama, alimentos e soccorros da medicina.

Convalesceu Paula, e fez caminho para o Porto. Procurou uma casa onde servir, e encontrou-a. Estava no fim da primeira semana, quando a prenderam como infanticida.

Já sabem o restante,

E devem tambem imaginar que o cavalheiro, marido da dama que expulsou Paula, é um môço feliz, que estava hontem no theatro lyrico de binoculo posto para um camarote, em que sua mulher lhe mostrava um vestido de senhora muito mais rico e adornado que o seu.

Gloria a Deus nas alturas.

XII.

Estava na Relação um sujeito conhecido pelo *homem elastico*.

Principiára a vida commercial no Porto, e promettia boa sahida, porque era mui azougado para o negocio, agil, videiro, e propenso a ardis que, mal definidos, giram com o nome de velhacarias.

Este môço, para tirar proveito de tudo, e assim gratificar á providencia os dons que recebêra, fez o melhor uso que podia da sua extrema magreza, introduzindo-se nos armazens da alfandega por não sei que orificio, incapaz de dar passagem a uma ratasana das grandes.

Não sei se á sahida ou á entrada foi prêzo o môço; o certo é que foi julgado e sentenciado ás galés.

Era de esperar que o elasterio, aproveitado para entrar na alfandega, lhe continuasse a servir para fugir da cadeia. Da primeira sortida sahiu-se prosperamente nas difficuldades apparentemente insuperaveis;

quando porém o julgariam livre todos, cahiu nas mãos das sentinellas. Na segunda tentativa venceu impossiveis, escoando-se por grades onde mal entra a cabeça de um homem. Era intenção sua descer ao saguão da cadeia, e evadir-se ao abrirem-se de manhan as portas de communicação para o pateo.

A façanha só póde espantar quem conhecer a altura dos quartos de Malta ao saguão central, e o nenhum ponto de apoio que sirva de passagem d'uns andares para outros. O ardente desejo da liberdade não dá garras de ferro ao fugitivo para suspender-se das cornijas, e cahir a prumo sobre outras, que apenas formam relêvo nas paredes lizas! Pois resvalou d'umas ás outras, até poder fazer o salto ao coberto do altar. N'esse salto, porém, tão desamparada foi a quéda, que o prêzo desistiu da fuga, atalhado pelas dôres. De madrugada foi encontrado no oratorio, e reconduzido á enfermaria. Em breves dias removeram-o para Lisboa; mas tão ferido e canceroso da perna, que lh'a cortaram logo.

N'este estado moveu o môço á compaixão as authoridades fiscaes do Limoeiro, e obteve que a sentença de degredo lhe fosse commutada em prizão na cadeia do Porto.

O infeliz impressionára vivamente o Senhor D. Pedro V, na sua segunda visita aos prêzos. Dobrára elle o joelho unico ao rei, pedindo-lhe a liberdade. Sua Magestade mandou tomar nota do nome e da especie do crime. O perdão não chegou; mas a esperança em

quanto lhe não morreu com o rei, deu-lhe dias de alegria, que o fortificaram para resistir ao desengano.

A maior injustiça que eu ainda vi desenfreada e ás soltas na face da terra foi a que prendeu os senhores Almeida e Manoel Caetano, a proposito d'uma tentativa de roubo ao senhor Lobo da Reboleira.

Vinham aquelles inoffensivos cidadãos pelo seu caminho, mansos e quietos, e desprendidos de cobiça. Passaram á porta do capitalista no momento em que o senhor Lobo escorregava nas escadas ingremes e oleosas de sua casa, gritando que andavam ratoneiros lá dentro. O senhor Almeida, quando tal ouviu, receou que o tomassem por um dos salteadores, e estugou o passo. O senhor Manoel Caetano, menos amedrontado das suspeitas, mas temeroso de ser chamado como testemunha, fugiu tambem. Os visinhos do senhor Lobo, vendo fugirem dois homens, e ouvindo os gritos da criada do millionario, correram atraz d'elles, e, auxiliados pela guarda do Banco, apanharam-os. São o queixoso e sua criada convidados a reconhecer os ladrões, e não os conhecem. São chamados os visinhos, que os perseguiram, e asseveram a identidade das pessoas.

Aqui está a historia contada pelos prèzos, unicos, a meu vêr, que a podem contar como ella foi.

Mais haverá de oito mezes que elles estão esperando que os julguem. Tomou cargo da defeza Marcellino de Mattos.

Se o jury provar a innocencia d'estes dois homens, qual é o artigo da lei que impõe ao ministerio publico o sacratissimo dever de os indemnisar?

Devo crer que a mais pungente impressão, que recebi no carcere, foi o senhor Almeida que m'a deu.

Vivia elle n'um quarto escuro, onde a custo penetravam os olhos de quem passava. Um dia chegára-lhe a noticia de estar moribunda sua mulher. Trouxera-lh'a uma loira filhinha de oito annos. Almeida estava chorando com a menina sobre os joelhos; e ella com as pontas do seu lenço alimpava-lhe as lagrimas, consoante lhe escorregavam na face.

Encostei-me á parede d'onde não podia ser visto d'elle, e ouvi-lhe dizer á filha:

— Que será de mim e de teus irmãos se a mãe te morre?

Passados minutos a menina entrou ao meu quarto, e beijou-me as mãos, com os labios ainda quentes das lagrimas agradecidas do pae.

Perguntei-lhe que doença tinha a mãe. A menina relanceou os olhos em redor, como receando que o pae a ouvisse, e respondeu-me:

— E' fome.

Se Marcellino de Mattos lêsse esta pagina, e a tomasse como texto para a sua eloquencia de caridade e de lagrimas, bem póde ser que o jury dissesse: « Ainda na supposição de que este pae de familias, n'uma hora de impaciente fome, tentasse pedir com illegal soberania ao millionario algumas migalhas para mulher e fi-

lhos, basta-lhe á expiação o sentar-se todas as manhans d'um anno de carcere na sua enxerga, e perguntar a Deus quem lhe daria o pão do almôço a si e sua familia! »

Havia n'aquelle tempo alli um prêzo, que cumpria sentença por não sei que culpas. Era o meu alfaiate, e optimo alfaiate, que tinha seus officiaes, locatarios da enxovia. Era um pasmar a pontualidade com que os retalhos da fazenda me eram restituidos! Duvido que ella fosse maior n'um mosteiro de monges benedictinos, quando os monges exercitavam os officios necessarios á ordem.

O quarto dos saráos era o do engenhoso artista, que tinha baralhos e dominó para os prêzos, e na taboa da mesa entalhados a esmêro os nomes dos mais egregios parceiros. Alli era tambem o local dos festins, quando algum novo prêzo entrava. É la costume acceitar o recem-chegado das mãos do mais graduado um barril, conhecido por nome de *Joanninha*. Este barril ha de vir tantas vezes cheio da taverna, quantas elle fôr vasio ás mãos do prêzo. São alguns prêzos exceptuados d'esta iniciação; mas não aconselho aos exceptuados que acceitem a distincção, podendo remil-a a dinheiro, para se dispensar da formalidade de tomar o pipote. É bom captivar a estima d'aquelles visinhos que de pouco se prendem. Os mais humildes são os maiores desgraçados, quando as consciencias illibadas se não pejam de descer até ao abysmo d'elles.

Agradecem-vos a consideração, e não abusam d'ella. Cuidam que os julgaes susceptiveis de se rehabilitarem para a honra, e n'esse pensar já a indole lhes vai melhorada e perde a pouco e pouco a sua fereza.

Eu descobri uma porção incorrupta em cada uma das almas que deixei bosquejadas. Abstenho-me de dizer que seria possivel restituil-as sanadas á humanidade, porque desadoro utopias, e sinto-me convictamente materialista na perversão de certos individuos. Direi todavia que o descaridoso gravame que flagella o prêzo, se uma justiça misericordiosa o não alliviar, a cadeia continuará a ser um como fogo a que se aquilata a extrema maldade do criminoso. Assim é matar-lhe a alma, se os legisladores crêem na alma. É roubar a Deus o que é de Deus, na hypothese de que o Creador ha de chamar a si o que deu de sua imagem ao homem, quer este se chame santo, quer demonio.

XIII.

Nos quatro ultimos mezes que precederam a minha apresentação na cadeia, experimentei o que é esterilidade, paralysia e ceguidão intellectual. Baldaram-se as obstinadas diligencias que fiz, em differentes logares onde estanciei, acolhido por amigos ou parentes. Solicitára de mim a versão de um drama italiano a senhora Emilia das Neves, artista, cujo merecimento obriga todo o escriptor que póde aquinhoar das suas glorias. Traduzi a primeira scena em Briteiros, na quinta de Francisco Martins. Para mais de tres mezes andou aquelle *thesouro litterario* no meu saco-de-noite. Instou a estremada actriz pelo traslado do seu mimoso drama. Arremetti denodado á obra, e verti a segunda scena. Andava eu cobrando hardimento para a terceira, quando o senhor commissario regio dos theatros me fez saber que a traducção fôra commettida ao senhor José da Silva Mendes Leal. Nunca as boas letras ganharam tanto com a inercia d'um escriptor, empedrado pelo infortunio!

Já n'outro relanço disse que os meus primeiros trabalhos na cadeia foram a traducção do *Ensaio sobre a arte de ser felix*, de José Droz, e artigos de politica, politica innocentissima, politica de estylo para o *Nacional*.

Ao terceiro mez de prizão senti-me revigorisado para o trabalho, e com bastante socego para prender o espirito ás transformações da phantasia. Ensaiei-me, como quem começa, pelas leituras aturadas de livros portuguezes. Quando a alma fugia das ideias alheias para se infernar nas suas, lá ia a paciente razão arrancal-a, e de lá a vinha chamando com a luz da esperança, que parece alimentar-se do mesmo oleo santo, que flammeja e arde na lampada da religião.

Da leitura passei á escripta. Tracei alguns capitulos do romance *Annos de prosa*, para a *Revolução de Setembro*, e traduzi uma novella, muito aprazivel e consolativa, para o *Commercio do Porto*. Convidado pelo editor Gomes da Fonseca, puz em linguagem a *Fanny* — romance exquisito que só tem os meritos de sua maliciosa voga, popularidade sobre modo significativa do derrancado paladar dos francezes e das francezas. Fez-me triste impressão saber eu que o senhor Fonseca publicava deslealmente o meu trabalho n'um *jornal de annuncios*, com não sei que fito ganancioso. Abaixo d'aquillo não sei onde está o paradeiro d'um escriptor decahido! Ri primeiro de mim, como quem se é de si proprio espectador nas farças de sua vida; depois ri da bem-querença d'um jornalista, que fizera

do jornal de annuncios a rasa campa da minha reputação, com o romance vertido, por epitaphio.

Escrevi *Revistas do Porto* nos jornaes de Lisboa, e parece-me que tambem escrevi *Revistas de Lisboa* nos jornaes do Porto. Era de mais para quem não via nada! Formei parte d'uma redacção programmatica para o *Nacional*, que esteve por um cabello a hombrear com o *Times* em tamanho corporeo e intellectual. Sahiram-lhe os fados esquerdos, e apenas se manteve em egualdade com o seu cofre de pagadoria.

Tomei parte na redacção do *1.° de Dezembro*, jornal anti-iberico, o qual valeria um Nuno Alvares e um Pinto Ribeiro se o iberismo não fosse um phantasma, e os apostolos da nacionalidade uns terroristas, que já escassamente se aturam, de enfadonhos que são no palco. O jornal calou-se, ha dias, deixando acamadas algumas resmas de mau papel e maus artigos, como pyramide monumental de seu patriotismo. De crêr é que não tenham outro padrão os preclaros heroes de 1640.

Escrevi tambem um epitaphio a pedido d'um veneravel sacerdote, que me julgou em maré cheia de inspirações funebres. Descreveu-me as virtudes do morto em duas horas, pedindo-me que as mencionasse todas, incluindo nas virtudes ter sido grande grammatico o defuncto. Engenhei uma oitava, que era uma biographia completa. No dia seguinte veio o padre buscar sua encommenda, e chorou a jorros, principalmente no verso em que eu dizia que o defuncto teria inven-

tado a grammatica, se ella não existisse antes d'elle. Encareceu-me o poemeto, comparando-o ás melhores inspirações de Nicolau Tolentino, e isto era estreme e lizo de intenção epigrammatica.

Depois d'outras duas horas de glossas ás virtudes aconsoantadas na oitava, o panegyrista metteu a mão á algibeira, e estendeu-me o braço na postura desempenada de quem tira do bolso do collête um imperio.

— Aqui tem para almoçar! — exclamou.

Abriu a palma da mão, que parecia abater debaixo do pêzo de cinco tostões, e accrescentou:

— O que é bom paga-se bem!

Ora eu, que sempre fui enthusiasta admirador d'um quadro em que Hippocrates rejeita os thesouros de Artaxerxes com magnifico gesto de repulsão, remedei exactamente o velho de Cós na attitude esculptural.

— Padre! guarde os seus thesouros! — clamei com emphase — Os genios, quando se abrem, são gratuitos, como as nuvens que chovem a abundancia do ceo, e tambem fazem a lama na terra.

Respeitou o padre a independencia da poesia, e foi-se nas boas horas.

Fui egualmente honrado com as remessas de albuns, cujos donos acharam bonito possuirem uma pagina datada da cadeia. Poderei apenas nomear um dos cavalheiros que me enviaram o seu album, onde eu escrevi algumas linhas que fallavam da amargura de minha alma. Se o leitor as lêsse contristava-se, e, sendo-me inimigo, indultava-me de seu odio. Pois o cava-

lheiro, cujo capricho delicadamente eu servira, aconteceu depois ser um dos sessenta jurados que deviam julgar-me, e um dos doze que me haviam de condemnar, se eu o não recusasse, apenas lhe ouvi o nome: tão manifesta fizera elle a sua ruim tenção, apregoando-a nos corredores do tribunal. Creio que era ourives, e appellidava-se Santa Anna o sujeito que eu denominei cavalheiro, por achar que lhe concerta o epitheto. Ahi fica uma revelação que ha de acarear-lhe amigos, e satisfação de sua dignidade e lavada consciencia, por ventura de quilate egual ao do seu ouro.

Do livro publicado com o titulo *Doze casamentos felizes* escrevi seis ou sete na cadeia. Senti prazer n'aquellas ficções, e orgulhei-me de ter n'ellas imaginado a vida como ella podia ser, sem desbarato do divino engenho que bafejou o lôdo dos corações. Dediquei o livro ao senhor Antonio Rodrigues Sampaio, que exercita a virtude da amizade, como se esta de per si abarcasse todos os dictames do Evangelho.

Coordenei em seguida os apontamentos, que me havia dado o fallecido Antonio José Coutinho, na novella intitulada: *Romance d'um homem rico*. É o livro a que eu mais quero, e, a meu juizo, o mais toleravel de quantos fiz. Estava ao meu lado um coração que eu ia desenhando n'aquella *Leonor*, da mão da qual eu me deixaria cahir no abysmo, se para cada homem pudessem abrir-se as fauces de dois abysmos. Aquelle padre, como todos os bons padres dos meus romances,— e creio que os fiz sempre bons para andar sempre ao

invez da verdade — copiei-o d'uma excepção, como outras excepções, que o leitor conhece. É um padre Antonio, que vive obscurissimo n'uma aldeia chamada Samardan, em Tras-os-Montes, aldeia que Francisco Manoel do Nascimento, lá de Paris, mettia a riso, quando queria dar terra a um selvagem, ou a um brazileiro. Para que me não tomem de esguelha o asserto, dou-lhe o exemplo em nota (1).

N'esta Samardan passei eu os descuidos e as alegrias da infancia, na companhia de minha irman, que alli casou, e d'aquelle padre Antonio d'Azevedo, alma de Deus, missionario fervoroso, que me podia ensinar

(1) CONTO.

Sahiu da Samardan certo pedreiro
Faminto de ouro, em busca da fortuna;
Embarca, vai-se ao Rio, deita ás Minas,
E lida e fóssa, e sûa, arranca á terra
O luzente metal, que o vulgo adora.
Vem rico á Samardan; vinhas, searas,
Casas, moveis, baixella compra fófo;
Brocados veste, vai-se nos domingos
Espanejar á Egreja (*), acompanhado
De lacaios esbeltos; vem o cura
Saudal-o co'a agua benta.... etc.

O brazileiro vai viajar a Paris e

volta enfadado
Á sua Samardan....

exclamando:

Gabam tal gente
De polida? Oh! mal haja quem tal disse!
Corri casas, palacios, corri ruas,
Não vi um só, nem grande, nem plebeo,
Que, ao passar, me corteje c'o chapeo.

(*) Na Samardan não ha vinhas, nem egreja, nem cura. Aqui está como são os poetas!

tanto latim, tanta virtude, e só me ensinou principios de canto-chão, os quaes me serviram de muito para as acertadas apreciações que eu fiz depois das primas-donas. Bem se via que eu tinha a prenda. Aquelle santo homem ignora que eu escrevo novellas, nem cuida que a humanidade gaste o seu dinheiro e tempo a ler historias estranhas á salvação. As raras cartas, que me envia, são todas a desandar-me d'este caminho errado para o do sacerdocio, em que elle me promette cruzes e alegrias, penitencias e bem-aventuranças. Lá irei quando a sensibilidade, marasmada para as dôres de hoje, carecer de mais afiado gume das dôres futuras.

O romance escripto em seguimento d'aquelle, foi o *Amor de perdição*. Desde menino que eu ouvia contar a triste historia de meu tio paterno, Simão Antonio Botelho. Minha tia, irman d'elle, solicitada por minha curiosidade romanesca, estava sempre prompta a repetir o facto, alligado á sua mocidade.

Lembrou-me naturalmente, na cadeia, muitas vezes meu tio, que alli devêra estar inscripto no livro das entradas, e no das sahidas para o degredo. Folheei os livros desde 1800, e achei a noticia com pouca fadiga, e alvoroços de contentamento, como se em minha alçada estivesse adornar-lhe a memoria, como recompensa das suas tragicas agonias e affrontas em tão breve vida. Sabia eu que em casa de minha irman estavam acantoados uns massos de papeis antigos, tendentes a esclarecer a nubelosa historia de meu tio. Pedi aos contemporaneos que o conheceram noticias

e miudezas, a fim de entrar de consciencia n'aquelle trabalho.

Escrevi o romance em quinze dias, os mais atormentados da minha vida. Tão horrorisada tenho d'elles a memoria, que nunca mais abrirei o *Amor de perdição*, nem lhe passarei a lima sobre os defeitos nas edições futuras, se é que não sahiu tolhiço da primeira. Não sei se lá digo que meu tio Simão chorava, e se o leitor chorou com elle. De mim lhe juro que...

Agora me ia fugindo a alma com a penna para uma necedade, que seria pueril e perdoavel, se esta curva, que faço sobre a mesa, me não estivesse admoestando a retomar o prumo vertical em frente da desgraça.

Escrevi na cadeia outro romancinho, motivado por uma historia que duas senhoras me haviam, de muito, pedido que pozesse em livro. Era muito para isso a historia; mas falleciam ao bom desempenho d'ella as intenções, que só as masmorras podiam dar-me, sendo que a maior parte do entrecho decorrêra n'aquella cadeia.

Folheei de novo os livros dos assentamentos, e achei o nome da senhora, que era a alma golpeada da tragedia, que as suas amigas me disseram.

Aqui é, pois, onde vem apropositado o romance, que releva ser lido, como se algumas sepulturas se abrissem ante o leitor, e os mortos lhe contassem, uns as flagellações, outros os remorsos, com que lá desceram.

Entrem de coração na seguinte pagina.

MARTYRIOS OBSCUROS.

Passaram quarenta annos. Memoria da martyr nenhuma ha ahi. Ninguem lhe conhece a sepultura em Santa Marinha de Gaia.

Os algozes passaram tambem. Póde a indignação ou a piedade fallar d'elles sem temor de criar inimigos — terriveis inimigos os amigos dos scelerados poderosos!

E o ceo arqueia-se azulado e esplendido sobre nossas cabeças. A nossos pés tapizam-se verduras de mil esmaltes. Rimos a tudo, quando pequenas contrariedades nos não enfadam.

Onde estão os martyres?

Quem é que soffre?

A nós, se o ha, que nos importa o martyrio?!

Hontem, hoje e sempre corremos essas ruas, e de nenhuma casa coou um gemido que nos chamasse o animo embebecido nos sublimes calculos de accrescentar uma cifra ao valor que a sociedade nos dá. Os nossos amigos recebem-nos alegres no gremio de suas

familias risonhas e preoccupadas no theatro de hontem, e no baile de ámanhan.

Homens que eu já vi protegidos á sombra escura do seu plebeismo, perpassaram por mim, ha pouco, levantados em coxins de phaetontes, tirados por urcos fumegantes. Outros, os indigentes, que sujavam o formoso quadro da universal alegria, deliu-os da face da terra a esponja da morte. Se ha miseraveis, eu não os vejo.

A vida é linda!

Onde estão os martyres?

Era consul hespanhol no Porto, em 1816, D. Francisco de la Cueva. Acceitem da discrição do author este appellido, que não é o verdadeiro, mas é o conveniente.

Casára D. Francisco em Villa Nova de Gaia com uma senhora de familia commerciante, e por paixão casára, como em vulgar se diz, se o casamento é o resultado final d'um namoro de seis mezes, durante os quaes os namorados se conversam seis vezes, e se escrevem todas as semanas, de modo que, na ultima carta, já mal sabem como variar as phrases da primeira.

Isto se chama casamento de paixão.

Chamava-se Adelaide a senhora que tão despatrioticamente se dedicára ao castelhano, devotando-se do coração a um iberismo, o mais fatal de quantos ha, se damas portuguezas seguissem o exemplo d'aquella.

Castigado foi o estrangeirado coração de Adelaide.

Era o consul môço, gentil, dado a amar com escandalo creaturas isemptas de escrupulos.

A esposa fôra ciosa das rivaes imaginarias, quando as não tinha. Convencida, porém, da deslealdade do marido, excedeu o exemplo das mais intolerantes esposas. Já no primeiro anno de casada fugiu á casa marital, e recolheu-se á dos paes. Decorridos mezes conciliou-se com o marido, e voltou a casa, mais bravia que nunca, amargurando, já por habito, a vida do hespanhol, sem mesmo justificar as demasias do seu ciume.

Eram ambos desditosos, como se tivessem casado por odio, como se o contracto nupcial fosse o despedaçarem-se mutuamente.

Repetiu-se a fuga, e logo depois a reconciliação. Pessoas valiosas tomaram a peito congrassar as duas almas devoradas de impaciencia, esperando aquietal-as com o tempo, que a pouco e pouco vai esfriando os ardores do ciume, e o das deslealdades simultaneamente.

Terceira fuga ainda, por simplissima causa. Recovaram a Adelaide que seu marido brindára uma dansarina hespanhola com um par de castanhetas laçadas de fitas, onde se lia bordado a ouro o seu nome. Era calumnia. De crêr é que D. Francisco de la Cueva admirasse os boleros de sua patricia; mas, que eu saiba, castanhetas não lhe déra nenhumas.

O resultado da intriga foi Adelaide fugir, e atirar-se ao seio maternal, contando entre soluços o hor-

ror das castanhetas, que tão graciosas já foram aos olhos d'um pontifice!

D'esta feita anojou-se D. Francisco, a ponto de pedir licença ao seu governo, e retirar-se temporariamente para Madrid. Deu vasto brejo á calumnia para espojar-se semelhante passo. A sociedade, conhecedora do facto, deu razão á esposa, confirmando os amores com a dançarina sobre o acaso d'ella sahir do theatro, cumprida sua escriptura, e seguir a Madrid, onde tinha os paes.

Finda a licença voltou o consul para o Porto, e viu que o recebiam de má sombra as familias suas conhecidas e de sua mulher, sendo que algumas pessoas de alto porte o ameaçavam da perda do consulado. Forçado pelo mêdo solicitou pazes com Adelaide, e acceitou as forcas caudinas de ir elle mesmo requestar-lhe a condescendencia á casa paterna.

Voltou Adelaide.

A sociedade, exquisita em seus juizos, começou a rir da comedia; e o hespanhol continuou a rir dos deveres conjugaes; e a esposa trahida relembrou as costumadas invectivas com que se ia mal pagando da perfidia.

Acontecêra orphanar-se uma menina pobre, bem educada, prima de Adelaide. Os parentes, cuidando que a solidão de Adelaide lhe era causa a scismar no seu mal recompensado amor de esposa, lembravam-se de aconselhal-a a acceitar em casa a prima pobre, que lhe seria excellente companheira, e doce contentamento de acção caridosa.

Annuiu Adelaide; e o consul, na esperança de amaciar assim as asperezas da consorte, condescendeu sem resistencia.

Tinha uns dezenove annos formosissimos Delfina. Se olhos e cabellos negrejassem menos tomal-a-ieis por fina belleza de Inglaterra: tão de setim era a pelle e o melindre das feições. Contra o engano de quem lhe inglezasse a belleza, protestava a correcção de todas as fórmas, realçando a primor a dos pés e mãos, porções essenciaes da mulher que só attinge o bello, quando vem amoldada nas fórmas perpetuadas por Milo ou Raphael.

N'este composto de beldades faltava o ar, o movimento, o clarão da alegria. Era melancolica Delfina como alma contínuo alanceada por presagio acerbo. Dava a pensar que o anjo de seu destino lhe estava sempre segredando fatalidades decretadas no ceo.

Diziam que eram saudades de pae e mãe as lagrimas d'ella. Delfina já se escondia para chorar, temerosa do balsamo que vem agro como fel, quando a chaga é outra.

Já Adelaide dizia que a convivencia da prima, em vez de adoçar, lhe exasperava as amarguras. Ora D. Francisco sympathisava com a tristeza de Delfina; mas escassamente a confortava, receoso do escrutar dos olhos da mulher. O que elle podia fazer, sem incutir suspeitas, era lisongeal-a com quantos indirectos cuidados o coração lhe suggeria.

O coração?!

Era o coração; espantem-se; mas creiam. O hespanhol amava-a, porque era linda, porque era meiga, porque era pobre, porque era humilde, porque era virtuosa, porque ajuntava á formosura a desgraça, a desgraça á pureza, e a pureza ás lagrimas.

Amava-a ainda mais, porque não dizia, porque nunca podéra dizer-lhe que a amava.

Algumas vezes a prevenida esposa o surprendeu, contemplando a prima. E o marido, conturbado pelos olhares da mulher, que eram flechas, mais se denunciava. O homem que ama é um tolo sublime.

Só de animo frio a gente sabe furtar-se a olhos de mulher ciosa. É o amor uma criança, que nos faz crianças em todas as idades. Uma sexagenaria apaixonada arripia a carreira atravéz de quarenta primaveras, e volve aos seus vinte annos, e chega a purpurear-se como rosa, quando lhe tocam, de proposito ou de acaso, a fibra sensivel remoçada. Homem de quarenta annos, devastado, encanecido, laureado por cem conquistas ou cem tolices — que diz o mesmo — se acerta de amar devéras, e inflammar-se, como lampeja a luz em finaes clarões, torna-se menino, tem os sobresaltos d'um galan, as ridiculezas da mocidade, e tudo o mais que vem em prova de que o amor, salvas as legitimas consequencias do matrimonio, nunca póde ser acto serio, por mais serio que se nos elle incampe no romance e na tragedia.

Logo que Adelaide desconfiou das deferencias do marido a sua prima, não havia que esperar milagres de

prudencia d'aquella afogueada alma. Sahiram logo em baldão as indelicadezas, grosserias e desprêsos contra a orphan.

Soffria paciente Delfina os maus gestos da bemfeitora, não sabendo a que attribuil-os. Presumia que eram azedumes com o marido, e precisão de desabafar.

Um dia disse Adelaide á sua hospeda:

— Meu marido tem-te dito algumas palavras, que eu não saiba?

— Não, prima! — respondeu a orphan — Que me ha de elle ter dito que tu não ouvisses?

— Eu sei!... Meu marido é um doido, e tu és galantinha, Delfina... Que mais é necessario?

— Não entendo, prima... Que tem que eu seja bonita?

— Ora! não te faças criança! —replicou Adelaide risonha — Tens vinte annos, e estás farta de saber que meu marido gosta de ti, como todo o homem que tem olhos.

— E tu queres que teu marido não seja meu amigo? O que eu continuamente peço a Deus é que elle e tu sejam meus amigos para se não enfadarem de me ter em sua companhia, e me darem o abrigo que meus paes me não deixaram. O primo D. Francisco nunca me disse senão o que tu tens ouvido, prima! Umas vezes pergunta-me a causa de minha tristeza; outras diz-me que vá comtigo ao theatro, e passar as noites a casa de nossos parentes e relações. Bem sabes as minhas respostas. Vivo triste, porque é este o meu ge-

nio, e não por sentir o pêzo da dependencia que o teu bom coração me faz suave. Deixo de ir ao theatro e ás visitas por vêr que a minha companhia te não é precisa. Se o fosse, iria, Adelaide; mas se me deixas ficar no meu quarto a trabalhar, ou lêr, dás-me os raros prazeres que o meu triste genio me concede.

— Mas — atalhou Adelaide — o D. Francisco nunca te fallou ás escondidas de mim?

— Nunca.

— E uma noite que elle veio do theatro a casa ficando eu lá...

— Nem o vi. Perguntei á criada quem tocára a campainha, e ella disse-me que o primo viéra ao escriptorio buscar uns papeis.

— Acredito-te, que já a criada me disse o mesmo.

— E é necessario que a criada t'o dissesse para me acreditares, prima?

— Não... isto é um modo de fallar — disse Adelaide, sem perturbar-se com a censura humilde á sua desconfiança, e proseguiu sempre aferroada pelo seu demonio do ciume: — Se elle alguma vez te disser alguma coisa, contas-m'a?

— Contarei, prima.

— E se te escrever?

— Se me escrever!? Para que ha de elle escrever-me?!

— A dizer-te que te ama... Olha que innocencia!...

— Estás doida, Adelaide!

— Não estou, não; já te disse que D. Francisco é um perdido com mulheres, e tu mesma, sem querer, és capaz de lhe enlouquecer a cabeça.

Delfina meditou alguns momentos, e disse:

— Nunca pensei em tal, prima... Parece-me sonho o que me estás dizendo! Bem sabes que eu pouco sei do mundo. Vivi na aldeia desde que meu pae morreu. Passei oito annos a conversar com minha mãe, que só me fallava da falta de meu pae, e do triste futuro que me esperava, se algum parente me não acudisse com recursos para eu entrar n'um convento. Principio a abrir os olhos agora para vêr que são possiveis coisas horrorosas que minha boa mãe me não disse, porque talvez as não soubesse. Disseste que me não fingisse criança, porque já tenho vinte annos. Tens razão... É preciso adivinhar tudo aos vinte annos. Agora sei que posso ser amada por teu marido, e posso ter a má condição de vir causar-te maiores desgostos, em paga dos beneficios que me tens feito.

— Não disse tal... — atalhou Adelaide — Conheço meu marido, e adivinho-lhe os pensamentos. Creio que serás sempre digna da minha confiança e amizade; e por isso te peço me digas o que eu não puder adivinhar. A minha ideia, priminha, é salvar-te de alguma grande desgraça, e poupar-me a um desgosto, que me havia de matar, se eu soubesse que tu, por innocencia ou por amor, lhe alimentavas a paixão. Não vás tu cuidar que são infundadas as minhas suspeitas. Já agora hei de justificar-me. Um d'estes dias meu ma-

rido disse ao criado que lhe fosse lançar a correspondencia ao correio. O criado pegou das cartas e pouzou-as sobre aquella mesa em quanto acabava de sacudir os tapetes. Reparei no sobrescripto de todas, e vi uma dirigida a um hespanhol, amigo intimo d'elle, que já o tem cá vindo visitar. Não sei porque, tive o presentimento de que n'aquella carta se fallava de ti, porque, demais a mais, sabia eu que D. Francisco não tinha segredos para o tal sujeito. Guardei a carta sem o criado dar fé! Abri-a,... e não me enganei... Espera um pouco, que eu vou buscal-a.

Em quanto Adelaide foi, Delfina amparou a face entre as mãos, e reteve a custo as lagrimas.

— Eil-a aqui! — disse Adelaide — eu leio-t'a, que está escripta em hespanhol.

E leu:

« Não te fallei ainda d'um anjo do ceo que alumia « a escuridade da minha vida intima. É uma prima de « Adelaide, orphan, que se acolheu a minha casa, guia- « da pela providencia, que se compadece de mim... « Tu nunca viste mais formosa mulher em Sevilha, em « Granada, no Aranjuez, na Porta-del-Sol! Os olhos « lhe bastariam para a fazerem rainha do universo pela « belleza; mas são tantos os encantos, que difficil é « designar qual d'elles lhe dá a soberania! Ajunta a « esta excellencia de fórmas a mais bella alma que « possa imaginar um santo; a humildade, que a divi- « nisa; a melancolia, que a faz parecer anjo desterrado « a esperar o chamamento de Deus!... Vê se pódes

« conceber agora com que paixão adoro esta singular « creatura! A voz me treme se lhe fallo; mas ella é « pura; nunca seus olhos viram n'outros a paixão; « nunca seus ouvidos ouviram expressões de amor, « nem sabe quando o trémulo da voz e o silencio do « respeito significam amor que emmudece, e que mui- « tas vezes (e esta será uma d'ellas!) depressa vai da « mudez do respeito á mudez da campa!... Delfina é « o nome da fada da minha existencia!... Porque vi « eu esta mulher? Que tremendo instrumento de ex- « piação me é ella nas mãos de Deus? Que significa « esta tortura diante do infernal IMPOSSIVEL da nossa « situação? Impossivel de certo, ó meu amigo! Que te « direi eu ámanhan de mim? Não sei. Ante meus « olhos ha tormentos nublosos, cuja duração não sei « antever. A desgraça é inevitavel, qualquer que seja « a sahida d'esta funesta paixão. Aconselhares-me? « para que! seria inutil. O coração perde-me: não sei « o que é salvar-se honra e dever n'esta infernal lucta. « Fugir-lhe? Não posso, meu amigo... A morte que « venha decidir do meu destino! »

— Aqui tens, prima, a carta de meu marido — continuou Adelaide, dobrando vagarosamente o papel. — Tu me dirás agora se é desproposito perguntar-te eu se meu marido teve comtigo alguma conversação de que a tua innocencia não suspeitou o que eu saberia esclarecer-te...

— Já te disse que eu nunca fallei com o senhor

D. Francisco na tua ausencia. Eu não tenho a menor culpa d'essa carta.

— Tambem assim o penso; mas noto que a ouviste serenamente, prima! Parece-me que semelhante carta devia affligir-te!

— Eu só me afflijo com as desgraças irremediaveis. Só a minha situação, o meu desgraçado futuro me arrancam lagrimas. O que a ti te desgosta não póde ser-me agradavel, prima; mas, razões para me affligir nunca Deus m'as dê maiores. O meu dever, Adelaide, é remediar desgostos maiores que por minha causa possam sobrevir. Desde que fiquei sem mãe o meu pensamento foi entrar n'um convento, a não poder entrar na sepultura d'ella. Desgraçadamente o espolio de meus paes era insufficiente para as despezas. Pedi aos meus parentes ricos uma mesada de esmola, e só consegui que a tua caridade me abrisse os braços, que muito foi. Cuidaste que fazias uma boa acção, e sahiu-te d'ella um desgosto. Não te afflijas, minha prima: a carta de teu marido nada importa. A minha ausencia vai sarar o mal, que bom remedio tem. Lugar de criada não ha de faltar n'um convento do Porto ou da provincia. Tu pódes com as tuas amizades obter-me este refugio. Consegue-o sem dizer nada aos nossos parentes. Não vamos envergonhar pessoas ricas, que me deixariam morrer de fome, com tanto que se não soubesse que eu sou sua parenta...

Chorava Delfina em tanto aperto, que não pôde

continuar; e como ouvisse os passos de D. Francisco, foi de corrida para o seu quarto.

Conjecturou o hespanhol do rosto de sua mulher alguma scena extraordinaria.

— Não estava comtigo a prima? — disse elle.

— Estava. Queres que a chame? — respondeu com desabrimento ironico.

— Não, menina. Admirei que ella se retirasse á minha chegada!

— Quem te disse que ella se retirou?

— Ouvi-lhe eu os passos.

— Como trazes os ouvidos apontados aos passos d'ella!...

— Forte admiração! Não é preciso apontar os ouvidos para ouvir passos a pouca distancia dos meus.

— Será isso... será... — disse, soltando uma risada sêcca e aspera.

— Esse riso que quer dizer? — perguntou o consul mal encarado.

— Quer dizer que me estou rindo da tua innocencia.

— Fazes bem, que eu tambem me rio da tua parvoice.

— Isso é que não, meu amigo. Da minha parvoice é que nunca te rirás, apesar da tua muita velhacaria. Eu leio-te na alma.

— És esperta!

— A tua consciencia o diz... E tu, que não sabes enganar-me, que és? Tolo.

— Modera-te!

— Mais ainda!! Se soubesses que provas te estou dando da minha moderação!...

— Excellentes! Ninguem as daria mais tocantes! Á quinta vez que fugires de casa és canonisada por merecimento de tua angelica paciencia...

— Basta de ironias! Se zombas de mim temos que vêr!

— É melhor não vêr nada. Boas noites.

— Boas noites.

Que cordial palestra! Eram dois rolos gemebundos, que se tinham casado por paixão!

No dia seguinte, a horas de almôço, Delfina faltou á mesa, e Adelaide, como indifferente á falta, não mandou chamal-a.

— Tua prima não almoça? — disse o hespanhol.

— Não sei.

— Mas é um dever perguntar-lh'o.

— Já não ha deveres.

— O que? já não ha deveres?!

— Não, desde que déste o exemplo despresador dos mais sagrados.

— Não percebo.

— Percebo eu, e basta.

— Quero explicações! — tornou D. Francisco, levantando-se de golpe, e deixando cahir a chavena da mão tremula.

— Modera-te. As explicações são peores que o silencio. Almoça. Aqui tens outra chavena. É a da pri-

ma Delfina. De certo não te repugna tomares chá por esta chicara.

O consul retirou-se da salêta, e esporeado pela cólera, sahiu de casa.

Adelaide foi levar a sua prima o almôço, e encontrou-a costurando sobre um estofo, humido de lagrimas.

— Almoça, Delfina.

— Desculpa-me, prima, que eu não posso... Estás resolvida a fazer-me a esmola que eu te pedi? Arranjas-me lugar de criada n'um convento? Lembra-me as recolhidas de S. Lazaro. Não poderás tu obter que eu lá entre como mestra de primeiras letras e costura? Eu sei marcar e bordar. Sirvo pelo sustento, se me lá quizerem. Com pouco trabalho, livre das horas obrigadas, ganharei com que me vista.

— Pensaremos n'isso... Descança, que eu faço-te justiça.

— Bem sei; mas eu sou aqui muito infeliz, e tenho direito a implorar esta graça da tua bondade. Não espaces a tua boa resolução. Se pudér ser ámanhã, poupas-me a um dia de supplicio.

— Pois eu mortifico-te, prima?

— Muito. Em quanto eu aqui estiver não haverá instante de paz entre ti e teu marido. Desculpo-te, Adelaide. Eu seria o mesmo na tua posição, se tu estivesses na minha.

— Se assim queres, irás para um convento como senhora, e não como criada.

— Antes como criada. Se posso entrar sem incommodar parentes, deixa-me ir com a independencia que póde dar-me o trabalho. Isto não é soberba, prima: Deus sabe que não é. Ser senhora ou ser criada bem sei que são coisas muito distinctas ao parecer do mundo; mas eu sou insensivel aos juizos do mundo. Tanto se me dá que me respeitem a posição de senhora, como ser humilhada por estar ao serviço alheio. Acho prazer em ganhar a minha vida. D'aqui a dias ninguem fallará de mim; os nossos proprios parentes, cada um em sua consciencia, me achará nobre de proceder, embora esta minha nobreza não sirva para elles alardearem. Isto é o que eu sei da sociedade e do coração humano, porque minha mãe m'o dizia, farta de o saber e experimentar em dez annos de infortunio, que seguiram a fallencia de meu pae. Se a gente é a mesma de ha dez annos, eu devo esperar que os meus parentes sejam os de minha mãe.

— De mim — interrompeu Adelaide — certamente não tens razão de queixa...

— Nenhuma, prima, e perdôa-me se te não exceptuei...

— A prova de que te sou sincera amiga é não poder eu consentir que vás ser criada n'um convento.

— Essa prova quizera eu acceital-a no valor que lhe dás; mas deixa-me ser, minha unica amiga, o que posso dignamente ser.

D. Francisco fôra sincero na carta ao amigo. Pensava elle que a sua primeira paixão era aquella. O que

eu posso affirmar é que era a ultima na escala das datas. Agora, se nenhuma outra lhe desvariou tanto o juizo, isso offerece dúvidas. Estou em crêr que a mais funesta paixão de sua vida foi a que lhe embaciou os olhos da razão até á catarata de não vêr a indole de Adelaide. Em quanto a mim, o hespanhol inflammava-se por todas as mulheres amaveis; mas uma só respeitára, se respeito deva chamar-se o acanhamento que senhoreia o homem na presença da mulher que o endoidece.

As avançadas ciosas da esposa exasperaram grandemente aquelle sentir, que poderia conservar-se mais ou menos puro no silencio e na serenidade. Póde ser que o affecto peccaminoso deixado a si se legitimasse pela amizade sem nódoa, e pelos honestos desejos que por vezes subtilisam o amor até o sublimarem aos enlevos do amor divino. Muito haverá quem ria d'estas conjecturas, que muito ha quem supra com a mofa a mingoa de sentimentos delicados. Para o nosso caso nada monta o riso. O leitor zombe das minhas ingenuidades de menino velho, que eu, sejam quaes forem as desgraças porvindouras n'este bosquejo d'um magnifico e sentimental romance, teimarei sempre em dizer, que as mais delirosas paixões desfecham em affectos brandos, se o excitamento das contrariedades as desempecem de florescer, e ficar sempre em flôr e aromas que não offendem o olfacto da sociedade.

D. Francisco, se bem que nas veias lhe girasse sangue arabe, sangue que escalda e enfurece a grandes

peccados — (dos quaes Deus toma contas á alma e não ao sangue) — parece-me que devia ser, pouco mais ou menos, o que são todos os homens, aquelles mesmos que se me afiguram ter orchata, e não sangue, nas veias. Se Adelaide procedesse paciente, discreta e tolerante como a minha leitora certamente procederia, o resultado era estiar em ideal e silencioso arrobamento a paixão do marido. Delfina, conscia ou insciente do amor de seu primo, manteria sempre sua dignidade, ou o seu anjo da guarda lh'a manteria, com quanto eu não seja dos mais credulos em anjos da guarda, em razão de sua pouquissima vigilancia ou facilidade na derrota. A final o hespanhol viria a ser um mero e extremoso amigo de Delfina; e quem sabe mesmo se, por amor d'ella, se faria a conversão do homem n'aquelle mandamento, que sua mulher, por novo theor apostolico, lhe queria insinuar na alma depravada, á força de maus tractos e escandalosas fugidas!

Depravada e condemnada estava aquella alma de hespanhol a supplicios d'este social inferno, em que não fallaram as religiões, e a philosophia racional nos está mostrando a cada hora do dia e da noite em que paramos a contemplar o premio da virtude e o castigo do vicio.

A inquisição quizera queimar-te, ó Bocage, porque disseste:

É castigo do vicio o proprio vicio.

Teremos sermão com seus embrechados de heresia? Não se apavorem das longitudes das minhas diva-

gações. Eu já sei onde está o defeito dos meus escriptos. O leitor quer a historia desenfronhada de refolhudas glossas. Ha de têl-a.

Voltando o consul á hora de jantar, não viu Delfina. Sentou-se á mesa Adelaide, e esperou que o marido a servisse. D. Francisco de la Cueva cruzou os braços, e fitou os olhos na terrina, como quem se extasiava na paizagem sobre pó-de-pedra.

— Então?! — disse Adelaide.

— Que é?

— Come-se ou joga-se os sizudos?

— Coma, se quer; eu dispenso que teimem comigo em minha casa.

— Tambem eu — disse Adelaide, servindo-se de sôpa, que deglutiu o mais desentaladamente que imaginar-se póde.

D. Francisco encarou na mulher, e disse:

— Onde está essa sua desgraçada prima?

— No seu quarto.

— Porque não vem jantar? porque não veio hontem ao chá, nem almoçou hoje?

— Não quiz.

— E tem comido no seu quarto?

— É natural: sem comer não se vive.

— Mas a razão de não vir qual é?

— Pergunte-lh'o.

— É o que vou fazer — disse o hespanhol, erguendo-se e caminhando em direitura ao quarto de Delfina.

Ergueu-se Adelaide impetuosamente, e segurou-o pelo braço, exclamando:

— Alto! no quarto d'uma senhora não entram homens!

— Largue-me, que eu vou mandal-a chamar á sala. Dispenso e desprézo as suas lições de delicadeza... Estudei-a nos salões de Madrid, e não nos armazens de Villa Nova. Deixe-me!

— Diz-me isso em tom ameaçador! — replicou Adelaide, soltando-o e recuando.

— Não sei como lh'o digo... Preciso saber que mysteriosa intriga se passa em minha casa. Sua prima ha de dizer-me que offensas lhe fiz, que motivo lhe dei para que ella me fuja.

— Se tem muito interesse n'isso, eu lh'o direi, senhor!

— Diga-o já.

— Desça ao seu escriptorio, que eu lá vou ter.

Desceu D. Francisco, e a mulher seguiu-o.

Ficou elle em pé, com os braços cruzados, esperando que Adelaide fallasse; e, como ella se detivesse mais do que a sua impaciencia consentia, exclamou:

— Falla?

— Fallo! — bradou ella com subitanea cólera — esta carta fallará por mim!

E, dizendo, tirou do seio a carta que o leitor conhece.

— Carta! — exclamou o castelhano.

— Sim! a carta em que o senhor confessa sua deslealdade, sua deshonra e seus malvados intentos!

— Deixe vêr.... — bradou elle, lançando mão á carta, que Adelaide retrahiu — Deixe vêr essa carta!

— Quer rasgal-a? quer tirar-me esta prova do seu crime? Não lh'a dou! não sou tola! D'esta vez tenho provas, que até hoje minha familia me pedia, e eu só pudera dar-lh'as em lagrimas. Veja-a de longe; reconheça-a; e envergonhe-se, se não tem remorsos de ultrajar-me assim, e calcar aos pés os sagrados deveres da hospitalidade.

D. Francisco, tremente de raiva, com os dedos ora recurvos, ora fechados em ameaça, cresceu sobre a mulher, que lhe fugia já enfiada de mêdo. Seguiu-a escada acima, e segurou-a pelas saias, tirando por ella com tamanho impeto, que a fez cahir desamparada no patamar do escriptorio. Depois quasi a rojo a levou para dentro, e fechou a porta á chave. Adelaide gritava quando o marido lhe apertava os pulsos, e d'entre os dedos roixos da pressão lhe arrancava a carta a pedaços.

— És mulher muito infame! — bradou elle — És a mais odiosa serpente que o inferno lançou a este mundo! A minha vingança era arrancar-te esse coração diabolico!

Adelaide redobrava a gritaria, e arquejava sobre um canapé, para onde a arremessaram os braços convulsivos do hespanhol.

Acudiu Delfina aos brados, batendo á porta do escriptorio, e chamando anciadamente a prima.

Cahira Adelaide em syncope. D. Francisco, por ventura arrependido do excesso de sua cólera, contemplava o rosto contuso da esposa, e ouvia o fallario de pessoas que se agruparam á porta da rua, attrahidas pelos brados. Delfina, no entanto, chamava mais afflicta a prima, empuxando á porta com desesperado esforço. O consul abriu a porta, deu passagem a Delfina, e sahiu de casa.

Tomou a orphan sua prima nos braços, exclamando:

— Isto que foi, Adelaide?! Teu marido bateu-te? Falla, minha querida prima, pelo divino amor de Deus!

Adelaide estremeceu, fitou n'ella os olhos, repelliu-a desabridamente, e vociferou:

— Larga-me, demonio, que és a causa da minha desgraça!

— Eu!... — disse soluçante Delfina — Eu a causa da tua desgraça!... Que mal te fiz?!

— Deixa-me, que fui sovada aos pés do teu amante! Sou miseravel aos meus proprios olhos, e devo já valer muito pouco aos teus. O infame queria matar-me para te dar a ti o que eu hei de disputar até á ultima gotta do meu sangue. São os meus direitos! — continuou, saltando para o meio da casa, e ferindo o chão com o pé, e a escrivaninha a murros fechados — São os meus direitos, que eu defendo, e nem á força do punhal hei de ceder-t'os a ti!

— A mim!? pois eu que te peço, prima? Que injusta tu és com esta desgraçada!... Torna á tua razão,

Adelaide! Lembra-te que ainda ha momentos me disseste que eu era innocente nos desgostos que te causo.

— Não sei o que és — bradou em crescente furia a dama, que de relance vira no espelho a cara macerada — Não sei o que és; sei que estou ferida, pisada, e ensanguentada por tua causa! Foi satanaz que te trouxe aqui!

— Pois Deus me levará; não te consumas; por caridade te rogo que me perdôes... que eu mesmo agora vou sahir de tua casa.

— Vaes procural-o?

— Procurar a quem?

— Ao teu amante... ao homem que me arrastou e calcou aos pés!

— Vou procurar o trabalho, a honra e o socego, minha prima, e quer Deus que eu leve a consciencia tranquilla da innocencia dos teus infortunios. Os meus nunca te causem remorsos, sejam elles quaes forem. Desculpo-te e perdôo-te, minha prima, porque me parece que é a desgraça que te faz injusta comigo.

— Aquelle patife! — bramia Adelaide, arrepellando-se e rasgando-se — aquelle vil gallego espancar-me por que a minha dignidade de senhora não tolera escandalos de portas a dentro! Eu me vingarei, malvado; eu me vingarei de ti e de todos!

E abrindo as janellas do escriptorio, pouco eminentes á rua, onde estavam discorrendo ácerca dos brados alguns individuos, disse em altos gritos:

— Sejam-me todos testemunhas de que meu ma-

rido me espancou por eu não consentir que elle seja amante de minha prima!

— Jesus! — exclamou Delfina — tende piedade de mim! Levai-me para vós, minha mãe!

As pessoas invocadas a testemunhar os vestigios das pancadas acercaram-se da janella em que Adelaide expunha a cabeça desgrenhada, e o seio despeitorado pelos repellões do phrenesi.

A compaixão, menos abelhuda que a curiosidade dos espectadores, animou a victima a proseguir no tom declamatorio.

Que asco de mulher! Que envilecimento! Que inutil vergonha, e que feissimo espectaculo!

É incalculavel o termo onde póde ir com sua raiva a mulher creada entre as regalias de esmerada educação! Nada vingam estas a enfreal-a. É quasi certo que havemos de vêl-a emparelhada com a mulher feita entre as celhas do peixe, quando identica paixão as impulsa. O ciume eguala todas as condições. Uma duqueza de Portugal manda vasar fóra os olhos de bonita mulher que seu marido ama, e offerece-lh'os a elle como acepipe na mesa commum do jantar. A peixeira descalça o tamanco, e leva-o á cara da rival que lhe disputa o amante na taverna. Uma rainha portugueza teria dado menos ignominioso exemplo de indecoro, se por ciume movesse divorcio, que assoalha sua infima deshonra e a do marido. Maior vilipendio a instigava ainda: o amor incestuoso. Oh! que baixos mol-

des estes em que Deus enformou o barro da creatura, rainha dos seres creados, e feita para subir a anjo!

Delfina deixára a prima imprecando e trejeitando como possessa. Subiu ao seu quarto. Ajuntou no bahú os vèstidos e insignificantes valores de prendas de sua mãe. Pediu ao criado da casa que chamasse um carreteiro, e sahiu.

Á descida entrou no escriptorio, onde sua prima andava apanhando alguns pedacinhos da carta incombinaveis, sem dar tino de si n'aquella insensata diligencia.

Entrára Delfina chorando. Adelaide encarou-a desabrida, e disse:

— Que mais queres?

— Dizer-te adeus, e agradecer-te a caridade de me receberes em tua casa. Não te fui ingrata; posso de cara descoberta dizer a ti e ao mundo que, se a paga dos beneficios é o reconhecimento, nenhuma mulher foi mais agradecida que eu. Bem sabes que a desventura nunca me irritou contra a mão bemfazeja. Vim humilde, e humilde vou onde a vontade de Deus quizer que eu vá. Disseste ás pessoas, que te ouviram, uma falsidade, minha prima. Teu marido não era meu amante. Bem sabes a verdade. Que precisão tinhas de me calumniar e perder na opinião d'essa gente? Posso dizer que vou mais pobre do que vim, porque vou desconceituada, e ámanhan toda a gente dirá que sou amante de teu marido. A uma mulher pobre é crueldade tirar-lhe o seu patrimonio, a boa opinião de sua

virtude; mesmo ás perdidas é uma caridade encobril-as, e deixar a Deus o castigal-as, se lhes não basta o opprobrio d'este mundo. Isto não é accusar-te, Adelaide. Tudo te perdôo, porque has de ter uma hora de remorso; e, se eu fosse vingativa, bastar-me-ia a tua dôr d'essa hora. Adeus, prima. Oxalá que vão comigo os teus desgostos.

Adelaide soffria. A injustiça é de sua infernal natureza covarde, e tem uns desmaios, os quaes, nas almas de bons instinctos, ás vezes tornam em saudavel rehabilitação. Não assim no animo de Adelaide. Como se visse avergada sob a paciente doçura da orphan, avultou ao febril espirito a imagem do marido arrastando-a, e as contorsões dos pulsos. O mesmo foi restituil-a ao seu demonio, e abrazar-lhe o coração em sêdes de vingança.

— Deixa-me! — exclamou ella — Estou farta de te ouvir. Não engulo araras. Segue o teu destino, e deixa-me morrer no meu posto, que é este. Quando eu tiver morrido, então vem tomar conta d'esta casa; e guarda-te de ser expulsa por alguma orphan, que te peça um talher á tua mesa.

Delfina, entalada de novo pelos soluços, respondeu ao novo insulto:

— Deus te perdôe, Adelaide!

E sahiu, escondendo o rosto na mantilha, para furtar-se aos olhares cobiçosos da visinhança, e da vadiagem, que ainda estanciava nas proximidades da casa.

Achou-se a infeliz na rua sem saber que destino

tomasse. Lembraram-lhe os parentes de Villa Nova, já não como almas caritativas que lhe dessem abrigo, mas como pessoas valiosas a lhe darem arrimo n'um mosteiro: Foi a Villa Nova, e contou os successos, menos as phrases insultantes da prima. Os parentes ouviram-a com pasmo e desconfiança de mau agouro. Ao pedido instante do convento responderam que escusava procural-os para tal diligencia, visto que para tão pouco era bastante o apresentar-se ella na portaria, ou incumbir semelhante negocio a uma inculcadeira de criadas.

No entanto, consentiram em que Delfina ficasse, até os parentes resolverem o mais acertado.

Horas depois chegou uma carta de Adelaide, contando os successos calumniosamente, e de modo que a culpa d'elles recahia sobre a orphan. O pae de Adelaide foi sem detença a casa de sua filha, e voltou a dizer á sobrinha que desalojasse quanto antes de sua casa.

Pediu de mãos erguidas a orphan que a não condemnassem sem a ouvirem. Balbuciou em gemidos sua justificação, invocando o testemunho de Deus. Baldaram-se lagrimas, se é que o Senhor justiceiro as não tomou para a balança do dia final.

Foi Delfina caminho de S. Christovão, aldeia visinha de Villa Nova. Morava ahi uma antiga criada de sua mãe. Pernoitou a orphan no pobre catre da tecedeira, e madrugou com a intenção de vender alguns poucos enfeites de oiro, que tinha de sua herança, alu-

gar um baixo no Porto, e trabalhar de costura, ou ensinar meninas, até que Deus lhe deparasse asylo no recolhimento. Assim o fez na parte que dependia de sua actividade. Alugou casinha na «Torre da Marca», trastejou-a pobremente, e escreveu uns annuncios de costureira e mestra de meninas, os quaes ella mesma grudou nas esquinas da cidade. Esperou oito, esperou quinze dias, e um mez, e nenhuma menina, nenhuma encommenda de costura lhe appareceu. Os pouquissimos recursos estavam quasi exhauridos. Foi ao mosteiro de S. Bento, e perguntou á porteira se alguma religiosa a tomaria como criada. Todas as religiosas estavam servidas. Em Santa Clara carecia-se de criada; mas não admittiam alguma sem fiança. Quem abonaria a desvalida menina, que ninguem conhecia?! Em Monchique foi rejeitada, por ser muito delicada de fórmas. No convento das dominicas de Villa Nova nenhuma freira a receberia como criada, tendo seus parentes alli, e sendo, de mais a mais, já notoria a ingratidão e deshonestidade com que a orphan respondêra á caridade de sua prima, segundo o theor por que os parentes vulgavam o successo.

Desanimada, e sem inspiração que lhe suggerisse meios de vida, acolheu-se á sua casinha, e principiou a vender ao desbarato os melhores vestidos, o pouco bragal, e depois os objectos mais necessarios ao modesto amenho do seu abrigo e compostura.

Virá a providencia divina a tempo de a fome a não violentar á deshonra, ou ao suicidio?

Esperemos.

Entretanto D. Francisco de la Cueva abandonára a propria casa desde o dia em que entrára disposto a reconciliar-se com a esposa, e soube que Delfina fôra expulsa, ou obrigada a sahir por maus tractos.

Adelaide ao fim de tres dias fechou as portas, e foi para os paes. O hespanhol fez arrombar as portas, e senhoreou-se da casa.

Em quanto Adelaide instaurava acção de divorcio, motivada por espancamento, em que depunham os visinhos e os caminheiros, inimigos de Castella e do castelhano, este, prevalecendo-se da sua posição e da espionagem inherente aos consulados, indagava a residencia de Delfina. O conductor do bahú fôra o denunciante até ao ponto d'ella entrar em casa dos parentes de Villa Nova; outro denunciou a ida para S. Christovão. A velha que a hospedára uma noite, e a servira no trastejamento da casinha da Torre da Marca, dissera o resto.

Alcançára D. Francisco os ultimos esclarecimentos, quando Delfina já tinha fome. Chamou á sua confidencia a velha de S. Christovão, e fêl-a portadora de dinheiro para a orphan, induzindo-a a dizer que os seus parentes lh'o remettiam.

Acceitou Delfina, e ao cabo de tres mezes de soccorros abundantissimos julgou-se obrigada a ir agradecer á beneficencia aos seus tios.

Foi a Villa Nova, e não lhe consentiram entrada na casa. Disse ella ao escudeiro o fim a que ia, e este,

condoído da senhora, asseverou-lhe que a sua familia não lhe dava nem um ceitil, e que tomaram elles poder vêl-a na forca.

Delfina obrigou a criada a confessar de quem recebia os soccorros, sob pena de despedil-a do seu serviço, como traidor instrumento de alguma tentativa contra a sua honra, desprotegida pela pobreza.

A velha foi verdadeira, e Delfina commoveu-se á caridade do marido de sua prima, e achou nobre e virtuoso o procedimento d'elle.

A innocencia é assim.

As perfidas intenções só as aventam as falsas virtudes fartas de serem tentadas pela serpente, e com os dentes já gastos de morderem no pomo fatal.

Sabedor d'estas occorrencias, D. Francisco escreveu a Delfina uma carta como devêra escrever-lh'a um irmão. Em duzentas linhas não se lia a palavra *amor*. Era como uma carta mystica dirigida por Fr. Antonio das Chagas ás suas irmans espirituaes.

A segunda carta, em replica aos humildes votos de gratidão da orphan, era uma lamentação, em que o hespanhol, menos ditoso que Jeremias, não tinha sequer a quem mostrasse as suas lagrimas. *Amor*, porém, era palavra banida da segunda carta.

A terceira, em resposta á segunda, toda consolações e aspirações aos bens, que a providencia reserva aos seus eleitos de soffrimento, era volcanica de desespêro, e tractava a questão do suicidio, segundo a nor-

ma deixada por Rousseau na carta de Saint-Preux a Heloisa.

Eis aqui um periodo:

« Eu abomino a minha alma, porque a desgraça « me conserva n'ella a reminiscencia para me exacer- « bar o supplicio. Se ha inferno, quero lá despenhar- « me com ella, se á porta do inferno ficam as esperan- « ças, e tambem ficam as saudades. Estou só, como o « maldito que a humanidade expulsou do seu seio. As- « sim morre-se a pedaços, e revive-se infernalmente. « Não me falle em Deus, prima. Dê essa palavra sem « ideia aos venturosos, a quem é indifferente o crime « e a virtude, e o premio e o castigo. Um desgraçado, « com o meu destino, não tem que vêr com a religião, « cujo sacerdocio está confiado a homens. A minha « religião era o amor... »

Aqui temos a fatidica palavra, pela primeira vez nas cartas. Se Delfina córou ao lêl-a, não affirmo. Como romancista era-me dever imaginal-a e descrevêl-a córada ou pallida; como historiador, porém, o meu officio é dizer o que sei.

A correspondencia continuou, já por parte do castelhano, mais amoravel, menos eriçada de apostrophes á morte. N'uma das cartas tivera elle a sinceridade de confessar que queria viver, já se vê, na religião do amor, e morrer n'ella, como todos os milhares de heroes de Lope de Vega e Calderon de la Barca.

As respostas da orphan denotavam inintelligencia das perguntas delicadas, que o consul fazia acobertada-

mente ao coração d'ella. Respondia pedindo a Deus que reformasse o genio de sua prima para restituir a felicidade ao marido extremoso, ao cavalheiro digno d'um anjo.

Presumo que estes votos eram medianamente uniformes com os do marido extremoso; pelo menos, o genio intractavel de Adelaide, e o desejo da reforma eram clausulas alheias ás cartas d'elle.

Recebeu, um dia, Delfina uma carta que lhe deu que pensar e soffrer. Pedia-lhe licença o hespanhol para a vêr, não em casa d'ella, que seria dar ensejo á diffamação; mas n'um sitio retirado em algum dos arrabaldes do Porto. Respondeu com perplexidades, que significavam desejo e receio. É como a innocencia responde.

Instou o homem sinceramente apaixonado, simulando o contentamento na serenidade e bom juizo das palavras. Foi designado o ponto em Mattosinhos. Encontraram-se, e foram de passeio até ás praias de Lessa. Sentaram-se nas fragas, e conversaram das suas desventuras. Era poeta o hespanhol; e, se o não fôra, d'aquelle baptismo das aguas aspergidas da onda, sahiria poeta, como elle se estava sentindo. E então de natural se elevaram a meditações, que refinavam em espiritualismo. A palavra Deus entrava em todas, e ingenuamente acudia aos labios d'um e d'outro. Occorreu a these do amor. Tractaram mysticamente a questão que os romancistas rebaixam a profanidades. Nem theologos, nem ideologistas profundaram com

mais subtileza o destino das almas, antes de chegarem a uma final conclusão. Querem elles que as almas desligadas n'este globo pela fatalidade se despenem com a morte, e se esposem em eternas nupcias, celebradas pelo sacerdocio dos anjos. Póde ser que isto seja assim. Coisas muito mais absurdas se tem dito e escripto, com acceitação dos concilios e dos santos padres. Á beira-mar é natural e possivel adivinhar os segredos da creação, porque a voz do Creador, n'aquelle bramir das aguas, e no estrondear que faz no reconcavo das penhas, parece que nos está ensinando a pensar. A cidade de Deus de Santo Agostinho foi meditada á beira do mar d'Africa. Michelet escreveu um grande livro em presença do oceano, livro de sybilla, que só póde bem ler-se e entender-se á beira-mar. Ha maravilhas ditas e escriptas á vista do formidavel elemento; mas, sem desfazer nas outras, entendo que as mais gratas ao leitor, se lh'as eu pudesse repetir, seriam as que D. Francisco de la Cueva disse a Delfina, n'aquella tarde de Lessa da Palmeira.

A orphan passou a seguinte noite em intermittencias d'um dormir agitado por estranhos sonhos.

Acordava em palpitações do seio, como o susto os causa nas compleições nervosas. Ouvia a longinqua toada das ondas, e cuidava ouvir tambem o murmurio da voz maviosa do castelhano.

E porque vinha á imaginação da inquieta menina, não só a voz, tambem a imagem?

Porque recordou ella, quando as julgava esqueci-

das, as principaes phrases d'aquella carta, que Adelaide lhe lêra?

E o repetil-as a si, no silencio da noite, que queria dizer, e d'onde lhe vinha a magia de semelhantes reminiscencias?

Ajude-me o leitor a deslindar estes segredos, e forme o seu juizo, que eu, seja elle qual fôr, acceito-o como bom.

É assim que a innocencia se despenha.

Defrontando com os rochedos maritimos, em que D. Francisco e Delfina se haviam sentado, estava uma casinha baixa, construida de pouco, e formosa á vista de poetas e amantes. Um inglez aborrecido da vida e dos guinéos parára alli, quando viajava, e mandára edificar aquella casa para descansar dois mezes, e esmerilhar a antiguidade do Senhor de Mattosinhos. Passado o termo dos seus estudos foi pascer o seu tedio a outras regiões, e deixou a chave da casa ao consul hespanhol, unico homem da peninsula com quem fallára em Portugal, porque o seu patricio Byron infamára os portuguezes, e elogiára os hespanhoes nas peregrinações de *Child-Harold*.

Estivera a casa desoccupada um anno. Algumas vezes D. Francisco ahi passára horas, e d'uma assentada estivera os tres dias que andou fugitivo da casa em que sua mulher vivia.

Um mez depois dos successos do ultimo capitulo, viram os pescadores, n'um bello dia de sol de dezem-

bro, uma senhora encostada ao peitoril da janella mais alta do edificio, com os olhos postos no horisonte do mar.

Acercaram-se os mais curiosos ao longo do baixo muro que servia de sebe á casa, e disseram que ella tinha o rosto lavado em lagrimas.

Viram depois apear um cavalleiro a curta distancia, e entrar na casa, a tempo que a dama enxugava o pranto, e se voltava com um sorriso a receber o hospede.

Eu creio n'estas informações dos pescadores, porque os pescadores não fazem estylo.

O que elles não sabiam contar é que a senhora da casinha ingleza era Delfina.

« *Delfina!* »

Ó leitores, não se finjam espantados! Guardemos para os salões os nossos pontos de admiração sobreposse. Quando ninguem nos vê lêr os escandalos que os livros nos contam, podemos ser naturaes e sinceros como Deus nos fez.

Era Delfina a dama lagrimosa da casa ingleza.

Era D. Francisco de la Cueva o cavalleiro que tinha direito a ser recebido com rosto sem lagrimas.

Perguntam-me se está, pois, perdida aquella boa rapariga?

Não sei se está perdida. Perdida sei eu que ella estava no conceito do mundo, quando Deus sabia que ella era pura, como tinha sido na sua divina mente a

ideia d'uma creatura, antes que Elle a denominasse mulher.

Era Delfina, a Delfina que quizera ser criada d'um convento, ou costureira, ou mestra de meninas.

A Delfina que nenhum convento quizera;

Que nenhuma obra obteve na sua indigencia;

Que nenhuma educanda procurou para lhe dar o pão da honra a troco do ensino.

Era a Delfina injuriada, calumniada, e perdida no conceito do mundo, quando lhe batia na cara a porta dos parentes a quem ella ia agradecer a supposta esmola.

Era Delfina, mais desgraçada que nunca, porque aquella formosa casa era o debruçar-se sobre um abysmo, abysmo de perdição e de agonias que hão de ter nome, quando o inferno nos fizer presente do seu vocabulario, que principia a ser adivinhado pelos legisladores, pelos moralistas e pelos algozes togados e não togados d'este cahos de hypocrisia, crueza e devassidão.

Decorreram dois annos.

Adelaide proseguia no pleito do divorcio, que o marido não impugnava. Mais por capricho ferino, que por ambição, apressava ella o processo. O casal a dividir era pequeno, que tambem o era o dote d'ella, e difficil de liquidar o patrimonio do marido em Hespanha.

Caminhava o litigio, quando Adelaide soube que seu marido ia todos os dias a Leça, e lá pernoitava

frequentemente. Pôz em campo a espionagem que seu pae lhe ministrou, e soube que Delfina era a locataria da casa ingleza, e seu marido a visita quotidiana da mulher theuda e mantheuda. Com a protecção de seu pae apresentou-se ao desembargador encarregado da policia, queixando-se de sua prima, que lhe roubára o marido, e vivia com elle escandalosamente em Leça.

Como o demonio da raiva lhe espremia as glandulas lacrimaes, o magistrado condoeu-se das lagrimas da esposa trahida nos seus extremos pela mulher indigna, que misericordiosamente recolhêra em sua casa. Condoer-se e passar ordem de captura, foram actos continuos.

Apresentou-se á porta de Delfina, ao romper da manhan, um escrivão do crime e tres esbirros.

Apenas a criada abriu a porta assaltaram de subito a casa, perguntando pela moradora. Sahiu-lhes á saleta Delfina com uma criança de seis mezes nos braços, perguntando o que lhe queriam.

O escrivão Chrispim Caetano da Costa tirou lentamente do estojo de marroquim os oculos de prata, assoou-se antes de os montar no nariz, que parecia farejar os cantos da sala, sentou-se, desdobrou meia folha de papel, fitou Delfina por cima dos vidros, e disse:

— Chama-se a senhora * * * Delfina * * *? (1).

— Sim, senhor.

(1) Para não substituir o nome e appellido por outros suppostos, preferimos designal-os com os asteriscos.

— Sinto muito dizer-lhe que está a menina prêza á ordem da intendencia geral da policia.

— Prêza!... — exclamou ella — Prêza porquê?

— A requerimento da senhora D. Adelaide ***. Já a senhora sabe por que está prêza. Faça favor de não demorar a diligencia, que temos pressa.

Delfina chamou a criada, e disse-lhe em voz baixa, que corresse ao Porto; e, voltada para os esbirros, continuou:

— Hão de esperar que eu mande esta noticia ao Porto.

— Ao Porto! — exclamou o escrivão, em quanto os alguazis riam ás gargalhadas — Para o Porto vai a senhora, e lá dará a noticia a quem quizer. Assim como assim á ida para a cadeia já ninguem lhe vale; e então não ganha nada em mandar avisar alguem. Não se demore.

— E o meu filho? — disse ella apertando ao seio a criança.

— O seu filho não tem ordem de prizão — respondeu ironico o escrivão — mas se o quizer levar, leve-o, e lá na intendencia lhe dirão o seu destino.

— O seu destino ha de ser o meu! — bradou Delfina.

— Pois será: nós cá não temos que vêr com a criança. Arranje-se, se quizer, e arranje o pequeno.

Delfina sahiu da saleta, e o escrivão disse aos companheiros:

— Vão vossês dar um passeio em volta da casa, que isto de mulheres poem-nos muitas vezes o sal na

molleira, e esta creio que é velhaca pelas recommendações que me deram.

Vestiu Delfina o primeiro vestido que teve á mão, e agazalhou a criancinha, em cuja face cahiam quatro a quatro, as lagrimas da mãe.

— Então? — dizia de instante a instante o chefe dos esbirros — vamos embora? Não é preciso ir vestida de velludo, menina!

Delfina já estava preparada; mas detivera-se a contemplar insignificantes coisas do seu quarto, memorias em que lhe ficava o coração. Depois ajustou a face á janella que olhava para o mar, e embaciava os vidros com o halito febril. D'alli volvia o rosto para o filhinho, que bracejava e chorava sobre o leito: aconchegava-o do seio para accommodal-o, e a criança chorava mais, como se lhe amargasse aquelle leite, que já levava em si a peçonha da morte.

Poucos passos pudera dar Delfina fóra de casa. O escrivão mandou alugar uma cavalgadura, estipulada a condição de pagal-a a prêza. Depois, de combinação com os esbirros, ordenou que seguissem o caminho do areal, e não a estrada direita, para evitar encontros desagradaveis.

Facil é de ajuizar que o escrivão receava encontrar-se com o consul, ou levára já do Porto as instrucções para evitar o encontro.

Chegou a prêza ao tribunal da intendencia, e foi asperamente injuriada pelo magistrado.

— Não tem vergonha de trazer essa criança nos braços? — bradou-lhe elle.

— Não tenho vergonha de trazer meu filho nos braços — respondeu ella serenamente.

— Seu filho! o filho adulterino! a prova viva do crime! Que desfaçatez! Vem confessar diante do mundo que é mãe d'esse filho do crime! Vamos! veja que destino lhe dá! A senhora vai para a Relação, e seu filho não póde ir comsigo.

— Pelas cinco chagas de Christo não me tirem o meu filho! — exclamou ella ajoelhando.

— Ponha-se a pé: eu não quero comedias. Vá ajoelhar á sua boa e virtuosa prima, a quem a senhora pagou com infamia e com a desgraça o pão da caridade.

— Isso é falso, senhor! — balbuciou Delfina suffocada.

— Falso! Falso! — urrou furioso o intendente — Já viram maior pouca vergonha na negativa! Pois esse pequeno não é filho do consul hespanhol?

— É, sim, senhor.

— E o consul hespanhol não é marido de sua prima!?

— Sim, senhor.

— Então que atrevimento é o seu de desmentir sua prima, a opinião publica e a mim?

— Mas eu fui calumniada, senhor intendente! Eu perdi-me no bom conceito do mundo, quando minha prima me tinha já desacreditado e reduzido a uma po-

sição em que só a mão de Deus podia salvar-me da quéda.

— Cale-se ahi, impostora! Já lhe disse que isto não é theatro. A mim já me consta que a senhora lia novellas, e cuida que a vida se leva com novellas. Está enganada. A lei é que cura as manias e as doidices das novelleiras. Vamos a acabar com isto. A quem dá essa criança?

— Eu não a dou a ninguem, senhor. Este menino tem seis mezes; sou eu que o crio ao meu peito; a quem hei de eu dal-o?

— Dê-o a uma ama que o crie, ou mande-o para os engeitados.

— Para os engeitados! por piedade, senhor intendente! Eu pagarei a uma ama; mas não me lancem á roda meu filho!

E com tanta ternura e afflicção a pobre mãe comprimia ao coração a criancinha, que o desembargador voltou o rosto para resistir á piedade do espectaculo.

— Vá alguem á roda — disse o intendente — perguntar se lá está uma mulher que se queira encarregar de amamentar uma criança em quanto se procura uma ama.

Sahiu um esbirro, e Delfina foi mandada com a criança para outra sala.

Eu não sei dizer como foi aquella meia hora de Delfina com os olhos cravados no filhinho, de quem ia separar-se. A farta intuição que eu tenho das dôres alheias, modeladas pelas minhas, não alcança tão lon-

ge. Se consulto mulheres, que são mães, ácerca d'esta agonia, respondem-me a chorar. A chorar deve estar a mulher de maternaes entranhas, que me está lendo estas linhas, de que eu vou fugindo, porque a tortura não é dadiva que a leitora deva agradecer a um escriptor.

Veio com o alguazil uma mulher mal entrajada, que disse acceitar por quinze dias a criança, se lhe pagassem a tostão por dia, e lhe dessem os arranjos necessarios para o ter com limpeza.

Delfina chamou a mulher de parte e disse-lhe:

— Pelo amor de Deus tracte-me bem o meu filho. Vá vocemecê com elle procurar o senhor consul hespanhol, que ha de receber d'elle tudo o que lhe fôr necessario, e uma boa gratificação. Vá logo que sahir d'aqui, sim?

— Vou, vou, senhora — disse a ama — Então o pequerrucho é filho do senhor consul hespanhol?

— É, sim, é.

— Então nada lhe ha de faltar, se Deus quizer. N'esse caso, se a senhora estiver contente, eu fico com o menino, e acabo de o criar.

— Pois falle com o pae, que tudo se ha de fazer; mas tracte-o com amor, sim? Elle é muito doentinho; agaza-lhe-o bem, que lhe não ha de faltar roupa.

— Eu vou lá de caminho. Dê cá o meu fidalguinho, que é lindo como os amores!

Delfina deu os ultimos beijos no filho, que se deba-

tia e chorava nos braços da ama. Já a estavam chamando á ordem do intendente. O escrivão teve a piedade de a tirar por um braço á contemplação do filho; mas, ao desapparecer a ama, a desgraçada senhora cahiu com uma vertigem nos braços d'alguns circumstantes, alli attrahidos pelos estridentes soluços d'ella.

Meia hora depois Delfina entrava nas cadeias da Relação do Porto. Aqui damos o traslado do assento de entrada, copiado da pag. 155 do livro que comprehende nominalmente os prêzos de 1817 a 1819:

*Em 13 de novembro de 1818 veio prêza *** Delfina, que assim disse chamar-se, e ser solteira, e viver da sua agencia, natural de Villa Nova de Gaia, idade vinte e dois annos, filha de ***, e de sua mulher ***, já defunctos; estatura ordinaria, cara comprida, olhos castanhos* (1), *e cabello preto; vestida com um vestido de guingau amarello* (2), *a qual entregou o official Ribeiro por ordem do desembargador encarregado da policia, para ficar prêza á ordem do illustrissimo intendente geral da policia; e mandei fazer este assento, que assignei. = Joaquim Teixeira de Lima.*

(1) Pessoas que conheceram Delfina, e a tractaram intimamente nos ultimos mezes de sua vida, asseveram-me que eram negros os olhos d'ella, e de estatura alta, posto que magra. A' luz coada por ferros não admira que o carcereiro se enganasse na côr dos olhos da formosa encarcerada.

(2) N'aquelle tempo o guingau era estofo de preço não vulgar. Disse-me uma amiga de Delfina que ella sahira para a cadeia sem mudar de vestido; duvida, porém, que fosse amarello o guingau, affirmando que a sua desgraçada amiga vestira sempre de escuro.

Na margem direita d'este assento lê-se:

Recommendada por ordem da intendencia geral da policia de 24 de outubro do corrente anno. = Escrivão, Chrispim.

A prisão destinada a Delfina denominava-se a « saleta ». É um quadrado de doze passos de parede a parede com uma janella gradeada, que defronta com a egreja de S. Bento. Por cima da abobada d'esta prisão era o oratorio dos condemnados; debaixo do pavimento estava o antro do carrasco.

Algumas prêzas occupavam o mesmo recinto. Eram mulheres que podiam dar maior percentagem ao carcereiro, e livravam-se assim dos horrores da enxovia. No pessoal das companheiras de Delfina predominavam as infanticidas, e duas d'ellas haviam matado com veneno seus maridos. O restante eram ladras, ou collarejas, que cumpriam sentença correccional, por levarem fóra do alcouce a impudencia da sua linguagem.

A chegada de uma prêza, trajada limpamente, com geito de senhora, e um ar de pavor, que mais parecia nos olhos um supplicar de piedade, fez estranheza nas outras encarceradas, estranheza que passou ao riso e ao tregeitar de mofa.

— É de espavento! — dizia uma, arregalando os olhos, e alongando os beiços.

Outra, torcendo a bôca em carêta, afeiada pela caria dos dentes, resmuneava:

— Olha que mãos tão brancas! Não ha de cá estar muito tempo, que as ventas são bem boas!

— Ella está pasmada! Queres tu vêr que não acha bonita a casa! — acudiu outra com seriedade de farcista.

O carcereiro fallou pelas grades á juiza da prizão, e disse:

— Ó Thomazia Pitôrra, tracta bem esta menina, que não é da vossa egualha, canalha bravia.

— Cá tracta-se bem quem pinga — disse a senhora Pitôrra, que deixara medrar a rataria em casa para ministrar ao seu defuncto marido os pós, que bastariam a devastar as ratazanas do Mont-Faucon, em consequencia do qual descuido estava condemnada á pena capital, e esperava em ferros, havia quinze annos, a commutação da pena para degredo perpetuo. E encarando na prêza com uns biocos de zombeteira compaixão, disse-lhe:

— A menina não traz cama?! Olhe que isto cá são tarimbas, e faz frio como na rua. Sempre mande vir uns lençoes e alguns cobertores, se não quer tocar castanhetas com os queixos.

Delfina sentou-se n'uma caixa de pinho, e rompeu em pranto desfeito.

As prêzas ora a contemplavam com ar de pena, ora se olhavam umas ás outras, trocando sorrisos.

A mais nova, môça de dezeseis annos, quando muito, e a menos criminosa de todas — que o seu delicto era teimar em residir n'uma rua de gente honesta,

sendo ella o reverso da honestidade — essa não se ria, nem desfitara ainda os olhos compassivos da nova companheira.

Como a visse em ancias e suffocações de gemidos, chegou-se a ella, e pediu-lhe licença para desapertar-lhe os colchetes do vestido. Tão meigamente lh'o disse, que Delfina, relanceando-lhe os olhos, e vendo-a lagrimosa, conheceu uns longes de consolação. Pouco basta a consolar na extrema desgraça.

— Quer que a desaperte? — repetiu a prêza.

— Pois sim, faça-me esse favor — disse Delfina.

— Quer uma gotta de agua?

— Queria, se é possivel.

A prêza, que a honestidade publica aferrolhara no carcere, foi buscar um pequeno copo d'agua, que chegou aos labios de Delfina. Depois accrescentou:

— A senhora deve estar em jejum, não está?

— Não me lembra isso....

— Eu vou mandar buscar café e biscoutos.

— Muito agradecida, menina, eu não posso comer.

— Ha de comer, minha senhora — instou a môça — O melhor que a gente póde fazer n'estas casas é não morrer. O seu crime não ha de ser grande; e, mais hoje, mais ámanhan, a senhora vai para a rua, e depois o passado passado.

— É prognostica! — disse uma das infanticidas.

— Lérias sabe ella a dar c'um pau! — disse a outra.

— A fazer-se senhora!... — murmurou uma das ladras.

— Lá palavriado tem ella, a melada de não sei que diga! — ajuntou a juiza.

A môça, que houvera alcunha de *Levandisca*, ouvira indifferentemente os remoques das prêzas, e sorrira a Delfina, quando esta mostrava soffrer com os ápartes das condemnadas.

— Deixal-as — murmurou a Levandisca — são umas desgraçadas, que nem coração tem, quanto mais vergonha!

E foi mandar buscar o café, dando á servente costumada um lenço de sêda para ella o deixar em penhor ao botiquineiro.

D. Francisco dormia ainda, quando o despertaram para lhe darem aviso de ser procurado por duas mulheres. Era uma a criada de Delfina, e a outra a ama com o menino.

Ouviu o hespanhol a noticia da captura, saltou do leito, e vestiu-se. Ordenou á ama que ficasse na casa, e sahiu. Foi á cadeia, perguntou ao carcereiro se podia fallar com a prêza recentemente capturada, e o carcereiro mostrou-lhe por escripto a ordem do intendente, que punha Delfina incommunicavel com pessoas suspeitas que a procurassem, e nomeadamente com o consul hespanhol D. Francisco de la Cueva.

Levantou o consul a voz, bradando contra as leis d'este paiz de barbaros, e ameaçando o carcereiro. Este, porém, medianamente disposto para resistir em pessoa ás aggressões do castelhano, disse que tinha a

seu arbitrio pedir força ao commandante da guarda da cadeia.

Sahiu raivando o consul, e foi ao intendente, que o recebeu com má sombra, e o ameaçou de o fazer prender e remetter ás justiças de Castella como adultero, ou pelo menos fazêl-o exautorar do consulado, e submettêl-o ás leis do reino, onde praticára o crime.

D. Francisco achou extrema seriedade n'este prospecto, e amolleceu-se mediante os emolientes da paciencia, que amollecem os mais rebeldes animos.

Á custa de maneiras mais compostas conseguiu o consul que a prêza pudesse ao menos vêr seu filho. O intendente, commovido á lembrança do conflicto, piedoso da separação que presenciára, consentiu que o menino fosse á cadeia todos os dias, e se demorasse lá uma hora.

Aqui está a ordem textual, que o consul apresentou ao carcereiro:

*Póde o carcereiro das cadeias da Relação consentir que a prêza * * * Delfina receba diariamente a visita d'uma criança, que diz ser seu filho, ficando fóra da prizão a ama que a conduzir: isto por uma hora sómente, guardadas rigorosamente as ordens dadas para todos os mais effeitos. Porto, intendencia da policia, 13 de novembro de 1818. = O desembargador, servindo de intendente.*

N'esse mesmo dia foi o menino á cadeia com a ama

á hora do jantar. Demorou-se uma hora, em que a pobre mãe o não tirou do peito, oppresso por dôres causadas pelo regorgitamento dos seios.

Delfina pernoitou entre as prêzas aquella noite de cruelissimas vigilias. Ao amanhecer cahira em torpôr; mas logo espertou ao rangido dos ferrolhos e ao estrondo das pancadas dos alçapões. Não tem nome aquelle abrir d'olhos ás trevas da masmorra, cuja janella a mão do guarda não viera ainda abrir. Vinte e quatro horas antes ainda os primeiros raios do sol tinham dourado o pavilhão do seu leito, d'onde ella via pratear-se o mar, e enfunarem-se as velas dos pescadores. Tudo lhe lembrou, e mais que tudo o filho que, ao despertar-se, ella encontrava sempre adormecido sobre o seu braço esquerdo.

Sentou-se no enxergão que pousava sobre o pavimento, e desatou-se em pranto e gemidos, pedindo a Deus que lhe tirasse a vida. Humanaram-se as prêzas menos sensiveis, e rodearam-a dizendo cada uma suas palavras de consolação, que eram mais para exasperar a dôr.

A *Levandisca*, quando as outras lhe deram lugar, approximou-se do leito, aqueceu entre as suas as mãos glaciaes de Delfina, e disse-lhe:

— Chore, chore, minha senhora, que o chorar é allivio. Eu tambem chorei muito quando me vi perdida e abandonada. Fez-me tão bem o chorar, que passados dias estava esquecida da minha desgraça.

Ás nove horas d'este dia recebeu ordem o carcereiro de remover a prêza Delfina para um quarto separado no ultimo andar da cadeia, sendo permittido á prêza escolher uma das encarceradas na saleta para acompanhal-a e servil-a.

Transmittida a ordem a Delfina, escolheu esta a *Levandisca*, e sahiu depois que, intimada pela juiza, pagou oito vintens de propinas áquella authoridade do carcere.

Estava já modestamente mobilado o quarto que lhe deram. Ahi respirou ella, porque tinha ar em abundancia, que lh'o dava uma janella gradeada sim, mas aberta sobre a praça da Cordoaria.

Faltava-lhe o filho para radiar de alegria aquelle recinto. Satisfez-lhe Deus esse desejo com a chegada da criancinha, e uma longa carta de D. Francisco, não animadora de esperanças de liberdade, mas affectuosa pela tribulação de animo que parecêra dictal-a.

N'esse mesmo dia soube Adelaide que sua prima nem estava incommunicavel, nem na enxovia, nem a pão e agua no segredo. Enfureceu-se e disse mal da sua sorte, da inercia do seu procurador, e da corrupção dos magistrados. Como n'aquelles tempos a imprensa não era ainda um supplemento respiratorio aos pulmões dos afflictos, a esposa ciosa, para não abafar de todo, foi passear no largo da Cordoaria, a vêr se entrevia a prima nas grades da janella para debaixo lhe fazer algumas carêtas vingativas.

De feito, Delfina approximando-se das grades para

olhar ao longe o horisonte do mar, viu a prima debaixo d'aquella arvore central, que alli foi plantada no dia em que os taverneiros foram enforcados á ordem do marquez de Pombal. Recuou a tremer, e inutilisou d'esta vez o desabafo de Adelaide.

Os solicitadores da querella empenharam-se com a intendencia para angustiarem a prizão de Delfina, allegando que o atormental-a seria o mais efficaz meio de dissuadil-a d'algumas criminosas esperanças. Ao mesmo tempo o consul, mediante os amigos fieis no infortunio, mallograva as influencias dos inimigos, e conseguia que se não alterassem as ordens.

Perguntem-me se ha palavras com que possa definir-se o estado moral de D. Francisco de la Cueva. Respondo que ha. D. Francisco de la Cueva tinha lição do seu Thyrso de Molina, e sympathisava com o caracter d'aquelle D. João Tenorio que o leitor leu traduzido em Molière, e degenerado em Byron, e refundido em Malefille, e de todo estragado n'uns Tenorios que por ahi enxameam nos botiquins e nas lojas das luveiras.

D. Francisco tinha imaginação volcanica e nada mais. N'elle, o coração era o que a physiologia diz que elle é realmente: o orgão central do systema sanguineo, um aggregado de membranas fibrosas e valvulas, cuja contractilidade recebe e expelle o sangue, cujos elementos procedem do ar e do estomago.

Que elle amava Delfina, isso para mim é ponto de

fé. Se digo que foi com o coração que elle a amou, arrisco-me a que me redarguam que o meu modo de vêr o amor é uma questão physiologica, um phenomeno sanguineo. Tal não direi, porque sou d'uma eschola de idealistas que vai cahindo em desuso, e está a passar ao « ridiculo ».

Amou-a com a sua candente imaginação. Coloriu-a com côres do ceo; adornou-a com enfeites dos anjos. Acontece, porém, que as coisas do ceo, transplantadas ao nosso globo, descoram e desmaiam apenas este impestado clima as toca. E d'ahi vem que os amores, puxados da imaginação, mais hoje ou mais ámanhan começam a decompôr-se. O que é perfume vai para o ceo d'onde veio. O que é verdadeiro, sensivel e tangivel fica na terra, porque é barro, e não sahirá jámais do barro.

Barro, e grosseirissimo barro era o hespanhol, tanto mais quebradiço, quanto se elle estivera endurecendo ao fogo em que o padre Gabriel Telles formára aquelle mau sujeito que recebia convidados de pedra.

A isto convém ajuntar uma circumstancia que parece, á primeira vista, frivola: Delfina estivera dezeseis mezes na casinha pittoresca de Leça, e fôra quasi quotidianamente visitada pelo arrobado amante, que, ao cabo d'alguns mezes, se retirava pasmado de achar a casinha fastidiosa, a moradora sempre com o mesmo riso, o mar já fastidioso com o seu eterno rugido, e os caminhos pessimos, particularmente de inverno.

Quer isto dizer que os anjos tinham levado para si

o que a imaginação do poeta castelhano lhes pedira de emprestimo. Como a casa de Leça não mudava de architectura, nem Delfina de semblante, nem o mar de voz, nem as estradas alcançavam para si o exclusivo de um perpetuo estio, D. Francisco aborreceu-se, e tornou á conta de obrigação andar n'aquellas caminhadas, que o não indemnisavam da critica da sociedade.

A prizão de Delfina penalisou-o. Bem viram que elle foi á cadeia, e disse que as leis dos portuguezes eram barbaras. Está provada à sensibilidade do homem; mas o coração do amante não.

Pois que havia de fazer elle?

Parece-me que devia luctar para arrancal-a de lá. Inutilisada a lucta, devia tomar um quinhão da dôr e da ignominia d'ella. Depois, esgotado irmanmente o calix, morrerem ambos.

O que me falta é saber que o leitor se está rindo agora!

A mim pouco me faltou para chorar, quando ouvi dizer que D. Francisco, temendo que lhe tirassem o consulado, abandonou á compaixão dos magistrados a sorte de Delfina, e nunca mais solicitou a liberdade d'ella. Dava-lhe meios, dava-lhe dinheiro; mas que é dinheiro para a mulher que pede amor? É o vituperio mais grosseiro, quando a mulher, desprezada de todos, se concentra em si, e em seu pundonor se refugia.

Dinheiro á nobre alma, que só conhecia o valor da pureza de consciencia que perdêra para mais realçar o quilate da paixão que dava e da paixão que lhe deviam!

Acostumou-se Delfina ao carcere, ou a porção mais sensivel do coração se desfizera em lagrimas.

Como tivesse comsigo uma hora o filho, cobrava alentos para contar minuto a minuto as vinte e tres horas de cada dia e noite de vigilias, ou dormitação sobresaltada por maus sonhos.

As cartas do hespanhol foram declinando da vehemencia da paixão para a frieza do raciocinio; e, como as maximas da razão são poucas, e o consul assim mesmo as não sabia todas, com o andar do tempo nem já raciocinios lhe mandava. Delfina queixou-se sem irritação. D. Francisco redarguiu com desculpas fundadas no melindre da sua posição, e no risco em que estava de perder o emprego por suggestões da mulher inexoravel, e na impossibilidade em que ficaria de sustental-a na cadeia, ou no convento em que os seus parentes queriam encerral-a.

Delfina não replicou a semelhantes razões; mas devolveu-lhe, no fim do seu quarto mez de prizão, a mesada que o hespanhol lhe mandava pela ama.

Remetteu-lh'a outra vez, com uma carta enternecida, o condoido amante; mas a prêza, sem assomos de orgulho nem sequer ironia, pediu ao pae de seu filho que revertesse em favor da criança os beneficios, que ella podia dispensar, visto que tinha comsigo objectos de valor, cuja conservação lhe era inutil.

E começou a vender para seu sustento algumas prendas e vestidos que ella não esperava usar mais.

N'este tempo morreu no Alto-Douro uma irman de

sua mãe, cujo espolio valeria quatro mil cruzados. Metade d'esta herança coube a Delfina, e foi-lhe logo entregue a instancias de Adelaide, que assim cuidou salvar o casal do encargo de sustental-a. A não ser este egoismo, a herdeira seria roubada pelos parentes, ou excommungada dos direitos de successão sob qualquer pretexto fundado no crime que pendia dos tribunaes. A miudo a lei é capa de ladrões sagazes, e de infelizes tolos que lhe pedem protecção.

Delfina devia ter um destino. Os parentes não a queriam sentenciada, porque não o podia ser sem que o co-réo fosse entregue á justiça de Hespanha. Cuidavam, portanto, em sentencial-a, condemnal-a e executal-a sem intervenção da lei.

O recolhimento das Orphans de S. Lazaro, n'aquelle tempo, era uma casa de supplicio. A cruz do Senhor estava alli arvorada a cada canto para significar que era alli o Golgotha. As meninas sem pae, que a Santa Casa da Misericordia mandava lá recolher, acceitavam alegres o pão da caridade; mas as reclusas por violencia morriam alli abafadas, ou recuperavam o ar vital por lances de desesperação, dos quaes eu sei de um exemplo que hei de contar brevemente, e já prometti contar na *Filha do Arcediago*.

Conseguida a licença para a reclusão de Delfina, sem préviamente a consultarem, e prevenida a regente do recolhimento com o odioso da verdade e o odioso da calumnia, foi a prêza intimada para se preparar que ia sahir da cadeia.

Cuidou-se livre a pobre senhora, e exultou e festejou a nova que lhe ia restituir seu filho para todas as horas do dia e da noite.

— Deus queira — disse a *Levandisca* — que a senhora não tenha ainda saudades da cadeia! Ninguem vai para melhor, minha senhora. A gente quando começa a ser desgraçada vai sempre a peor.

— Pois eu não vou ser posta em liberdade?! — disse Delfina.

— Eu ouvi dizer que a senhora ia para um recolhimento onde talvez a não deixem vêr o seu menino.

Delfina, atribulada pela horrivel suspeita da sua criada, desceu da prizão ao escriptorio onde a esperava o escrivão que a prendêra, portador da ordem, e perguntou para onde ia.

— Vai para o recolhimento de S. Lazaro — disse o esbirro impassivel.

— E meu filho?

— Seu filho fica onde está.

— E não ha de lá ir?

— Eu sei cá! A senhora pergunta-me a mim se seu filho ha de ir ao recolhimento!? Isso é lá com a regente da casa.

— Pois eu não saio d'aqui sem a certeza de que meu filho póde entrar no recolhimento.

— Não tem remedio senão sahir — retorquiu o senhor Chrispim Caetano da Costa, amiudando as pitadas calmantes da sua colera.

— Veremos! Arrastem-me d'aqui! — exclamou

Delfina, sentando-se n'um d'aquelles dois bancos de castanho, que o author curioso pôde vêr no salão da cadeia, mesmo porque os illustres padecentes de 1829 alli se assentaram com as suas tunicas brancas quando iam para a forca.

O escrivão encarou na prêza pertinaz com olhos coruscantes de raiva, e disse:

— Olhe que eu chamo dois soldados que lhe peguem pelos braços e a mettam na cadeirinha! Não brinque comigo! O que a senhora D. Adelaide devia ter feito era fazêl-a sentenciar, e mandal-a tomar ares em Angola. A senhora ha de ser sempre ingrata até ao fim! Dão-lhe por piedade um recolhimento onde estão meninas muito fidalgas, e a senhora ainda se faz de manto de sêda!...

A mulher do carcereiro, que visitava e consolara Delfina algumas vezes, interveio com as suas lagrimas e razões, persuadindo a desgraçada a entrar no recolhimento, como meio de alcançar mais depressa o seu perdão, e poder ter ainda uma boa parte de vida feliz na companhia de seu filho. Por outro lado, agourou-lhe o ruim futuro que podia seguir-se á sua resistencia, sendo que Adelaide irritada daria querela contra o marido, obrigando-o a sahir de Portugal, e a expatriar-se de Hespanha para não ser prêzo e sentenciado como ella.

Delfina ouviu silenciosa as prudentes razões da mulher do carcereiro, e entrou, quasi em braços d'ella e do marido, na cadeirinha que a levou ao recolhimento de S. Lazaro.

Esteve Delfina encarcerada sete mezes e quatorze dias, como consta da seguinte nota, escripta á margem do assentamento da entrada:

Solta, e entregue ao escrivão Chrispim Caetano da Costa para a fazer recolher no recolhimento das Orphans de S. Lazaro, em 27 de Junho de 1819.

Saltou Delfina da cadeirinha impetuosamente no páteo do recolhimento, porque vira o filho nos braços da ama. Tirou-lh'o n'um como repellão de doida, e beijou-o com tal sofreguidão de abraços, que a criança parecia estranhal-a, e chorava espavorida. Não balbuciava sons articulados a pobre mãe: gemia e soluçava tão alto, que a regente e porteira já estavam á porta, não condoidas, mas espantadas do espectaculo indecoroso debaixo das abobadas sagradas.

O escrivão Chrispim, que tinha que fazer, interveio satanicamente no grupo miserando, dizendo a Delfina que não viesse para alli fazer lamurias, que estava a escandalisar as senhoras da casa, e tirar-lhe a elle o tempo.

Delfina fitou os olhos esgazeados no villão, passou o filhinho aos braços da ama, e pediu forças a Deus para o trance horrivel. Não quiz Deus ouvil-a, ou de mais a ouviu, porque lhe tirou o sentimento.

Foi Delfina levada em braços para dentro, e posta sobre um escabello de pau, sobre o qual estava a imagem de Jesus. Ninguem se sentou á beira d'ella, nin-

guem lhe amparou a cabeça desfallecida. Do lampadario que pendia aos pés do retabulo de Jesus cahia-lhe sobre o rosto um reflexo avermelhado; e as lagrimas, como crystallisadas no rosto da padecente, rebrilhavam aos reverberos d'aquelle lampadario.

Nem uma voz caridosa lhe fallou, nem houve mão de mulher que lhe corresse um lenço sobre as lagrimas!

E, comtudo, estavam alli algumas *santas*, a quem cá de fóra se pediam orações nas grandes calamidades do reino e das familias; e sobre a cabeça da desgraçada estava a imagem do Senhor das Misericordias, com quem aquellas *santas* tinham colloquios tão arrobados, que, no dizer da porteira, não era raro o Senhor fallar com ellas em portuguez chão, subirem-se ao ar em corpo e alma, e ficarem suspensas dois covados acima do pavimento!

Chamava-se a regente D. Anna Quiteria da Chaga do lado.

Chaga do lado! Que poesia tão mystica tem o epitheto! Que predestinação do ceo nos está encantando na piedosa suavidade d'aquelles appellidos nobilissimos na genealogia dos martyres! *A chaga do lado!*

A porteira, que escondêra o rosto para se não escandalisarem seus olhos d'aquella scena de mãe beijando o filho do crime.... oh!... como se chamaria a porteira?

Chamava-se a senhora Innocencia! *Innocencia!* não podia deixar de ser assim, a não poder chamar-se a senhora Pudicicia, ou a senhora Honestidade!

Voltando a si, Delfina viu as velhas e algumas pensionistas, que a fitavam d'um modo differente das velhas.

— Venha para o seu quarto, senhora! — disse sêccamente a devota da Chaga do lado.

— Eu não tenho forças, minha senhora — murmurou Delfina. — Peço-lhe a esmola de me deixar estar aqui um bocadinho.

É melhor ir descançar no seu quarto — replicou a regente — e o mais acertado seria ir a senhora ao côro rezar e pedir a Deus que a faça entrar na sua consciencia, e aceitar o castigo na terra, para ter menos que penar no inferno.

Delfina abriu os olhos espavoridos, encarou com as austeras carantonhas da creatura da Chaga do lado, e recahiu na syncope, exclamando:

— Ó meu pobre filho, que estás sem mãe!

— Cale-se, mulher! — exclamou a regente convulsiva de piedosa furia! — não me venha cá dizer diante d'estas meninas que tem filhos!

Delfina já a não ouvia.

A regente proseguiu voltada para as circumstantes:

— Vão-se d'aqui, meninas! não quero que ouçam as blasphemias d'esta peccadora!

E as pensionistas retiraram lentamente e tristes, excepto uma, que teimou em ficar.

— A menina não ouviu? — disse a regente.

— Ouvi sim, senhora; mas não ha de ficar sósinha esta pobre creatura.

— E que lhe importa á menina a creatura?!

— Importa, porque tenho coração, e sou christan.

— Aqui sou eu que governo! Eu que a mando sahir, é porque sei que essa mulher não está em graça de Deus.

— Pois por isso mesmo — replicou a pensionista — é que mais direito tem á nossa caridade e assistencia, a vêr se assim conseguimos restituil-a á graça de Deus.

— Não me dê sentenças, senhora D. Maria Pacheco! — bradou a velha da Chaga do lado.

— Isto não são sentenças, são obrigações da nossa religião, senhora regente. Se n'esta casa se não professa a religião de Jesus Christo, abram-me a porta, que me quero ir embora.

— Que a menina se quer ir embora sei eu; mas ha de ir quando seu tio quizer. A sua religião bem sei eu qual ella é!... Estavamos aviadas se todas lêssemos pela mesma cartilha...

— Pois olhe que a sua, senhora regente, não ha de levar muita gente ao ceo! Aqui faltam só as fogueiras da inquisição.

— Cale-se! — bradou a velha — Olhe que eu accuso-a ao senhor provedor da Misericordia!

— Que me importa a mim o senhor provedor da Misericordia, não me dirá? Como á minha custa, e não recebo favores nenhuns da Santa Casa! Eu é que lh'os faço em pagar um pessimo quarto e pessimos alimentos por bons cruzados novos.

Delfina, recuperado o alento, ouvira a ultima parte

d'aquelle edificante dialogo, tomado alli ao clarão da lampada do Senhor, na casa de caridade das meninas pobres, e da educação das meninas ricas.

Convem saber quem era esta D. Maria Pacheco, que tão altiva e desabusada contendia com a regente. Diga-se de corrida.

Era sobrinha d'um fidalgo portuense, e filha d'um rico abbade irmão d'aquelle fidalgo. Como se deixasse captivar dos galanteios d'um môço de baixo nascimento, a ponto de entender em matrimoniar-se, o tio, para resguardar o seu brasão d'alguma mascarra, convidou ardilosamente a sobrinha a dar um passeio de sege, e parou á porta do recolhimento, sob pretexto de cumprimentar a regente. A inexperta menina foi com o tio. Apenas se abriu a porta sentiu-se ella impellida de fóra, e puxada para dentro tão á pressa, que não lhe deram tempo de pensar na resistencia.

E lá ficou bem petrechada de adornos para o seu quarto, bem servida de criadas, e com abundantes meios. Isso, porém, não tirava que ella todos os dias verberasse de lingua a regente, a vice-regente, e a porteira, a senhora Innocencia, que, não sabemos se amestrada por ella, já dizia palavradas, que era um regalar-se o porco sujo de ouvil-as.

Esta menina, com alguns annos de reclusão, esqueceu o amador constante, e conseguiu ir a Caldas. Nas Caldas sentiu novas febres d'amor, e desforrou-se da repressão em que lhe tiveram os melhores annos da mocidade. Nem mais voltou ao recolhimento, nem

cuidou de saber que juizo formavam d'ella as fidalgas suas parentas. Ha poucos annos que ella vivia n'uma cidade do Minho, muito amada de seus filhos, e mal vista na sociedade, que duvidava da legitimidade dos filhos. É porém coisa notavel, que esta mesma sociedade applaudiu o tio de Maria Pacheco, quando elle a inclausurou no recolhimento para ella não casar com um homem de quem poderia haver muito honradamente filhos legitimos.

A sociedade é respeitavel e adoravel em suas exquisitices!

— Eu dou-lhe o braço, minha senhora, e acompanho-a ao seu quarto — disse Maria Pacheco a Delfina.

A regente relanceou os olhos para o retabulo de Jesus, como se dissesse: « Perdoai-lhe, Senhor, que ella não sabe o que faz. »

Delfina apoiou-se no braço da pensionista, e entrou na sua cella.

Era esta um cubiculo escuro, que recebia a luz coada por uma fresta de grades, redobradas por outra grade de arames, aberta na parede em tamanha altura, que nem a dobrada altura d'uma encorpada mulher bastaria a lá chegar.

Delfina aterrou-se, e disse:

— Aqui falta-me o ar, meu Deus! Não vivo n'esta furna vinte e quatro horas!

— Tem aqui vivido muita gente — disse a regente — Aqui só não vive quem está abandonada da graça de Deus.

— Se o soffrimento e a expiação é a graça de Deus — replicou Delfina — eu tenho muito que esperar da misericordia divina, minha senhora.

— Primeiro ha de arrepender-se, e conformar-se com a divina vontade — redarguiu a senhora D. Anna Quiteria da Chaga do lado.

— Estou conformada com a divina vontade — balbuciou afogada por gemidos Delfina — Aqui é morrer... e eu morrerei contente.

— Tenha resignação, menina — disse Maria Pacheco — Aqui ha corações com humanidade. Olhe bem para mim, que tambem fui aqui arrastada pelos cabellos, e vivo, e quero viver, porque, se as lagrimas não apagam este inferno, a força de vontade, tarde ou cedo, nos deixa vencer o despotismo e a infamia dos algozes.

— Que linguagem é essa, senhora D. Maria Pacheco?! — clamou a regente.

— É a linguagem que a senhora me tem ouvido muitas vezes. Para que se está a fingir estranha? Posso fallar assim diante d'esta senhora, que não é nenhuma innocentinha, que eu possa estragar, como a senhora diz que estrago as meninas.

— Prohibo-a de estar n'este quarto — retorquiu a regente tremula de raiva.

— Pois prohiba! mande chamar a mesa da Santa Casa. Grite ás armas, a vêr se o general cá vem com a tropa! Bem me importam a mim as suas prohibi-

ções! Se me cá não quer assim, abra-me a porta, que eu prometto não olhar para traz.

— Bem sei, bem sei...

— Pois se sabe, melhor.

Retirou-se a da Chaga do lado, e fez reunir em communidade as orphans para lhes prohibir que entrassem no quarto da pensionista Delfina, ou tivessem com ella conversações fóra do quarto, sob pena de castigar com o tronco as desobedientes.

O tronco era um tumulo de granito sem luz nem ar, com uma enxerga sobre uma tabua, e um alçapão no tecto, por onde as castigadas recebiam o pão e a agua.

N'este tronco penou alguns dias uma senhora, a quem devo a maxima parte do entrecho d'esta historia, porque um dia, compadecida de Delfina, collocou uma cadeira sobre uma commoda, e subiu á cadeira até poder, com uma tesoura, cortar uns arames de modo que a infeliz pudesse, pelo escasso orificio, vêr o filho, que passava com a ama defronte do recolhimento, na pedreira que hoje se chama o jardim de S. Lazaro.

Deu-se este facto posteriormente á época, que vamos historiando, alguns mezes.

Estreitaram-se intimamente em amizade Delfina e Maria Pacheco. Nunca esta conseguiu, porém, desanuviar o semblante da infeliz, atormentada por saudades do filho.

A respeito de D. Francisco, nunca lhe ouviram palavra. Presumo que o não amava, porque não podia

amal-o. Lá tinha o amor de mãe para encher-lhe o coração, e coração bastante nobre para se deixar morrer aos golpes da ingratidão. Não me digam que outras mulheres são feitas de outro barro, porque eu, nem como romancista, admitto absurdos, e muito menos imposturas. Cuida muita gente que as lagrimas da mulher abandonada são o soro do coração amante. É outra coisa: é a ferida da ingratidão que sangra; é o arrependimento da cega e ultrajada confiança, que chora. Ao fogo, que por fim requeima no seio estas lagrimas, ordinario é acendrarem-se as culpas, e sahir a contrição com grandes virtudes, virtudes que pendem de pouco: — basta o esquecimento da injuria recebida da mesma mão, que inflorára o abysmo da mulher, e o despenhára n'elle.

Cá vem as delongas aborrecidas! Ruim vêzo é este da velhice!

Entretanto, D. Francisco de la Cueva conseguira que algumas cartas suas chegassem astuciosamente á mão de Delfina. Em cada sabbado recebia ella uma bandeja com dois pires de geleia, enviada pelos seus parentes. A porteira, que era a innocencia em nome e pessoa, acreditava na legitima procedencia do presente, e mandava-o á pensionista sem exame. Debaixo de um dos pires ia a carta do hespanhol.

Poucas semanas logrou D. Francisco o seu ardil. Descoberta a velhacada nunca mais foi recebida a geleia, e Delfina soffreu duras reprehensões, que seriam

mais pungentes, se Maria Pacheco não sahisse sempre em defeza d'ella.

Algumas criadas do recolhimento foram despedidas por suspeitas de receberem dos seus parentes, comprados pelo hespanhol, cartas para Delfina. Uma d'estas criadas, quando foi despedida, disse á pensionista que escrevesse depressa uma carta, que ella iria pessoalmente entregal-a ao consul. Delfina entregou-lhe umas poucas escriptas em successivos dias, versando todas sobre o filho. A ladina môça cingiu-as entre as meias e as pernas; mas a mais ladina regente fêl-a despir as meias, e achando a papelada, mimoseou a criada com alguns bofetões, e lançou-a a empurrões á rua.

Foram lidas as cartas em consistorio, e decidiu a virtuosa da Chaga do lado, que á vista dos termos amorosos com que a peccadora ainda fallava ao pae do filho, o mundo não podia durar muito, e o reinado do antichristo estava a bater.

Delfina, baldados quantos esforços suggerira Maria Pacheco para vêr o filho, ou ao menos ter cartas do pae, desanimou.

Se até alli, por vezes, o genio divertido de D. Maria Pacheco lhe tirava ao semblante um ar de graça e de resignação, depois as mesmas provocações ao riso a molestavam de modo que Delfina mal podia disfarçar o desgosto.

Com a tristeza sem desafogo vieram os primeiros symptomas de doença mal encarada. Ancias de coração, dôres profundas, tosse a intervallos, e espectora-

ção ensanguentada, com grandes afflicções do apparelho respiratorio.

O doutor Alão, medico do recolhimento, foi logo chamado por Maria Pacheco; como quer, porém, que a regente o iniciasse primeiro nos precedentes da enferma, ouviu elle a exposição da molestia, meditou alguns segundos, e disse a Delfina:

— Tenha juizo, senhora, e terá saude. O seu mal é todo do espirito, e o seu espirito está desvairado. Juizo, juizo é o que ha de cural-a.

— Mas — disse Maria Pacheco — se o senhor doutor fizesse vêr a conveniencia d'esta senhora ir a ares, talvez que ella se restabelecesse.

— Não são ares que ella precisa; juizo, juizo, já disse. Os ares acabavam de enlouquecêl-a. Não tenho mais que lhe diga.

— E se ella morrer!? — atalhou irritada a sobrinha do fidalgo portuense.

— Se morrer! — tornou com faceto espanto o medico — se morrer ha de resuscitar no dia do juizo, se as Escripturas Sagradas não mentem.

— As Escripturas Sagradas são uma grande mentira — redarguiu colerica a Pacheco — na bôca da regente, e na bôca dos medicos que por miseraveis migalhas tomam o partido do fraco contra o forte.

— Parece que quer insultar-me, senhora D. Maria?! — disse offendido o doutor.

— Tome lá como quizer o dito.

— Mas é que eu vou queixar-me.

— Queixe-se!. E veja se consegue que eu seja expulsa d'esta casa.

— Expulsa não; mas n'esta casa ha castigos.

— Isso sei eu, e os algozes são certos sujeitos como o senhor, e como os membros da mesa chamada da *santa casa*, que se chama *santa* por isso que a inquisição tambem era *santa* quando assava o corpo na terra, e mandava assar a alma do peccador ao inferno!

— E a senhora — tornou o Alão, limpando as camarinhas do suor — se nascesse ha cem annos lá iria com bem mais razões que muitos outros tiveram para lá ir.

— Tambem me parece que sim; e o senhor doutor naturalmente era o encarregado de accender a fogueira!... Como não póde ser official da inquisição é medico do recolhimento; e ás infelizes, que cospem sangue, porque não tem ar, manda-as ter juizo... Tanto faz uma cousa como outra....

Foi d'alli o doutor Alão procurar a regente, e expôz em tom declamatorio a sarabanda que lhe deu a filha do abbade.

A regente benzeu-se tres vezes, e, segundo ella disse, sentia vontade de desmaiar. Queria porém o medico que a regente, em vez de desmaiar, fizesse uma formal queixa de Maria Pacheco ao provedor da Santa Casa, a fim de que elle a mandasse recolher ao tronco. A regente, recobrada das ameaças do seu desmaio, disse que as pensionistas não podiam ser castigadas com o tronco; mas sim despedidas por incorrigiveis.

Replicou o Alão, que em tal caso fosse despedida a desenvolta mulher, ou elle se demittia de medico da casa. Então a senhora D. Anna Quiteria da Chaga do lado, entre soluços e flatulencias confessou que o tio de D. Maria Pacheco dava quatro vezes maior pensão para aquella casa, com tanto que lhe aturassem a sobrinha. Que além d'isso tanto o senhor Diogo Leite, provedor, como o senhor doutor João Pedro Gomes d'Abreu, escrivão da Santa Casa, respeitavam muito o tio da pensionista, e já por vezes, queixando-se ella regente, elles lhe tinham dito que a virtude da paciencia era a mais segura ancora para aferrar o porto do ceo; que tivesse ella para com a sobrinha do fidalgo todas as contemplações possiveis. Accrescentou por fim a paciente senhora, que desde muito ella tencionava fallar ao senhor provedor, a fim de augmentar o ordenado do medico, e o fazia na certeza do augmento; e por isso lhe pedia a elle doutor Alão que continuasse a ser o medico da casa com mais cincoenta mil reis de ordenado.

Pungiu-se o doutor á ultima parte do discurso, e cedeu a ficar, pensando que a virtude da paciencia, tanto nas regentes dos recolhimentos, como nos medicos, era a mais segura ancora para aferrar o porto do ceo.

Delfina peorava a rapido progresso.

E, desde que um dia conseguiu vêr o filho pelo ardil que ficou dito, — com tão duro castigo para a me-

nina orphan que cortou os arames — raras vezes sahiu do leito.

Aconselhada por Maria Pacheco, escreveu a seus tios, sujeitando-se a ir viver na aldeia, que elles escolhessem, com seu filho e com os seus recursos. Não lhe responderam.

Escreveu tambem a sua prima Adelaide, pedindo-lhe perdão da offensa, confessando com sincero arrependimento o seu crime, e sujeitando-se a ir para onde a mandassem com seu filho.

Adelaide fez alarde d'esta carta para confirmar a razão com que se estava vingando. E o mundo entendeu que razão de sobra tinha ella para vingança maior.

« É tão desavergonhada, que confessa! » diziam as senhoras da intimidade da familia.

Era, portanto, uma desgraça sem respiradouro.

D. Francisco não podia valer-lhe, nem sequer animal-a com cartas, nem fallar-lhe no filho. A cada hora estava elle esperando, com susto, a sua exoneração do emprego, e a querela instaurada.

Chegára elle a ter o pensamento vil de reconciliar-se com a mulher para aquietar os sustos, e planear com socego uma vingança clandestina, ministrada pelo veneno.

N'este presupposto foi a Hespanha para consultar não sei que raça hereditaria das Locustas e Borgias. O exito d'esta diligencia poderia ser bom; mas, como o successo não provou nada, eximo-me de aventurar hypotheses descaridosas, sobre desnecessarias.

O que sei é que Delfina aos oito mezes de reclusão nenhuma esperança dava de vida, ou de juizo, como dizia o sabio Alão. Amargura incessante, definhamento accelerado, o pulmão cuspido a pedaços, e as agonias, que sendo tantas, lhe não valiam a distrahir-lhe do coração o sangue que sahia em lagrimas: foi o seu viver até ao fim do duodecimo mez de recolhimento.

E, no entanto, dizia-se cá fóra:

« Está no recolhimento de S. Lazaro a morrer uma desgraçada senhora, que morre de saudades de um filho que lhe arrancaram quando a recolheram judicialmente. »

Havia humanidade na voz que dizia isto; mas em redor da pessoa que tal noticia dava, vinte vozes, a um tempo, diziam:

« É bem feito. A humanidade quer-se vingada. São necessarios os exemplos. »

D'estas vinte pessoas, consentaneas em votar á morte a infeliz, uma era uma senhora que deixára morrer de indigencia sua mãe, porque seu marido não queria para sogra uma mulher que illegitimamente se prestára a dar á luz uma menina que ficou herdeira de seu pae, e se nobilitára matrimonialmente pela herança.

A outra era uma adultera, que levou a mal que seu marido se mostrasse compadecido de Delfina.

A outra era uma viuva, que defraudava o patrimonio das filhas, esbanjando-o em brindes que faziam supportavel, mas dobradamente ridicula, a decrepitude do seu vicio.

A outra era uma antiga criada de servir, que ajudára a matar com desgostos a ama, e casára com o amo, illeso da diffamação publica.

A outra era uma religiosa franciscana, que pedira licença para tomar ares, e medrava admiravelmente no ar pestifero das lagoas pontinas da devassidão.

A outra era uma brazileira, chegada recentemente de Pernambuco a titulo de buscar saude em clima temperado; mas a verdadeira causa da sua excursão á Europa era estar culpada de enorme roubo de joias feito ao commerciante que fallecêra quando ella lhe administrava a casa e educava as filhas menores.

Outra....

Imaginem o que quizerem, na certeza que não se enganam.

Onde estão vinte pessoas reunidas em pregão de insulto ao infortunio, ahi, sem duvida, estão acobertados vinte crimes. Do elo da libertinagem ao elo da ladroeira preencham a cadeia com os fuzis que faltam. Dispensa-se a imaginação e engenho para a obra.

O medico Alão foi um dia á cella de Delfina, voltou á da regente, e disse:

— A pensionista não vive tres dias. Sacramentem-na, que é tempo.

Maria Pacheco tomou á sua conta dizer a Delfina que estava em risco de morte.

A enferma ouviu as redundancias da sua melindrosa amiga, e respondeu:

— Estava farta de o saber, minha amiga. Estou prompta para receber o confessor; mas não me será permittido confessar-me lá fóra, e sacramentar-me em sitio onde possa vêr o ceo e despedir-me do meu filhinho?

Foi Maria levar este recado á regente.

A regente disse que não dependia d'ella a sahida da enferma, senão com a melhor vontade lhe abria a porta.

E, dizendo, pôz a mão sobre o coração e os olhos no tecto, á falta de ceo, que costuma testemunhar impassivelmente muitas appellações blasphemas e sacrilegas.

Maria Pacheco sahiu murmurando:

— Corja de hypocritas!

— Que vai dizendo a senhora? — exclamou a da Chaga do lado.

Maria retrocedeu ao limiar da porta da regente, e disse em voz sonora e vibrante!

— Corja de hypocritas! foi o que eu disse.

— Isso é comigo? — tornou a regente.

— É sim, senhora.

— É muito mal-criada, senhora D. Maria Pacheco!

— Mas não negoceio com a religião, senhora Anna Quiteria.

— Veja lá como falla, e com quem falla! — bradou a regente, ultrajada pela elipse do *dom*.

— Sei que fallo com a senhora Anna Quiteria, que antes de ser D. Anna da Chaga do lado era a senhora Anninhas, filha da senhora Rosa, doceira de Cima-de-Villa.

A regente sentou-se, porque sentia desarticularem-se-lhe os joelhos, e esbofava e suava.

Maria sahiu magestosa como rainha, e jubilosa da sua vingança, como quem saldou contas com um inimigo e com a sua consciencia.

Ó raça das nobres e soberbas mulheres, nunca tu te extingas, para que a humanidade possa admirar em si o melhor que o divinal engenho do Creador lhe deu!

Voltou Maria ao quarto da moribunda, e disse-lhe:

— Não tens licença para sahir, anjo. Bebe o teu calix até ás fezes.

— Beberei — disse Delfina.

Sahiu Maria chorando, e mandou chamar seu tio.

Veio logo o fidalgo, a quem ella contou o estado da sua amiga, pedindo-lhe encarecidamente que fosse elle implorar aos parentes que a deixassem morrer ao ar livre, e despedir-se do filho.

Foi o velho a Villa Nova. Pediu, instou, e conseguiu que Delfina sahisse do recolhimento, e se abrigasse n'uma casa situada no Candal, pertencente aos seus parentes.

Era a casa onde ella tinha nascido, quando seus paes, abastados e regalados de confortos, alli iam passar o estio.

Voltou o fidalgo com a licença do juiz do crime sobre a licença de Adelaide.

Maria deu a nova á sua amiga. Delfina lançou-se fóra do leito, exclamando:

— Ar! ar! meu Deus! vou vêr o meu filho!...

E lançou-se aos braços de Maria.

A regente, vendo-a a pé e animada, segredou á vice-regente:

— Olha como ella já tem forças! A velhaca andou a enganar-nos com a doença... O que ella queria era sahir.

Estava a este tempo sem sentidos a infeliz. Casualmente passava o medico, e tomou-lhe o pulso.

— Será bom sacramental-a — disse elle.

Perguntou Maria a Delfina se queria tomar os sacramentos antes de sahir. Respondeu Delfina que sim.

Sacramentou-se, depois que pediu a todos perdão do escandalo que a sua desgraça lhe fizera dar n'aquella casa. Choravam muitas meninas.

Maria Pacheco fitou os olhos na cara da regente, e murmurou:

— Nem uma lagrima! É de ferro a alma d'esta mulher!

A da Chaga do lado não retrucou. Disse que ia pedir a Deus que désse saude á enferma, ou a gloria eterna á sua alma.

E foi para a cella fazer a conta relativa aos dias do ultimo mez que Delfina estivera no recolhimento, e comer umas sôpas tiradas da ôlha da panella, com os quaes cilicios a beata cingia os rins ás onze horas da manhan, para evitar a quéda da espinhela, a que era atreita.

Sacramentada Delfina, chegou uma carruagem á porta. Era a carruagem do tio de D. Maria Pacheco.

Momentos antes mandára Maria um bilhete ao consul, dizendo: « Delfina vai sahir. Mande o menino esperal-a á ponte. »

A mulher forte, Maria, ao dar o extremo abraço na penitente, succumbiu.

— Nunca mais vêr-te, martyr! — exclamou ella, e desfalleceu.

Foi Delfina levada em braços á carruagem.

— Os cavallos que vão muito de vagar — disse o medico Alão.

E partiu, a passo de sahimento, a sege.

Delfina não póde supportar a luz do sol. Era n'um dia de julho. Defendeu os olhos com o lenço ensopado em lagrimas, e correu as cortinas das vidraças.

Á entrada da ponte abriu-as, e viu sentada a ama com o menino no regaço. Fez parar a sege com um grito estridente, que o boleeiro julgou ser o arrancar da morte.

Chegou-se á portinhola a ama, e curvou-se Delfina para tomar o filho.

— Como estás lindo! — exclamou — Como te deixo lindo, meu querido anjo!

A criança encarava n'ella com assombro, e levava as mãosinhas á face onde a mãe lhe deixava o fogo dos labios febris.

— Conheces-me, Francisco? — dizia ella, enxu-

gando as lagrimas que lhe turvavam a luz. — Conheces tua mãe?

O menino relanceava os olhos entre a mãe e a ama.

E a ama disse á criança:

— Esqueceu-se do que lhe disse o papá, menino?

— Que te disse, filho? — exclamou Delfina.

— Que abraçasse muito a maman — balbuciou o menino.

Delfina abraçou-o com delirante fogo, e de subito afastou-o de si impetuosamente, dizendo em voz convulsa:

— Estou a matar-te, filho! Tenho a morte na garganta! Parece-me que já ardes da minha febre. Tome-o, tome-o, ama... Fuja com elle de mim... Preciso ter quem me chore no futuro... Fuja, fuja, ama. Diga ao pae d'este anjo que o ame sempre por amor do que eu padeci... Diga-lhe que me não lastime d'esta hora em diante... Adeus!... Outro beijo, o ultimo, meu filho... e adeus até ao ceo!

Retirou-se a ama afogada em lagrimas.

E a carruagem caminhou lentamente.

Delfina ainda lançou a cabeça fóra da portinhola, e viu o filho nos braços da ama.

Acenou-lhe com o lenço, e a criancinha abriu e fechou os dedinhos em quanto avistou a carruagem.

Além da ponte estava um servo dos tios de Delfina, que devia guiar o boleeiro.

Subiram os cavallos a encosta de Villa Nova. No tôpo estava a casa destinada.

— Pare aqui — disse o guia.

O boleeiro apeou, e pediu uma cadeira para a doente firmar o pé, e foi abrir a portinhola.

Reparou que a senhora estava toda reclinada a um canto do respaldo da sege.

— Minha senhora! — exclamou elle, ousando tocar-lhe nas mãos. — Não responde — disse, voltado para o criado. — Acho que vem sem sentidos... Mas as mãos estão a arrefecer!...

A este tempo acercou-se da sege um homem offegante de cansaço, puxou para si o corpo de Delfina, chamando-a com voz dilacerante.

Era D. Francisco de la Cueva.

Delfina não lhe respondeu.

As respostas da eternidade não se ouvem aqui.

Quando ás vezes aperto a mão do filho de Delfina, sinto vontade de lhe dizer:

— Acaso sabe o senhor a historia de sua mãe?

XIV.

ISTO PRECISA SER COMPLETAMENTE ARRAZADO. São palavras do senhor D. Pedro V, ao sahir das cadeias da Relação, quando, primeira vez, as visitou.

Que tinha visto o rei? Tudo, as extremas miserias que nunca viram monarchas. Se alguma vez rei de Portugal entrou ás enxovias, não o dizem chronicas. Pedro V foi o primeiro principe que se affrontou com a face mais cancerosa e repulsiva da humanidade. Parece que os horrores lhe eram deleite. Contemplava sereno a agonia dos colericos: a face do moribundo tem uns como resplendores da alva da eternidade; mas o aspeito patibular do parricida parece que tem como sculpidas as contorsões da agonia da alma.

Não foi a curiosidade artistica, nem a cubiça de sensações, que encaminhou o rei ao interior d'aquellas paredes cintadas e chumbadas de ferro. Foi a presumpção de encontrar alli homens mais castigados que as feras, engaioladas e alimentadas por fausto, embora ellas tenham devorado tribus nos seus sertões.

O rei apeára inopinadamente á porta da cadeia. O carcereiro era um alferes de veteranos, que n'aquelle momento perdeu todo o seu espirito militar e marcial desassombro. Como eu estivesse no escriptorio, contemplei o spasmo do velho soldado do Roussilhão, o qual, a saber lêr, morreria marechal de campo; e para ser aos quarenta annos sargento, aprendeu a escrever o nome com a mais imaginosa das calligraphias.

Era de suppôr que o senhor Nascimento, (já lá está na presença do Rei dos reis) á chegada do monarcha, descesse ao páteo a recebêl-o. Assim o teria feito se o deixassem pensar, se o avisassem quinze dias antes. Esperou o rei no seu escriptorio, e á pergunta: « Quem é o carcereiro? » respondeu:

— Saberá Vossa Magestade que sou eu, á falta de homens.

D. Pedro V correu-o com os olhos, e disse:

— Conduza-me ás enxovias.

Abriram-se os alçapões dos calabouços. O carcereiro, querendo ser menos urbano, teria descido adiante para guiar nas precipitosas escadas, e na quasi escuridão do recinto, o rei que lhe media a profundeza. Porém o aturdido velho estendeu as mãos, e arqueou o dorso, como quem cede a honra primacial da entrada. Sua Magestade desceu rapidamente, como se pizasse os tapetes das marmoreas escadarias dos regios paços. Á sua chegada uns prêzos petrificaram, outros ajoelharam, e alguns, voz em grita, pediam a liberdade. Transluzia no candido rosto do soberano a compaixão

de espectaculo tão atrozmente necessario ás relações do homem com o homem, do filho de Deus com os seus irmãos. Da primeira passou a outras enxovias, recebendo de todas, ao abrir os alçapões, o halito pestilencial da respiração e da immundicia de centenares de prêzos.

Foi ao calabouço das mulheres, uma das quaes, de mãos postas, rezou o padre nosso, em quanto outra dizia ao rei:

— Mande-me Vossa Excellencia dar liberdade, que eu não torno a cahir n'outra.

O rei sorriu, e a custo se desatou da mulher que lhe abraçava as pernas.

Entrou depois nos salões do segundo andar, em um dos quaes todos os prêzos cahiram estrondosamente em joelhos á voz do parricida Mendes. O rei disse a um dos guardas da cadeia:

— Diga a esses homens que me recebam de pé.

Passou entre as alas, e instado a acceitar requerimentos de muitos, disse:

— Mandem-m'os ao paço, que eu farei o que puder.

Subiu aos quartos de Malta, e entrou ao limiar de todos os cubiculos, perguntando a cada prêzo o seu crime.

Respondiam quasi todos por uma voz:

— Moéda falsa.

Sua Magestade, ao quinto prêzo por moeda falsa, sorriu para o senhor Thiago Horta, e murmurou em secreto algumas palavras.

Um moço ourives, que alli estava arguido de roubo, respondeu sinceramente:

— Estou prêzo por furto.

— Começou muito cedo — disse o monarcha.

Sahi fóra do meu quarto para cortejar o rei á entrada.

O senhor Thiago Horta proferiu o meu nome, e Sua Magestade fez um gesto de admirado, e disse:

— Não esperava encontral-o aqui!

Mas áquelle gesto seguiu-se outro de reflexão e assentimento em que eu vi que o rei achára nas suas reminiscencias o motivo da minha prizão.

— Ha quanto tempo aqui está? — perguntou.

— Ha dois mezes e meio.

— Entretem-se em escrever?

— Apenas tento entreter-me.

— Diz bem: o local é improprio para trabalhos de espirito. Deve aqui haver muita bulha.

— Creio que os primeiros quinze minutos de silencio n'esta casa são os que Vossa Magestade aqui trouxe.

O rei deu alguns passos no meu quarto, e reparou um instante n'um livro aberto, que era um Plutarco, na vida dos varões illustres.

— Observou-me fitamente, e disse-me:

— Estimarei que se livre cêdo.

— Isto deve estar a terminar — disse o senhor ministro das obras publicas.

— Começa agora — respondi eu.

El-rei olhou-me com visivel compaixão, relanceou os olhos ás abobadas, e sahiu, repetindo:

— Estimarei que se livre cêdo.

Passou Sua Magestade á enfermaria dos prêzos, e á das prêzas em seguida.

Na extrema d'esta ha uma porta que abre para o quarto d'uma senhora, que alli estava prêza.

— Que é alli dentro?

— Saberá Vossa Magestade — disse o carcereiro — que é o quarto da senhora D. * * *.

O rei entrou, e a senhora foi chamada do corredor onde tinha o seu asylo de trabalho.

Com a senhora veio um menino nos braços de sua ama.

D. Pedro V cumprimentou a prêza, perguntando-lhe o tempo de sua prizão. Reparou no menino, e acarinhou-o, perguntando-lhe o nome e a idade. A mãe respondeu pela criancinha, e o rei deteve-se a contemplar a infeliz. Ao lado do monarcha compungido estava o senhor marquez de Loulé, pensando, por ventura, que n'aquelle dia tinha de banquetear-se no palacio d'uma irman d'aquella encarcerada.

Sahiu Sua Magestade, e, ao descer as escadas, proferiu as palavras iniciaes d'este capitulo: ISTO PRECISA SER COMPLETAMENTE ARRAZADO.

Mezes depois voltou Sua Magestade á cadeia. Receava-me eu de ser mal-visto do monarcha, á conta de uma imprudente carta que estampei nos jornaes. Re-

vivo com desprazer a causa. Dissera-se que eu recebêra dois contos de reis, dadiva do soberano. Os meus amigos perguntavam-me se eu os recebêra, como certissimos de que eu os enganava, respondendo negativamente. Dei o boato como inventado no Porto, e ponderei-o como todas as calumnias que por aqui me assaltam, e eu esmago entre a sola e a lama. Quando, porém, um respeitavel cavalheiro e amigo, Antonio Joaquim Xavier Pacheco, me asseverou que vira uma carta de Lisboa, dizendo que o senhor Conde da Ponte me ia enviar dois contos de reis por ordem do rei, apressei-me a desmentir a calumnia, ou a rebater a esmola sem mais vaidade que a do trabalho, que a si se basta.

A minha carta era necessaria; as phrases é que peccaram de leviandade de orgulho. O rei, que entre as suas maximas virtudes preluzia na delicadeza, que doura todas, certamente não mandaria esmolas ao homem que tinha a facil coragem do suicidio, antes da angustiosa fraqueza de as pedir.

Ora eu sabia que nenhum escripto de certos jornaes era estranho a el-rei, e a minha carta fôra publicada em alguns, e encarecida n'outros como briosa acção.

D'isto me accommettia o receio de ter-me malquistado com a primeira benevolencia do rei.

Enganei-me. O senhor D. Pedro V era um anjo: não sei dar-lhe outro nome.

Foram estas as suas palavras:

— Ainda aqui está?!

— E estarei amarrado com correntes de ouro áquelles varões de ferro.

Deteve-se a pensar, e olhou para dois cavalheiros que estavam comigo.

Depois me disse o que já referi concernente ao prêzo José Bernardino, com um geito de tamanha bondade, que eu, a não ser prêzo, dobraria sem pejo o joelho para beijar-lhe a mão.

A minha livraria estava cercada d'um biombo com vidraças, atravéz das quaes Sua Magestade observou os livros, notando com risonho gesto, que era copiosa bastante para prêzo. Eu disse a Sua Magestade que apenas tinha alli *numerosas insignificancias*.

— Este quarto é mau! — disse o rei, encarando no papel, que rebordava da parede em rolos, formando caprichosas laçarias e cornijas.

— Vive-se aqui — respondi — Viveu n'este quarto alguns mezes o senhor duque da Terceira, e...

Sostive a phrase para deixar em silencio e em desmemoria o açougue de 1829.

— Agora deve estar a terminar o seu infortunio? — disse Sua Magestade.

— Hei de ser julgado em outubro.

Sahiu o rei, e correu de novo as enfermarias, e retrocedeu quando se abriu a porta da prizão onde estava a senhora, mãe do menino, que vinha pela mão do general Caula.

El-rei chamou de parte o senhor infante D. João,

naturalmente a dar-lhe a causa de não entrar n'ac quarto, onde a senhora, expondo-se á mera cu dade de quem quer que fosse, ajuntava a humill inutil ao infortunio insanavel. O rei constituc não podia repetir as palavras de Jesus de Nazaretl

Sua Magestade, ao sahir segunda vez da ca disse:

— SEMPRE A MESMA MISERIA!

XV.

« Desgraçado Portugal, que não tens um ministro! » declama o senhor doutor Ayres de Gouvêa, pungido de dó, e engulhoso do enôjo que nossas cadeias lhe causaram, e nomeadamente a da Relação do Porto (1).

Razão teve de enojar-se e doer-se; mas assim mesmo sua excellencia, a ser menos poeta, iria da cadeia com menos nauzeas e pungimentos de sua feracissima phantasia.

Contou o florente e ramalhudo escriptor ao paiz uma historieta de grão pavor a proposito da Relação. Bom seria dal-a textual, a fim de que os leitores sabo-

(1) *Reforma das prizões.*

reassem a nata de lusitanismos, que, passados e agorentados na minha fieira chan, hão de sahir chilros e insôssos. Olhando, porém, a não avolumar o livro, summariaremos o essencial. Conta o cathedratico que os prêzos nas enxovias travam *brigas horriveis em que se esfaqueiam e até se matam, sem que os soldados das sentinellas se aventurem a descer a esses antros.* Então se abrem os alçapões, e *um ou dois saccos de cal são de chofre despejados; esta, batendo no chão, ergue-se em nuvens suffocadoras*, e os prêzos ficam prostrados.

Isto é que é rasgar baêtas de poesia crespa e horrente!

Aconteceu uma vez, ha muitos annos, aplacarem-se os prêzos mediante o despejo da cal: facto unico, não mais repetido. Raro mesmo se tem dado a necessidade de entrarem soldados ás masmorras para aquietar os desordeiros; e memoria de homicidios, procedentes de brigas, não ha nenhuma. Os prêzos brigões são removidos para outras enxovias, quando recalcitram ás admoestações das authoridades. Presenciei mais de um anno decorrido, sem mediano disturbio. O procurador regio, se suspeitava de rixas entre prêzos, prevenia as desordens separando-os.

O carcereiro não *espolia os prêzos caprichosamente*, conchavado com o juiz da prizão, como assevera o senhor doutor Ayres. O prêzo usa, quando lhe praz, o direito de petição, e mensalmente as authoridades percorrem as cadeias para ouvil-o: creio que nunca os juizes foram arguidos de espoliadores, nem os carcereiros

de os authorisarem. Uma vez unica observei que um prêzo mandava vender a jaqueta para pagar a carceragem; mas o carcereiro d'essa época era um funccionario interino que, antevendo a demissão, nenhuma infamia quiz deixar exceptuada na sua gerencia. Dois carcereiros conheci que davam as suas roupas usadas aos prêzos indigentes, e resignavam aos emolumentos, se elles espontaneamente lh'os não pagavam.

Os carcereiros não ganham *cem reis* por dia, como affirma o senhor doutor Ayres. O ordenado e emolumentos orça por seiscentos mil reis o minimo, e n'alguns annos sobe a novecentos mil reis.

Apavorou-se o escriptor de encontrar em domingo de paschoa os prêzos *comendo, bebendo, e galhofando*, quando cá fóra *tudo é paz, hymnos nos templos, amor nas familias, e orações para Deus.*

Isto é bonito em strophes; mas n'um livro de reforma de prizões é exquisita poesia!

O dia de paschoa, fóra da cadeia, é um dia em que o vinho corre a frôxo, e os estomagos se repletam a estoirar. Os prêzos comiam, bebiam e galhofavam, não tendo outros expedientes de solemnisar o dia. Aquelle *ruido satanico de blasphemias, de pragas, de injurias*, que o doutor ouviu, é uma historia. Se comiam, não blasphemavam; se bebiam, não praguejavam; se se divertiam, não injuriavam. Parece até, no dizer do doutor, que os pobres homens se estavam amando uns aos outros n'aquelle dia, porque *se abraçavam e gesticulavam*, e andavam *ás cabriolas.*

Conta o senhor doutor:

« A minha presença trazia-me chascos aos ouvidos, este pedia-me uma esmola, aquelle despegava do magote para vir medir-me d'alto a baixo. »

Que milagre! O senhor Ayres é pessoa muito de medir-se d'alto a baixo, e o prêzo sente naturalmente a intuição do bello e do maravilhoso.

Pena foi que as authoridades, prevenidas do illustre hospede, não impozessem aos prêzos e suas familias o jejum n'aquelle dia, e os não mandassem cantar hymnos no templo, e orarem em communidade, como cá fóra se faz!

No tocante a chascos á pessoa do senhor doutor, aqui ha pincelada negra no quadro feito a capricho. Os prêzos são tão humildes, que se perfilam em alas á chegada d'um estranho. Entrei diversas vezes nos salões, e admirei a compostura e seriedade de centenares de homens, que por mim só tinham a deferencia que devemos a quem se compadece de nossos infortunios.

Estava o *José do Telhado em meio da turba... Isto é um pandemonium, um inferno!* — exclama o doutor, espantadiço de coisa tão natural. Onde queria o reformador que estivesse José do Telhado? A lêr a biblia, ou a cantar hymnos no templo. Os reformadores poetas são como os reis philosophos de *Voltaire*.

O senhor doutor Ayres quer que se remova d'alli a cadeia, e se edifique outra nos arrabaldes do Porto. Alvitra que se venda o mosteiro das freiras benedictinas, a cujo muro tem sua excellencia encostado o sol-

lar, que ha de ficar vistoso, derrubado o muro. A razão primaz do seu alvidramento é que as cadeias, *erguendo-se em meio da labutação industrial do povo, ao lado d'habitações todas honestas e pacificas, alertarão incessantemente a consciencia publica em relembrar-lhe a ideia do crime.*

E ajunta:

Isto não tem nada de proveitoso. Julgaes intimidar com a vista do edificio prizional, e colheis em resultado, com ter esperto o conceito do delicto, uma quebra constante na tranquillidade social, que tão benefica é para o seu adiantamento.

Os allemaens que entendam estas maravalhas; mas sempre é bom não *alertar incessantemente a consciencia publica em relembrar-lhe a ideia do crime*, presuposto que o crime é um engodo, e a cadeia uma paizagem convidativa. Tem ideias!

No tocante ao local da construcção, opina o senhor doutor Ayres de Gouvêa que o muro da prizão *seja construido invencivel muralha da fortaleza da cidade, afundado exteriormente com largos vallos*, para que a cadeia se torne, *ao vir a necessidade, inexpugnavel castello e primeira defeza da cidade.*

Isto sim, que é reter alli nas muralhas um seminario de patriotas, uma legião de bravos! Á primeira fenda que uma granada abrisse no baluarte, os prêzos sahiam todos por ella, arremettiam aos aggressores, e voltavam carregados de tropheus.

O senhor Ayres, quando poetava em mais comesi-

nhos assumptos, aventou o plano d'um gremio de bardos, e elegeu, como local, o convento da Serra, por estar mais achegado ao ceo, d'onde desciam as inspirações. As suas ideias florejam todas, e desde muitos annos, n'uma estufa onde não entra o ar commum, que aviventa o restante da humanidade.

Agora direi o que é actualmente a cadeia, reformada por immediata inspecção do senhor Camillo Aureliano da Silva e Sousa, procurador regio.

A serventia das enxovias deixou de fazer-se por alçapões. Ha portas de communicação para o páteo central, onde sahem os prêzos a receber os alimentos, e onde entram as familias dos prêzos á hora permittida. A communicação exterior, das grades para as ruas, cessou com a reformação interna.

Os prêzos que tem officio trabalham e vivem juntos como em vasta officina de occupações mais semelhantes. Os operarios em esparto estão em commum; alfaiates e sapateiros trabalham á parte d'aquelles; os carpinteiros tem os seus bancos em cada prizão; os prêzos que entram sem officio aprendem a trançar chapéos, a fazer escovas, ou outros mesteres de menos difficil aprendizagem.

As tarimas foram ou vão ser reformadas, segundo os dictames de melhor hygiene, que nunca será a precisa, porque a ventilação da casa é má e irremediavel.

Os prêzos necessitados recebem vestimentas da procuradoria regia ou da Misericordia. A limpeza corporal requer reformas fundamentaes, que a simples fisca-

lisação das authoridades administradoras da cadeia não basta a fazer. Ainda assim os prêzos se não andam lavados, é porque já fóra da cadeia gostavam de andar sujos. A agua é abundantissima; lá estão algumas tinas á disposição dos prêzos.

Ao actual procurador regio se deve a iniciativa de muitas obras, se não perfeitas, o mais que podiam sêl-o em conformidade com a localisação e os recursos. Em obras de segurança, merece louvores a authoridade, até mesmo pela superfluidade de ferro que manda cintar em portas, e triplicar nas janellas. Em corredores devolutos vão construir-se quartos particulares para prêzas que os queiram pagar. A enxovia está sendo o receptaculo commum de todas. Ha poucos dias vi eu, no escriptorio da Relação, uma senhora accusada de envenenar e matar o marido, pedindo com lagrimas que a tirassem da enxovia, ou a mandassem matar. O carcereiro não podia sequer fazer-lhe o favor de a matar. Está a criminosa condemnada a pena capital. Esta sentença é um ludibrio para os criminosos que desejam morrer. A padecente ha de agonisar alguns annos em enxovias, e depois será levada á sepultura d'Africa.

Tanto bradar contra a pena de morte! De que esteios de esperança pende a vida d'aquella mulher? Quem cuida em morigeral-a, e rehabilital-a pelo arrependimento? Onde encontrará ella o sacerdote que lhe accenda o fogo interior do remorso purificante, e depure alguma porção da alma que a sociedade repelle, e Deus misericordioso acceita?

A pena de morte devia ser exterminada quando ao condemnado se concedesse a vida com a esperança de resgatar-se da pena, pela expiação, ou da justiça eterna, pelo pezar, se a justiça humana fosse inexoravel.

CONCLUSÃO.

Fecham-se as MEMORIAS.

Ha n'ellas uma grande lacuna. Eu devia ter dito por que estive prêzo um anno e dezeseis dias. Não disse, nem digo, porque verdadeiramente ainda não sei porque foi.